

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E
NOVAS TECNOLOGIAS**

RAQUEL MACHADO LOPES RUDNIK

**INSTAGRAM NA ARTE: ABORDAGEM TRIANGULAR, TEORIA
DAS CORES E IMPRESSIONISMO**

CURITIBA

2020

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

RAQUEL MACHADO LOPES RUDNIK

**INSTAGRAM NA ARTE: ABORDAGEM TRIANGULAR, TEORIA DAS
CORES E IMPRESSIONISMO**

CURITIBA

2020

RAQUEL MACHADO LOPES RUDNIK

**INSTAGRAM NA ARTE: ABORDAGEM TRIANGULAR, TEORIA DAS
CORES E IMPRESSIONISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação e Novas Tecnologias – do Centro Universitário Internacional - UNINTER, Curitiba, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Otávio dos Santos

**CURITIBA
2020**

R916i Rudnik, Raquel Machado Lopes

Instagram na arte: abordagem triangular, teoria das cores e impressionismo / Raquel Machado Lopes Rudnik. - Curitiba, 2020.

160 f. : il. (algumas color.)

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Otávio dos Santos
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional UNINTER.

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte e tecnologia. 3. Cor na arte. 4. Impressionismo (Arte). 5. Redes sociais online. 6. Inovações educacionais. I. Título.

CDD 371.334

Catálogo na fonte: Vanda Fattori Dias - CRB-
9/ 547



uninter.com | 0800 702 0500

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS
Secretaria do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias

Defesa Nº 024/2020

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

No dia 21 de setembro de 2020, às 14h, reuniu-se via web conferência a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelos professores doutores: Rodrigo Otávio dos Santos (Presidente-Orientador-PPGENT/UNINTER), Luciana Martha Silveira (Integrante Externo/UTFPR), Alvin Moser (Integrante Institucional Interno/UNINTER), Joana Paulin Romanowski (Integrante Interno Titular-PPGENT/UNINTER), Ivo José Both (Integrante Interno Suplente-PPGENT/UNINTER), para julgamento da dissertação: "INSTAGRAM NA ARTE: ABORDAGEM TRIANGULAR, TEORIA DAS CORES E IMPRESSIONISMO", da mestranda Raquel Machado Lopes Rudnik. O presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida à mestranda, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da banca.

Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e comunicou o Parecer Final de que a mestranda foi:

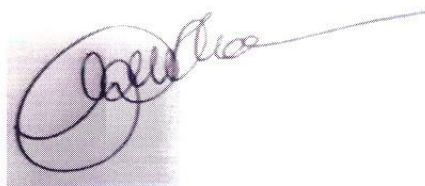
- (X) APROVADA, devendo a candidata entregar a versão final no prazo máximo de 60 dias.
() APROVADA somente após satisfazer as exigências e, ou, recomendações propostas pela banca, no prazo fixado de 60 dias.
() REPROVADA.

O Presidente da Banca Examinadora declarou que a candidata foi aprovada e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pelo professor orientador, no formato impresso e PDF, conforme procedimentos que serão encaminhados pela secretaria do Programa. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.

Recomendações: Revisão Textual e recomenda-se a publicação da parte relativa à exposição em artigos.



Rodrigo Otávio dos Santos
Presidente da Banca



Luciana Martha Silveira
Integrante Externo



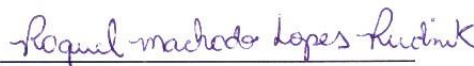
Alvaro Moser
Integrante Interno Institucional



Joana Paulin Romanowski
Integrante Interno Titular



Ivo José Both
Integrante Interno Suplente



Raquel Machado Lopes Rudnik
Mestranda

À minha mãe, Maria Ester, meu pai, Maurício, minha irmã Débora, meu esposo, Marcelo, minha filha, Sarah, minha sogra, Hilda, e meu orientador, Rodrigo, pelos seus inúmeros benefícios em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pela paciência e ajuda de todos os dias; muitas vezes pensei em desistir, mas Ele tem me proporcionado forças para continuar.

Ao meu esposo, Marcelo Luiz Rudnik, por estar sempre ao meu lado, me ajudando, cuidando da nossa filha e tendo paciência comigo quando mais precisei.

À minha sogra, Hilda, por ter cuidado da minha filha nos fins de semana para eu poder estudar.

Ao Prof. Dr. Rodrigo Otávio dos Santos, pela ajuda nas orientações, repreensões, sugestões de temas, livros e autores e, principalmente, por me tolerar desde o primeiro dia, em que já queria fazer a dissertação.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias da Uninter.

Às minhas amigas de trabalho, Ana e Valdineia, pelos seus inúmeros incentivos para que eu fizesse o mestrado.

A uma amiga especial, Silvia, por sempre ter me motivado.

Aos meus familiares, por terem me ajudado, orado por mim e feito de tudo para que não desistisse e chegasse até aqui.

Às aulas da professora Joana Romanowski e do professor Ivo Both, que me fizeram refletir sobre minha prática em sala de aula.

Aos desafios durante o mestrado e a todos que se importaram comigo, meu muito obrigada!

RESUMO

Esta dissertação visa à produção de uma exposição de obras impressionistas na rede social Instagram, na qual o aluno irá comentar as obras selecionadas pelo professor, de artistas como Monet, Renoir, Visconti e Castagneto, sendo uma proposta para os professores de Arte de ensino do Impressionismo a partir do estudo da teoria das cores, por meio de exposição de fotografias. Tal proposta objetiva sanar as dificuldades verificadas pela pesquisadora, tanto como acadêmica quanto como docente, vinculando as aulas de Arte às novas tecnologias, para aguçar a curiosidade do aluno sobre esses conteúdos. O ensino do Impressionismo e das cores foi apresentado pela análise das obras por meio das cores, sendo Freire e Ana Mae Barbosa mentores do trabalho com a cultura visual na escola. O intuito é estimular a discussão sobre os métodos de ensino da disciplina Arte, minimizando as dificuldades presentes na educação, pela elaboração de uma estratégia para o professor atuante fazer um ensino de melhor qualidade, utilizando a abordagem triangular para a análise das imagens do Impressionismo. Para tanto, a pesquisa tem abordagem qualitativa, a partir de estudo bibliográfico, e empírica, na opinião de alguns pesquisadores, por não considerar a repetibilidade e reprodutibilidade. Percebeu-se, a partir das análises dos contextos, que utilizar ferramentas tecnológicas, como o celular, pode se mostrar um importante estímulo para o ensino da arte vinculada ao Impressionismo e da teoria das cores, com a elaboração de uma proposta que se apropria das redes sociais nas aulas de Arte, obtendo como produto uma indicação de exposição impressionista no Instagram sobre os assuntos estudados.

Palavras-chave: Instagram. Impressionismo. Novas tecnologias. Ensino das cores. Educação.

ABSTRACT

This dissertation intends to produce an exhibition of impressionist works on the social network of Instagram, in which the student will comment on the works selected by the teacher, by artists such as Monet, Renoir, Visconti and Castagneto, being a proposal for art teachers from elementary school, more specifically from the 8th year of public school, aiming at teaching Impressionism based on the study of the Theory of colors, through the exhibition of photographs on Instagram. The proposal developed in this study, aims to remedy the difficulties found by the researcher, both as an academic and as a teacher, linking art classes with new technologies to whet the student's curiosity to be more interested in these contents. The teaching of Impressionism and colors was presented by analyzing the works through colors. Freire and Ana Mae Barbosa also appear as inspirational mentors to work on visual culture at school. The intention is mainly to stimulate the discussion about the teaching methods of the discipline of art, solving the difficulties present in education, elaborating a strategy for possible solutions that the acting teacher could find to make teaching with better quality, also using the triangular methodology for photo analysis. Thus, the research has a qualitative approach, with a bibliographic study, making it empirical in the opinion of some researchers, as it does not consider the production of repeatability and reproducibility. It was noticed, from the analysis of the contexts, that using technological tools, such as cell phones, can prove to be an important stimulant for teaching art linked to Impressionism and color theory, with the elaboration of a proposal that appropriates of the social networks in the art classes, obtaining as a product an indication of an impressionist exhibition on Instagram, on the subjects presented.

Keywords: Impressionism. New technologies. Color teaching. Education. Instagram

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	TURNER, WILLIAM. LE DERNIER VOYAGE DU TÉMÉRAIRE. 1838. ÓLEO SOBRE TELA. 90,7 X 112,6 CM.....	22
FIGURA 2	LEBOURG, ALBERT. VIEW OF NOTRE DAME AND THE SEINE. 1895. ÓLEO SOBRE TELA.....	29
FIGURA 3	MANET, EDOUARD. LE DÉJEUNER SUR. 1863. ÓLEO SOBRE TELA. 208X264 CM.....	32
FIGURA 4	MONET, CLAUDE. LES MEULES. 1890. ÓLEO SOBRE TELA. 60X100 CM.....	35
FIGURA 5	RENOIR, AUGUSTE. L'AVANT-SCÈNE. 1874. ÓLEO SOBRE TELA. 127X92 CM.....	37
FIGURA 6	GRIMM, JOHAN. VISTA PANORÂMICA DE SABARÁ. 1891. ÓLEO SOBRE TELA. 98X57 CM.....	39
FIGURA 7	VISCONTI, ELISEU. RETRATO DE NICOLINA VAZ DE ASSIS. 1904. ÓLEO SOBRE TELA. 100X81 CM.....	41
FIGURA 8	CASTAGNETO, GIOVANNI. PORTO DO RIO DE JANEIRO. 1884. ÓLEO SOBRE TELA. 54X94 CM.....	43
FIGURA 9	O ESTÍMULO E A SENSACÃO DA COR.....	46
FIGURA 10	FRISO DOS TOUROS. GRUTA DE LASCAUX. DORDOGNE, FRANÇA.....	49
FIGURA 11	CORES-LUZ (MODELO RGB).....	51
FIGURA 12	CORES-PIGMENTO OPACAS (MODELO CMY).....	52
FIGURA 13	CORES-PIGMENTO TRANSPARENTES (MODELO RYB).....	52
FIGURA 14	AS CORES NO DISCO CROMÁTICO.....	53
FIGURA 15	VISCONTI, ELISEU. PATINHOS NO LAGO. 1897. ÓLEO SOBRE TELA. 60X81 CM, E AS CORES PRIMÁRIAS.....	55
FIGURA 16	MONET, CLAUDE. GARDEN AT SAINT-ADRESSE. 1867. ÓLEO SOBRE TELA. 98X129 CM E AS CORES SECUNDÁRIAS.....	56
FIGURA 17	MONET, CLAUDE. NENÚFARES. 1824. ÓLEO SOBRE TELA. 81X199 CM E AS CORES QUENTES	58

FIGURA 18	MONET, CLAUDE. NENÚFARES. 1916. ÓLEO SOBRE TELA. 81X100 CM E AS CORES FRIAS.....	59
FIGURA 19	AS CORES COMPLEMENTARES.....	61
FIGURA 20	MORISOT, BERTHES. DANS LE JARDIN À MAURECOURT. 1884. ÓLEO SOBRE TELA. 80X60 CM.....	61
FIGURA 21	RENOIR, AUGUSTE. LA PROMENADE, FEMME À L'OMBRELLE. 1875. ÓLEO SOBRE TELA.100x81 cm.....	64
FIGURA 22	MONET, CLAUDE. REGATAS EM ARGENTEUIL. 1872. ÓLEO SOBRE TELA. 48X75 CM.....	65
FIGURA 23	MONET, CLAUDE. THE BEACH AT SAINTE-ADRESSE. 1867. ÓLEO SOBRE TELA. 75X101 CM.....	66
FIGURA 24	MONET, CLAUDE. SAINT-GEORGES MAJEUR AO ENTARDECER. 1908. ÓLEO SOBRE TELA. 65X92 CM.....	68
FIGURA 25	RENOIR, AUGUSTE. THE SKIFF. 1875. ÓLEO SOBRE TELA. 71X92 CM.....	70
FIGURA 26	MANET, EDOUARD. GARÇON AUX CERISES. 1859. ÓLEO SOBRE TELA. 65X54 CM.....	71
FIGURA 27	RENOIR, AUGUSTE. OARSMEN AT CHATOU. 1879. ÓLEO SOBRE TELA. 81X100 CM.....	82
FIGURA 28	MONET, CLAUDE. IMPRESSION, SOIL LEVANT. 1872. ÓLEO SOBRE TELA. 48X63 CM.....	131
FIGURA 29	VISCONTI, RENOIR, PIERRE-AUGUSTE. LISE À L'OMBRELLE. 1867. ÓLEO SOBRE TELA. 118 X 182 CM.....	134
FIGURA 30	VISCONTI, ELISEU. PAISAGEM COM CASA, 1890. ÓLEO SOBRE TELA. 23 X 16 CM.....	138
FIGURA 31	CASTAGNETO, GIOVANI. NAVIO ANCORADO. 1886. ÓLEO SOBRE TELA. 33X5 X 46 CM.....	141
FIGURA 32	MONET, CLAUDE. A CATEDRAL DE ROUEN. 1990. ÓLEO SOBRE TELA. 100X65 CM.....	145

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	METODOLOGIA.....	16
2	O IMPRESSIONISMO.....	21
2.1	Histórico sobre o impressionismo na pintura.....	21
2.2	Características do impressionismo.....	28
2.3	Artistas importantes do movimento impressionista.....	30
2.3.1	Oscar-Claude Monet (1840-1926)	33
2.3.2	Pierre-Auguste Renoir (1841-1919)	36
2.4	O impressionismo no Brasil.....	38
2.4.1	Eliseu D'angelo Visconti (1866-1944).....	40
2.4.2	Giovanni Battista Felice Castagneto (1851-1900)	42
3	AS PERCEPÇÕES VISUAIS DAS CORES.....	45
3.1	Teorias e estudos sobre as cores.....	48
3.2	As classificações e características das cores.....	51
3.2.1	De acordo com a sua composição no disco cromático.....	54
3.2.2	De acordo com a sua temperatura.....	57
3.2.3	De acordo com a sua combinação.....	60
3.2.4	A subjetividade das cores.....	62
3.2.5	Cores acromáticas ou neutras.....	63
3.2.5.1	Cores cromáticas.....	67
3.2.5.2	Cores terrosas.....	70
4	TEORIAS DA EDUCAÇÃO.....	73
4.1	Teoria da aprendizagem de Paulo Freire.....	75
4.2	Abordagem triangular no ensino da arte.....	77
5	AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS.....	85
5.1	Cultura digital.....	88
5.2	O uso do celular na educação.....	92
5.2.1	Fotografias em telefones celulares.....	96
5.3	O que são as redes sociais.....	98
5.4	As imagens no Instagram.....	103
5.4.1	O Instagram e a educação.....	110

6	PRODUTO: PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO IMPRESSIONISTA NO	116
	<i>INSTAGRAM</i>	
6.1	Didática sobre o Impressionismo e Teoria das cores.....	119
6.2	Criando o <i>Instagram</i> da turma para a exposição de fotografias.....	121
6.3	Em busca de fotografias impressionistas no <i>instagram</i>	126
6.4	Desenvolvendo uma exposição de fotografias impressionistas no	129
	<i>Instagram</i>	
6.4.1	Analisando a obra de Monet.....	130
6.4.2	Analisando a obra de Renoir.....	134
6.4.3	Analisando a obra de Visconti.....	137
6.4.4	Analisando a obra de Castagneto.....	140
6.4.5	Analisando a série “A Catedral de Rouen”, de Monet.....	144
6.5	Analisando e interpretando a exposição impressionista a partir da	147
	abordagem triangular.....	
6.6	O <i>feedback</i> e avaliação da atividade de exposição impressionista....	150
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
	REFERÊNCIAS	166

1 INTRODUÇÃO

Ensinar a arte no contexto escolar é fundamental para que os alunos possam desenvolver e transformar suas visões, estimulando o senso crítico e a criatividade a partir da sensibilidade da observação de imagens artísticas e de práticas vinculadas ao “fazer artístico”. Observar a imagem de uma pintura, por exemplo, pode estimular e desenvolver a capacidade cognitiva do estudante, a partir de interpretações subjetivas individuais e coletivas.

No decorrer do texto desta dissertação, apresentam-se a disciplina Arte no contexto escolar e as dificuldades do educador de encontrar alternativas que facilitem a aprendizagem do discente, demonstrando como o professor poderia se favorecer utilizando ferramentas educacionais como as redes sociais, com ênfase em proporcionar exposições de fotos impressionistas postadas pelo professor de Arte para que os alunos possam comentar no Instagram.

Esta dissertação abrange o estudo sobre a teoria das cores, o Impressionismo, as cores nas obras impressionistas, as teorias da educação, metodologias para o ensino da arte, incluindo a abordagem triangular, a utilização de tecnologias no contexto escolar, as redes sociais, a importância das fotografias para auxiliar no ensino da arte e o Instagram como um meio alternativo para exposição de obras de artistas impressionistas, com a função de desenvolver uma estratégia para os professores de Arte do ensino fundamental fazerem uma exposição no Instagram, para o estudante melhor entender o Impressionismo e as cores mediante recursos de fotografias. Com isso, o aluno, com o apoio do docente, pode fazer a reflexão, análise, mediação e leitura das fotografias de obras impressionistas, tornando as aulas um pouco mais atrativas com o uso de recursos tecnológicos.

O estudo que se materializa nesta dissertação de mestrado resulta, em parte, da experiência da pesquisadora como professora de Arte em escola pública, dos estudos do grupo de pesquisa Educomunicação: Cinema e Outras Linguagens Audiovisuais na Educação, do gosto pessoal pelo período do Impressionismo e da vontade de usar o Instagram em sala de aula, de forma a gerar conhecimento de maneira mais atraente e estabelecer atrativos baseados na implementação de metodologia com fotografias para análise de características do Impressionismo.

O primeiro contato com o referencial teórico do Impressionismo deu-se quando me foi solicitado elaborar um artigo para a disciplina Educomunicação, do professor Rodrigo, no mestrado. Essa experiência, embora tenha abrangido alguns procedimentos lógicos, como o uso de um aplicativo para fazer fotografias impressionistas, a considero muito superficial, agora que estudei a teoria das cores com mais afinco e fiz mais leituras detalhadas sobre o assunto.

Em posterior conversa com meu orientador, foi sugerida a utilização do Instagram para postar atividades, fotos, exposição, legenda e comentários de fotografias de cenários diferentes ou até mesmo fazer modificações nas fotografias com as ferramentas da rede social, criando uma exposição dos alunos. Essa indicação veio ao encontro da intenção de encontrar características do Impressionismo pelas cores, pois, ao analisar os elementos da pintura impressionista, se percebe a presença de diferentes cores nas obras de artistas como Monet, Renoir, Sisley, Degas, entre outros.

Diante disso, o problema que se buscou responder foi: como poderia ser desenhada uma estratégia educativa para trabalhar as cores no Impressionismo, utilizando o Instagram, de modo a tornar a aprendizagem dinâmica? Assim, elaborou-se a hipótese de que, ao interferir em uma sala de aula, inserindo uma estratégia por meio de fotografias, para compreender melhor o Impressionismo, se pode tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo, principalmente se for vinculada à utilização de novas tecnologias, como a rede social Instagram. Nesse contexto, pode ser sugerida, por exemplo, uma exposição de obras impressionistas com imagens publicadas no Instagram, buscando percepções desse período artístico a partir das características e classificação das cores.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é desenvolver uma proposta metodológica para o ensino das características e classificações das cores nas obras impressionistas com o uso do Instagram. Já os objetivos específicos são: (i) analisar o Impressionismo; (ii) estudar a percepção visual das cores a partir da teoria das cores; (iii) compreender as teorias educacionais; (iv) verificar as mudanças tecnológicas e a utilização das redes sociais, com ênfase no Instagram; (v) propor uma exposição de obras impressionistas no Instagram.

Como exposto, este estudo foi motivado por minha experiência como professora de Arte em escola pública, além da vontade de usar esse movimento

para o ensino das cores e suas múltiplas teorias e conhecimentos, incentivar leituras e a reflexão e análise do Instagram como instrumento para gerar conhecimento e interação na percepção das imagens feitas pelos alunos em sala de aula ou fora dela. Para tanto, a metodologia utilizada para a pesquisa foi um estudo de revisão sistemática empírica (SAMPAIO; MANCINI, 2007), visando a investigar análises críticas de artigos e teses sobre o Instagram, as cores e o Impressionismo, apontando possíveis problemas que necessitam de estudos no que se refere ao uso das redes sociais em sala de aula, de forma a auxiliar os profissionais da educação no seu cotidiano de trabalho.

Destaca-se que, ao pesquisar no catálogo de teses e dissertações no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), utilizando a palavra-chave “impressionismo”, foram encontrados 76 resultados. Além disso, foram utilizados livros, de acordo com citações em artigos, teses e dissertações, buscando um maior fluxo de autores que entendessem das temáticas, conforme sugestões do orientador. Ao pesquisar especificamente a união dos objetos de estudo “cores no Impressionismo” e “uso do Instagram”, não foi encontrado nenhum resultado, destacando que esta dissertação se trata de um estudo novo na área.

A presença das cores nas obras impressionistas é um elemento da linguagem visual da pintura muito importante. Desse modo, a metodologia foi desenvolvida por meio da elaboração de sugestões de práticas e indicações de fotografias para análise dos conteúdos referentes ao Impressionismo e às cores. A discussão sobre a combinação de cores (complementares, concordantes, acordantes, discordantes, análogas, monocromáticas, policromáticas etc.) pode ser sugerida como conteúdo programático no ensino fundamental, vinculando ao Impressionismo e análise de fotografias.

Ademais, este estudo está apoiado nas teorias da educação de Freire e Ana Mae Barbosa, que abordam conteúdos baseados nas vivências e realidades dos alunos, pois é preciso entender a importância do saber prévio deles e o que realmente seria indispensável para sua aprendizagem, com sugestões e indicações de práticas para exposição de fotografias dos alunos no Instagram, entendendo as cores e as características de um período da história da arte, no caso, o Impressionismo.

Uma vez que os grupos das redes sociais, como o Instagram, se manifestam muito rápido, ou seja, o que os outros veem, pensam e curtem é a maior preocupação, é possível que os professores observem essa inserção virtual dos alunos, que permanecem grande parte do dia conectados e utilizando o celular. Segundo Fofonca (2018), este seria um meio ou um caminho para a aprendizagem, para o qual se poderia buscar elementos para uma aprendizagem significativa da disciplina Arte. Dessa forma, o produto desta dissertação trouxe possibilidades didáticas para esse docente, a partir de uma exposição no Instagram, utilizando como recurso tecnológico o celular.

O trabalho está estruturado e dividido em sete capítulos sequenciais e que se complementam, apresentando conceitos básicos e aprofundando alguns elementos e características importantes para a abordagem desta dissertação.

Na introdução, apresentam-se o tema da pesquisa, os objetivos, a justificativa, a problemática e a metodologia, indicando um resumo de cada capítulo para melhor compreensão do texto, além dos seus autores principais. Sobre os conteúdos introdutórios para o tema apresentado, destacam-se brevemente as conexões entre a teoria das cores e o Impressionismo, os teóricos da educação, como Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, a disciplina Arte na escola, as metodologias de Arte, incluindo a abordagem triangular, e a rede social Instagram e suas relações com o ensino da Arte no contexto escolar.

No segundo capítulo, aborda-se o Impressionismo, movimento artístico que se iniciou na França, no século XIX. Consoante Frota (2015), esses artistas quebraram o paradigma tradicional da época, extraindo, na pintura ao ar livre, os efeitos da luz e das sombras pelas cores, como a obra de Monet *Impression: soleil levant* (Impressão: nascer do sol). Discutem-se as características do Impressionismo, citando artistas como Monet, Renoir, Visconti e Castagneto, destacando a interpretação subjetiva das cores nas obras representadas. Para a confecção bibliográfica da história sobre o Impressionismo na pintura, o estudo está apoiado principalmente em Serulaz (1989; 1975; 1965), Balzi (1992), Newall (2011), Lobstein (2010), Zanchetta (2004), Francastel (1974), Schapiro (1996), Hauser (1972), Mason (2009), Rewald (1991) e Chaimovich (2017).

No terceiro capítulo, sobre as cores, inicialmente são discutidos os elementos das artes visuais, principalmente as cores na pintura, demonstrando as características do período do Impressionismo e as principais teorias das

cores, com destaque para a influência da luz, além de sua classificação em cores primárias, secundárias, quentes, frias e complementares. Para essa discussão, a pesquisa se valeu principalmente de textos de Farina (1990), Albers (2009), Pedrosa (2003), Gage (2012), Fraser e Banks (2007), Bueno (2008), Goethe (1996), Figueiredo e Pietrocola (1997), Silveira (2015), Rousseau (1993) e Romanato (2017).

No quarto capítulo, são abordadas as teorias da educação que podem se associar ao aprendizado do Impressionismo e da teoria das cores, com ênfase em Paulo Freire e Ana Mae Barbosa. Essas teorias destacam a necessidade e a importância das relações sociais entre os alunos e entre alunos e professores, para otimizar o processo educativo, possibilitando que o discente utilize seus conhecimentos prévios para ampliar o aprendizado e estimulando para que ele seja parte fundamental de todo o processo de ensino e tenha autonomia. Para sua construção, os principais autores de base utilizados foram: Libâneo e Santos (2010), Barbosa (2008; 2005; 2001,1991), Oliveira e Dantas (1992) e Freire (1996).

No quinto capítulo, trata-se da cultura digital vinculada ao avanço tecnológico das redes sociais e, mais especificamente, do Instagram, como rede social que permite a publicação e compartilhamento de fotos, para ampliar as experiências e as interações humanas, potencializando a exposição de trabalhos, destacando-o como ferramenta para aprendizagem no âmbito escolar. Ressalta-se também a utilização dos celulares para obter acesso a essas redes. É preciso salientar, entretanto, que essas ferramentas tecnológicas devem ser pensadas criticamente, de modo a utilizá-las como um componente construtivo e não que atrapalhe a aquisição e ampliação do conhecimento. Para isso, é preciso destacar os pontos positivos dessas ferramentas ao docente e aos alunos, como os recursos fotográficos. Para esse estudo, a pesquisa está apoiada principalmente em Adorno (2009), Recuero (2009), De Souza e Giglio (2015), Flusser (1985), Fofonca (2018), Lanier (2018), Bridle (2019), Gama (2019), Benjamin (1987), Santaella (2010), McLuhan (1964) e Azevedo (2015).

No sexto capítulo, consta o produto desta dissertação: um guia para o professor fazer uma exposição impressionista com os alunos, utilizando o Instagram para buscar e compartilhar fotografias de obras impressionistas e demais atividades interpretativas, assimilando o uso das cores no

Impressionismo por meio delas. Sobre a arte na educação e a fotografia, o estudo baseia-se em Dondis (1998), Prete (2008), Ostrower (2004; 1998), Barbosa (2001;2008;2005), Sontag (1973), McLuhan (1964), Barbosa e Cunha (2010), Sad Filho (2003), Bueno (2008), Flusser (1985) e Vygotsky (1999).

Por fim, são tecidas as considerações finais, procurando não fechar o tema das cores e do Impressionismo em um único recurso para a utilização do Instagram, mas deixando abertas as possibilidades de utilização na disciplina Arte.

1.1 METODOLOGIA

Neste tópico, aborda-se a metodologia utilizada, que se tratou de uma abordagem qualitativa vinculada à pesquisa empírica e pesquisa bibliográfica. Minayo (2007) descreve a pesquisa qualitativa como aquela capaz de auxiliar em análises com maior profundidade, sendo possível extrair diversas informações de caráter mais subjetivo e amplo, o que possibilita ampliar o leque de interpretações e significados. Para ele, a partir desse método, é possível englobar os conceitos de diversos autores, considerando a subjetividade de cada um, suas próprias ideias e deduções acerca de determinado acontecimento ou contexto. O método qualitativo possibilita, também, maior aprofundamento e compreensão de um fenômeno a ser estudado.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (...) Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (...) A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Entende-se que, dessa forma, é possível obter uma melhor explanação das questões subjetivas, conforme a percepção e entendimento de cada autor, sendo possível discuti-las. O pesquisador, nesse caso, precisa buscar relações mais diretas e estreitas com o objeto de estudo.

Considerando o caráter empírico da pesquisa, buscaram-se informações relevantes e compatíveis com o objeto de estudo, levando em consideração a experiência e vivência do pesquisador. Dessa forma, compreende-se que o método empírico utiliza os aprendizados vividos para que se possa chegar a alguma conclusão a respeito dos assuntos estudados (MINAYO, 2007)

A proposta de exposição de fotografias no Instagram deve abranger todos os alunos; mesmo sabendo que a maioria deles possui celular, pode acontecer de, em determinada turma, existir alguém que não o possua. Por isso, pode ser necessário fazer adaptações, segundo a realidade de cada sala de aula, buscando alternativas como emprestar o celular dos familiares, realizar a atividade em dupla ou grupo, o professor disponibilizar seu próprio aparelho, uso de *tablets* ou computadores fornecidos pela escola. Nesse sentido, a experiência vivida pela pesquisadora, como admiradora da arte, do estudo das cores e do Impressionismo, bem como a prática docente em sala de aula na disciplina Arte com alunos do 8º ano de uma escola pública, além do mestrado acadêmico em Novas Tecnologias, foi um importante fator para fundamentar a pesquisa científica.

No tocante à pesquisa bibliográfica, aponta Fonseca (2002) que ela é realizada conforme o levantamento de referenciais sobre os objetos de estudo que já tenham sido publicados e analisados, em diversas fontes de investigação e acesso, como livros, artigos científicos, páginas da internet e demais publicações, que possibilitem acrescentar no conhecimento do estudo proposto. A partir dessa metodologia, foi possível realizar o levantamento de diversos materiais preexistentes que auxiliaram na construção deste estudo, agregando conhecimento e informações pertinentes.

O levantamento referencial ocorreu a partir de buscas em bases de dados científicas, como Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Portal de Periódicos da Capes, por meio das palavras-chave “impressionismo”, “teoria das cores”, “Instagram”, “cultura digital”, “teorias da educação” e “ensino da arte”.

No Google Acadêmico, a palavra-chave “impressionismo” retornou 303 resultados; com “teoria das cores” no título do trabalho, foram encontrados 41 resultados; para “cultura digital” e “educação”, 172 mil resultados; e para “teorias da educação” e “ensino da arte”, mais de um milhão de resultados. No portal da

Capes, foram obtidos 99 resultados para “impressionismo”, 20 para “teoria das cores”, aproximadamente mil para “cultura digital”, 49 para “teorias da educação” e 152 para “ensino da arte”. Já na SciELO, para “teoria das cores” foram obtidos 20 resultados; para “impressionismo”, 21; para “cultura digital”, 48; e, para “teorias da educação”, 81.

Inicialmente, foram lidos os resumos de livros e artigos científicos dessas referências para compreender se realmente tratavam do assunto discutido nesta dissertação. Caso corroborassem o estudo aqui proposto ou pudessem acrescentar dados à pesquisa, a leitura expandida foi realizada, a fim de construir a pesquisa bibliográfica. Para tal, foram utilizados textos em português e inglês. Algumas dessas literaturas foram lidas na íntegra, principalmente quando era possível abranger mais de um capítulo desta dissertação, e outras, para a busca exata dos assuntos de interesse.

Para o segundo capítulo, sobre o Impressionismo, foram utilizados aproximadamente uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado, seis artigos científicos e 16 livros. A formulação do terceiro capítulo, que trata da teoria das cores, abrangeu aproximadamente cinco artigos científicos e 20 livros sobre a temática. Para o quarto capítulo, sobre a cultura digital e as redes sociais, foram utilizadas aproximadamente quatro dissertações de mestrado, duas teses de doutorado, nove artigos científicos, 18 livros, três monografias e um trabalho apresentado em evento. O quinto capítulo, sobre as teorias da educação, contemplou aproximadamente duas dissertações de mestrado, quatro artigos científicos, 28 livros e seis documentos oficiais do governo brasileiro. Além disso, os dados foram coletados conforme a experiência e vivência da própria pesquisadora em ambiente pedagógico e escolar relacionado ao ensino da Arte e do Impressionismo.

Os critérios de inclusão foram: referências que se relacionassem com o Impressionismo, características e divisão das cores, teorias da educação, como Paulo Freire, a disciplina Arte nas escolas públicas, metodologias para o ensino da Arte, abordagem triangular, tecnologias como *smartphones*, redes sociais como o Facebook, Twitter, YouTube, WhatsApp e, principalmente, Instagram; quando possível, buscaram-se relações entre esses componentes. Destaca-se que os artigos *on-line* só foram utilizados quando eram disponibilizados gratuitamente.

Já entre os critérios de exclusão, é possível destacar: textos cujos resumos expandidos não abordassem o tema aqui proposto e referências que estivessem apenas parcialmente disponíveis (necessidade de pagar pela leitura na íntegra).

A partir disso, a interpretação e análise qualitativa e subjetiva foram realizadas, a fim de compreender os fenômenos aqui envolvidos, buscando a aproximação entre os seus contextos. As informações consideradas mais importantes, conforme cada busca referencial, foram analisadas de modo a ampliar o leque de conhecimentos, tornando possível a construção do material bibliográfico.

Inicialmente, foi abordado o Impressionismo, contemplando seus principais artistas, especificidades sobre seus conceitos e seu contexto histórico, buscando diferenciá-lo de outros movimentos artísticos, para, na sequência, abordar a teoria das cores. Nesse caso, algumas obras de importantes artistas impressionistas foram destacadas e interpretadas subjetivamente a respeito de seus cenários, paisagens, pintores e demais elementos nelas presentes, de acordo com as classificações das cores.

Foi de suma importância abordar os conceitos, classificações e diferenciações sobre as cores, de modo a destacá-las nas obras do Impressionismo, demonstrando as características únicas que fizeram desse um movimento artístico e cultural de extrema importância, visto que principalmente as cores e seu modo de utilização diferenciavam os impressionistas dos demais artistas de outros movimentos.

Esses dois elementos de análise – o Impressionismo e as cores – puderam então contemplar outros elementos de análise metodológica e bibliográfica, como teorias da educação, para amplamente discutir quais teorias poderiam ser utilizadas na disciplina Arte, como também o uso das tecnologias e, especificamente, da rede social Instagram, de forma a interligar todos esses contextos no ambiente pedagógico, gerando aprendizados diferenciados em um currículo escolar que necessita de constantes aprimoramentos.

2 O IMPRESSIONISMO

Neste capítulo, é abordado o período do Impressionismo, focando dois importantes artistas franceses (Oscar-Claude Monet e Pierre Auguste Renoir) e dois brasileiros (Eliseu D'Angelo Visconti e Giovanni Battista Felice Castagneto), que obtiveram grande destaque dentro desse movimento, apresentando algumas de suas obras de arte. Não se pode deixar de esclarecer que, além desses pintores, outros contribuíram para o período impressionista. As obras aqui discutidas são apenas exemplos, havendo inúmeras outras que poderiam ilustrar todo o conteúdo aqui apresentado.

A escolha dos artistas não foi aleatória. Monet, por exemplo, foi o pintor mais importante do Impressionismo, capaz de impulsionar o crescimento do movimento. Renoir buscava retratar as figuras humanas com cores fortes. Visconti, principal artista impressionista do Brasil, tinha na luminosidade um de seus traços característicos. Por fim, Castagneto tinha como característica a pintura voltada para contextos naturais, utilizando muitas paisagens marítimas.

Pensando em um melhor aproveitamento das aulas, a opção por poucos artistas deveu-se ao intento de dar maior intensidade aos estudos das cores em suas obras, na tentativa de auxiliar o professor em suas aulas de Arte na rede pública, que, mesmo tendo apenas duas aulas semanais, poderá abordar a temática e explicar seus conteúdos.

2.1 HISTÓRICO SOBRE O IMPRESSIONISMO NA PINTURA

Para iniciar a discussão, destaca-se William Turner como um artista anterior ao período impressionista, que iniciou o estudo das cores em suas obras, além de apresentar alguns pontos interessantes sobre as cores na pintura. As descobertas relacionadas às características das cores impulsionaram diversos artistas ao redor do mundo, que deram sequência a esses estudos a partir da própria experimentação cromática.

Segundo Fraser e Banks (2007), o pintor acabou deixando de lado as ideias do academicismo para se tornar um pioneiro de sua época, começando a pintar ao ar livre, utilizando manchas coloridas e aplicações incansáveis dos efeitos da luz sobre as cores e as paisagens. Inspirou diversos artistas, que

passaram a utilizar técnicas semelhantes da observação de paisagens ao ar livre para captar os diversos instantes de luz e as variações geradas em questão de segundos ou minutos, como o caso dos impressionistas.

Na pintura impressionista, a combinação das cores era feita psicologicamente pelo próprio observador, como será visto adiante; os artistas não utilizavam a técnica de misturar as cores na paleta, mas, sim, pequenas pinceladas puras e justapostas, que, quando observadas, geravam a impressão da combinação das cores. Considerando a inconstância dos raios solares, eles usavam pinceladas rápidas para transmitir as colorações, criando o que denominavam “manchas”, a partir da decomposição das cores (FRASER; BANKS, 2007).

Figura 1 – TURNER, William. **Le Dernier Voyage du Téméraire**. 1838. Óleo sobre tela. 90,7 x 112,6 cm



Fonte: <<https://www.jornaltornado.pt/o-aguerrido-temeraire-william-turner/>> Acesso em 22 nov. 2019.

A pintura de Turner (Figura 1) mostra o domínio sobre a cor, relacionando as cores primárias do azul e amarelo no céu evoluindo do laranja para o vermelho-escuro, que se deixa evanescer em luz e brilho. Percebe-se a ampliação das tonalidades cromáticas para os impressionistas, que estudaram o efeito da luz solar sobre os objetos e figuras, compreendendo que cada posição solar representava cores discordantes (azul e amarelo) e essas nuances

cromáticas mudavam constantemente. Como será visto na sequência, as cores quentes combinam entre si (amarelo, laranja e vinho) e as cores frias (azul e lilás) podem representar o céu, nuvens, imensidão, divino, eterno e horizonte.

Nas obras impressionistas, conforme aponta Bomford (1997), as linhas e os contornos exatos não existiam. O quadro não era mais representado pelas linhas em perspectiva, dando espaço às tonalidades das cores, que poderiam ser mais ou menos intensas conforme a distância do objeto e a iluminação natural da luz do sol. Isso vai ao encontro das ideias de Gombrich (1995), ao destacar que na própria natureza não existem linhas ou perspectivas e que, entretanto, eram muito utilizadas por diversos pintores.

O Impressionismo foi um movimento muito importante no cenário artístico, emergindo em um período conhecido como Belle Époque¹, conforme relata Zanchetta (2004), sendo marcado pela influência que revolucionou diversas outras tendências das artes do século XIX e XX e que ainda é capaz de influenciar diversos pintores.

O nome Impressionismo veio espontaneamente do público, que ficava ao mesmo tempo divertido e furioso diante de um quadro da exposição, uma paisagem matinal feita por Oscar- Claude Monet e intitulada Impression. Com esse nome "impressionista", não se tentava transmitir a ideia de novas pesquisas artísticas, mas sim designar simplesmente um grupo de pintores que se contentavam em registrar as suas impressões (VOLLARD, 200, p. 51).

Esse período artístico, afirma Frota (2015), possuía artistas que quebraram o paradigma tradicional da época, revolucionando a pintura e o meio artístico ao unir a arte com a ciência, utilizando diferentes tonalidades de cores a partir da observação científica dos raios solares. Eles foram incompreendidos pela população parisiense e pelos críticos, sendo considerados incapazes e loucos.

De acordo com Gombrich (2002), o Impressionismo também é conhecido como "o movimento da luz" e da pintura ao ar livre. Os impressionistas

¹ Expressão francesa (em português, Bela Época) que representa a fase marcada por transformações culturais intensas, geradas por um novo cotidiano e diferentes modos de pensar. Foi a época de ouro francesa (BOMFORD, 1997).

extraíam a ideia de análise da luz das cores, reflexos, sombra e posição da luz, buscando a essência de uma pintura, o registro do momento único. Lobstein (2010) destaca que o movimento surgiu da postura de artistas que buscavam uma série de mudanças na cultura e na arte, contestando a visão artística predominante, propondo, então, uma nova arte, aliada às produções e mudanças tecnológicas. Nesse cenário artístico, é possível destacar a invenção da fotografia, em 1823, que possuiu grande influência artística e impulsionou duas diferentes correntes culturais: o Realismo e o Impressionismo. Como salienta Dubois (2001), a fotografia permitiu que os retratos e as paisagens fossem representados em diferentes momentos e perspectivas, sendo capaz de capturar a essência desses elementos, não tendo mais a preocupação realista na representação da pintura.

Sobre esse contexto, Benjamin (1987) abre uma discussão sobre a fotografia e a arte, citando que um fotógrafo não necessariamente precisa ter coordenação motora fina, mas, sim, um olhar mais aguçado para a sua realização, diferentemente de uma pintura em tela, em que o pintor precisa do domínio técnico para manejar um pincel. Dessa forma, o trabalho do fotógrafo é árduo, com corte, instante, tempo, espaço, representação e linguagem (ZANCHETTA, 2004). A respeito, pode-se dizer que uma foto não é apenas uma imagem, mas um ato; ela atesta aquilo que mostra, desenvolve o espelho do real, imita a realidade, transforma, interpreta aquilo que se vê, pode atribuir um significado, um valor, uma posição, uma ideia.

A partir disso, destaca-se que é possível utilizar a técnica da fotografia com os alunos em sala de aula na disciplina Arte, estudando o período do Impressionismo e absorvendo suas características, como cores, tonalidades, maneiras de pintar, expressões e diversos elementos-chave, compreendendo a perspectiva da intencionalidade desses pintores. Ainda, entende-se que o fotógrafo necessita de um olhar mais aguçado e não necessariamente técnico, enquanto o pintor precisa desses dois elementos.

A técnica da fotografia foi bastante utilizada, principalmente pelo Realismo. Lobstein (2010) relata que, a partir de meados de 1860, um grupo de artistas, que seriam reconhecidos como impressionistas, usou essa inovação tecnológica, sendo inspirados por ela; para eles, a fotografia havia comprovado a importância da percepção de momentos e do instante exato, flagrando ângulos

e cenas inesperadas. Outros impressionistas empregavam-na para estudo da pintura em suas telas. Dessa forma, a pintura passou por um período de renovação e criatividade, gerando um novo olhar.

Segundo Schapiro (1996), os artistas do Impressionismo eram principalmente de Paris (França) ou de outras cidades próximas. Entre as possibilidades de formação em arte, havia a Academia Suíça, em Paris, que era livre e dependia de pouca despesa, trabalhando com modelos vivos e sendo frequentada por Courbet, Manet, Pissarro e Cézanne. Ressalta-se que Courbet foi um dos principais pintores do Realismo, mas grande adepto da pintura ao ar livre e de novas formas de registrá-la, sendo contrário às convenções acadêmicas, inspirando os impressionistas. Francastel (1974) relata que um segundo grupo de artistas se formou no Atelier Gleyre, frequentado por aqueles que ainda desejavam manter certo tradicionalismo, como Bazille, Monet, Renoir e Sisley.

Destaca Gompertz (2013) que, naquela época, os artistas e os pintores eram regidos por academias específicas, as quais ditavam normas artísticas que deveriam ser seguidas, como a Academia Francesa. Para Mason (2009), na academia, os temas e cenas a ser pintados em obras de artes eram sempre religiosos, mitológicos e de personalidades nobres e históricas. No entanto, os pintores impressionistas não se preocupavam em seguir os preceitos e ensinamentos da academia ou do Realismo, buscando fontes de academias mais liberais, tendo como referência a Academia Suíça e o Atelier Gleyre.

Os grandes talentos artísticos da Escola de Belas-Artes, após um ou dois anos, poderiam ser indicados por seus docentes para participar das exposições no Salão Oficial, enviando suas pinturas. Entretanto, as pinceladas fragmentadas, as cores puras, seu divisionismo e a obsessão de documentar o instante da luz, aliados às críticas às pinturas impressionistas, motivaram mudanças, tendo sido os artistas rejeitados para expor no Salão Oficial, em Paris (ROSA, 2012). Diversos pintores, cansados das rejeições no Salão Principal, segundo Schapiro (1996), optaram por expor seus quadros em suas próprias galerias e ateliês. Essa postura dos jovens pintores foi um marco na história da arte e, na época, um grande motivo para chacota. Essa grande movimentação foi percebida pelo imperador Napoleão III, que autorizou a organização de uma

exposição, nomeada “Salão dos Recusados” (também chamada “Impressionistas”), ocorrendo em oito edições, entre 1874 a 1886.

Boa parte do público que compareceu a esse local o fez com o objetivo principal de ridicularizar as obras. De acordo com Molina (2004), dias após a primeira exposição, um crítico, chamado Louis Leroy², entrou na galeria e desaprovou completamente as pinturas, alegando que os responsáveis por elas eram “impressionistas”, e não artistas. Isso ocorreu principalmente após ele observar o quadro *Impressão, nascer do sol (Impression, soleil levant)*, de Monet (Figura 30). Posteriormente, o crítico elaborou um artigo intitulado *Exposição dos impressionistas*, em que, com uma caricatura, ridicularizou o movimento e suas pinturas.

Para Leroy, as pinturas nada mais eram do que “obras inacabadas” e de baixa qualidade. A palavra “impressionista”, para o crítico, servia para comprovar “seu desdém por aqueles artistas que abandonavam os meios de expressão tradicionais da pintura para melhor traduzir sua impressão visual” (SERULLAZ, 1965, p. 15).

O público achou curioso o nome e, por brincadeira, passou a chamar a todos os expositores de “impressionistas”. Só alguns intelectuais e críticos apoiaram estes pintores e chamaram a atenção sobre a importância da sua proposta. Mas para se ter uma ideia do grau de rejeição, basta dizer que no ano de 1900, o diretor do Museu de Berlim, Herr Tschudi, foi demitido por ter adquirido um Renoir, um Manet e um Cézanne (BALZI, 1992, p. 38).

Assim, entende-se que os críticos se referiam a esse grupo de pintores como “impressionistas” em tom pejorativo. Émile Zola³, um dos críticos de arte da época, era apreciador desses jovens pintores e do novo movimento artístico. Diante disso, os artistas do movimento adotaram esse nome para identificá-los e o tornaram uma identidade positiva, batizando seu projeto com essa expressão. Esse episódio foi considerado o grande marco de uma série de batalhas que duraram cerca de 30 anos.

² Leroy era pintor, escritor e crítico de arte no século XIX e publicou a dura crítica aos “impressionistas” no jornal *Le Charivar*, que trazia periodicamente textos irônicos (SERULLAZ, 1965).

³ Zola era um apreciador e apoiador do movimento impressionista; como era escritor, publicou diversos artigos em defesa do movimento (BALZI, 1992).

A partir da observação e análise da obra de Monet referida, é possível utilizá-la como uma estratégia metodológica para o ensino do Impressionismo no contexto escolar, elencando as principais características do movimento artístico e demonstrando a grande importância que ele teve para a arte. Pode-se associar o Impressionismo a um movimento rebelde, que foi capaz de romper as barreiras artísticas e as exigências acadêmicas; embora cada pintor utilizasse suas próprias características artísticas, eles compartilhavam os mesmos ideais, utilizando também pinceladas rápidas e harmônicas.

Nesse contexto histórico, surgiu a importante figura de Edouard Manet, que mais tarde seria visto como mentor e referência para futuros artistas do Impressionismo. Manet era um pintor que estava insatisfeito com os padrões estabelecidos no âmbito parisiense e isso fez com que tivesse liberdade para experimentar novos conceitos de pinturas, com menos traços e mais vivacidade, pensando também na luz natural das paisagens, que colaborava para experimentar diversidades de tons mais ousados (SERULLAZ, 1965). A partir dele, diversos pintores se libertaram dos padrões acadêmicos da pintura, passando a pintar ao ar livre. A importante influência de Manet será discutida com maior ênfase adiante, após as características do Impressionismo.

2.2 CARACTERÍSTICAS DO IMPRESSIONISMO

Como já mencionado, os impressionistas quebraram os paradigmas culturais, buscando inovar a pintura, captando os instantes, não misturando mais as cores na paleta, utilizando pinceladas ágeis, abolindo o contorno do preto, buscando espaços abertos e a incidência de raios solares em diferentes horas do dia. Segundo Serullaz (1989), eles se preocupavam em retratar o mundo como viam, sendo possível, em determinados momentos, perceber as variações de cores e sombras em cada uma das pinturas, de acordo com a variação atmosférica. Para captar a imagem e transformá-la em pintura, ela deveria acontecer em pinceladas rápidas e ágeis, sendo fundamental realizá-las ao ar livre, justamente devido a essa variação.

Assim, eles não tinham tempo ou necessidade de buscar as linhas, os acabamentos e os retoques que eram realizados nos ateliês e na academia. Francastel (1974) afirma que os artistas tentavam flagrar os instantes específicos

da realidade e da natureza e, a partir da reprodução da intensidade luminosa do local e suas variações climáticas e atmosféricas, essas impressões eram transportadas para as telas. Em meio a tantas descobertas, os artistas perceberam que as cores não se encontravam em estado puro, mas que existia uma interessante interação cromática entre elas. Do mesmo modo, as sombras dos objetos podiam ser multicoloridas. Em outras palavras, os pintores não se contentavam em utilizar uma única cor; o essencial, o diferencial era utilizar rápidas pinceladas com combinações de cores, dando o resultado visual de um instante de luz, uma estação específica do ano, um amanhecer ou um entardecer (FRANCASTEL, 1974). Portanto, as cores não eram misturadas nas paletas de tinta, mas na percepção individual de cada observador.

Mason (2009) afirma que, em outros estilos de pintura, os detalhes são mais nítidos e os observadores necessitam se aproximar das telas para percebê-los. Já nas pinturas impressionistas, é preciso se afastar delas para que seja possível observar os detalhes com maior evidência. Por isso, essas imagens eram reproduzidas com maior rapidez e vivacidade e sem tanta precisão e acabamento.

Portanto, as pinturas impressionistas possuíam a percepção de expansão para fora da tela, ou seja, muitas vezes, as figuras pintadas se confundiam entre primeiro e segundo plano, significando que esses artistas tinham a intenção de captar os pequenos momentos que ocorriam dentro de cada tela. Além disso, a visão e compreensão sempre dependiam da incidência da luz, produzindo variações sob o olhar do indivíduo em determinada imagem representada pelas cores.

De acordo com Lobstein (2010), as pinceladas impressionistas eram fragmentadas na tela, utilizando uma mistura óptica a partir das cores prismáticas, que se uniam na retina do observador até que fossem reorganizadas e idealizadas. Por exemplo, ao realizar pequenas pinceladas justapostas de vermelho e amarelo, o observador poderia contemplar o laranja, o que é possível pelo efeito de vibração cromática.

Figura 2 – LEBOURG, Albert. **View of Notre Dame and the Seine.** 1895. Óleo sobre tela.



Fonte: <<http://www.artnet.com/artists/albert-lebourg/notre-dame-de-paris-9bqnvWkQx4R29xJ5D17wQ2>> Acesso em 22 nov. 2019.

Como observado na Figura 2, *View of Notre Dame and the Seine*, de Albert Lebourg, o laranja não existe, mas é constituído por pinceladas vermelhas e amarelas. Na imagem, não se pode distinguir onde cada cor termina ou começa, sendo sua mistura visível na tela. Ainda, na paisagem retratada, não existe contorno das figuras e a preocupação com a definição exata, o instante observado da luz no céu, faz o restante da paisagem não despertar interesse no observador no primeiro momento ao observar a obra. A luz das cores pode fazê-lo ficar horas refletindo sobre a mesma iluminação atraente.

Esses efeitos eram constantemente buscados na observação de paisagens naturais, que sofriam alterações conforme as inconstâncias da natureza, fazendo com que os artistas percebessem seus efeitos passageiros. Uma paisagem ao amanhecer, por exemplo, poderia conter mais tons claros e brancos do que a mesma paisagem ao entardecer ou anoitecer, com tons mais escuros ou avermelhados.

A partir desses entendimentos, é possível destacar que, para ensinar a arte impressionista no contexto escolar, pode ser utilizada a técnica da análise das imagens desses pintores e suas diversas características. Nesse contexto, podem ser observadas as paisagens ao redor da escola ou outros ambientes,

analisando as imagens, as tonalidades das cores em diferentes horas do dia, estações do ano e posições da luz. Para isso, podem ser utilizadas diversas metodologias de ensino, como a fotografia, que foi importante para alguns artistas impressionistas, como será mencionado no capítulo sobre o uso das fotografias no Instagram.

2.3 ARTISTAS IMPORTANTES DO MOVIMENTO IMPRESSIONISTA

O Impressionismo, na história da arte, foi um período histórico em que surgiram artistas diferenciados, com novas tendências, e que, mais tarde e em sua maioria, se tornaram referências para outros pintores e admiradores.

Dentre alguns importantes nomes do movimento, Serrulaz (1989) destaca: Edouard Manet (1832- 1883), Oscar-Claude Monet (1840-1926), Alfred Sisley (1839-1899), Auguste Renoir (1841-1919), Edgar Degas (1834-1917), Berthe Morisot (1841-1895), Paul Cézanne (1839-1906), Camille Pissarro (1830-1903), Armand Guillaumin (1841-1927), Albert Lebour (1849-1928), Gustave Caillebotte (1848-1894), Mary Cassar (1845- 1927), Adolphe Fênix Cala (1810-1880), Ernest Rouat (1834-1912), Frederic Correu (1854-1911), Vignon (1847-1909) Zandomenoghi (1841-1917) e Nitts (1846-1884). É importante informar que, nesse cenário artístico, todos tiveram importância, lutando não somente pelo nascimento do Impressionismo, mas por sua manutenção, em momentos de crítica e crise.

Este tópico aborda alguns importantes nomes desse movimento artístico – Monet, Renoir, Visconti e Castagneto –, com ênfase em suas características e algumas obras. Entretanto, antes é necessário mencionar a importância de Edouard Manet para esses artistas e para o movimento impressionista.

Manet nasceu no dia 23 de janeiro de 1832, em Paris (França), e sua carreira artística teve maior ênfase em 1850, quando foi aceito no ateliê de Thomas Couture, onde permaneceu por seis anos. Segundo Gompertz (2013), ele se inspirava em Charles Baudelaire para pintar algumas obras ao ar livre e em contato direto com a natureza, o que na época não era comum, sendo estranhamente visto pelos parisienses. Ele adotava pinceladas coloridas que captavam a intensidade de todos os detalhes que desejava transmitir, utilizando intensos contrastes, com poucas variações de tons.

Em 1863, provocou um alvoroço ao apresentar no Salão dos Recusados a sua obra *Almoço na relva* (*Le déjeuner sur l'herbe*), trazida na Figura 3. De acordo com Francastel (1974), foi considerado um dos maiores escândalos artísticos da arte moderna, com significados variados para algumas pessoas e contendo até mesmo um “ar obscuro”. A tela era composta por pessoas que haviam posado para o pintor, inclusive uma mulher nua, o que atingia drasticamente a moral da época. Para muitos críticos, era uma obra vulgar e escandalosa, além das excessivas manchas e sombras violentamente contrastadas. Entretanto, Manet aparentemente não tinha a intenção de chocar seu público, mas de trazer uma proposta mais inovadora para a exposição.

Figura 3 – MANET, Edouard. **Le déjeuner sur.** 1863. Óleo sobre tela. 208x264 cm



Fonte:< https://m.musee-orsay.fr/fr/oeuvres/commentaire_id/le-dejeuner-sur-lherbe-7123.html> Acesso em 22 nov. 2019.

A nudez não estava presente em um quadro mitológico, por exemplo, como acontecia no Realismo, e não produzia sensações erotizadas. Pelo contrário, a obra apresentava uma cena cotidiana, com pessoas “reais”, e o fato de a mulher estar nua, enquanto os dois homens burgueses estavam vestidos,

causou espanto à sociedade. As cores neutras (preto, branco e cinza) e as cores terrosas (derivadas do marrom) proporcionam a luz refletida para o centro da tela, sendo o foco do observador projetado na mulher.

Outras críticas se voltaram à inexpressividade da cena, contendo iluminações inadequadas e heterogêneas, sem contorno do preto. A partir do corpo iluminado da mulher intencionalmente, o artista tentou representar na pintura um instante da cena observada, captando os detalhes da luz sobre as cores. Além disso, os críticos não aceitavam a pintura pouco realista (visto que o estilo predominante na época era o Realismo), acusando-o também de utilizar luzes consideradas sombrias. Entretanto, o quadro e o estilo de pintura de Manet chamaram a atenção do grupo de pintores que mais tarde seriam conhecidos como impressionistas (BALZI, 1992).

Manet rompeu com o academicismo e com a hierarquia das pinturas da época com suas escolhas de temas considerados modernos e realistas, sua técnica de pintura ousada e suas “manchas”, que contrastavam com tons mais escuros e ao mesmo tempo sutis, abandonando as linhas, utilizando a luz e a subjetividade das pinturas, fazendo com que se tornasse uma figura presente no convívio dos jovens pintores impressionistas.

2.3.1 Oscar-Claude Monet (1840-1926)

Segundo Rewald (1991), o principal artista do período impressionista, o mais fiel às características do movimento, foi Oscar-Claude Monet. Nascido em Paris, em 1840, sua família acabou se mudando para a cidade portuária de Havre, localizada na Normandia. Ele estudou inicialmente na escola secundária em Le Havre, entre 1851 e 1857, sendo apreciador de caricaturas e desenhos. Foi, inclusive, em uma praia da Normandia, em meados de 1856, que conheceu Eugène Boudin, artista adepto das paisagens ao ar livre e que acabou lhe ensinando algumas técnicas desse estilo. O jovem pintor foi também influenciado, mais tarde, por Courbet e Manet (LOBSTEIN, 2010).

Lobstein (2010) destaca que, em 1862, o pintor decidiu estudar no Ateliê Suíço, devido ao seu modelo educacional mais livre. Como já destacado, na primavera de 1874, ele e outros artistas, como Cézanne, Degas, Renoir, Sisley e Pissarro, participaram de uma exposição com suas obras, evento que causou

choque e repúdio do público e dos críticos, o que culminou em nenhum dos quadros ser vendido. Monet apresentou, nessa exposição, o quadro *Impressão, nascer do sol (Impression, soleil levant)*, entendido como o precursor do termo “impressionista”, destinado aos artistas do Impressionismo.

Newall (2011) relata que, após diversas críticas, Monet conseguiu se firmar no cenário artístico e financeiro, além de receber patrocínios e auxílios. Em 1883, comprou uma chácara em Giverny, a 75 km de Paris, onde construiu um grande jardim com lagos cobertos por lírios flutuantes, além de uma ponte japonesa, cenário conhecido como os Jardins de Monet. Foi nesse local que executou diversas de suas importantes obras de séries e reproduções, destacando-se: *Palheiros/montes de feno* (Figura 4), *As paisagens marinhas*, além de *Nenúfares* (HEINRICH, 2003).

Francastel (1974) afirma que *Montes de feno* foi pintado do fim do verão de 1890 até a primavera seguinte, trazendo as mudanças dessa paisagem conforme as estações climáticas, horários e datas. Como mencionado no capítulo sobre o uso das fotografias no Instagram, pode-se fotografar e observar as mudanças das estações, até mesmo mudanças de horários. Na Figura 4, é possível observar o nascer ou o pôr do sol, com tons alaranjados/amarelos e vermelhos por trás de dois palheiros, um maior e posicionado mais à esquerda e outro com menores proporções, logo atrás. Percebe-se também a incidência dos raios solares no gramado verde, representando as cores frias, e das sombras, além de pinceladas rápidas e traços que comprovam que as cores cromáticas não foram misturadas na tela, mas se “movimentam” nela e na retina do observador propositalmente, provocando a observação dos reflexos da luz na natureza.

Figura 4 – MONET, Claude. Les Meules. 1890. Óleo sobre tela. 60x100 cm



Fonte: <<https://www.pariscityvision.com/pt/giverny/obras-claude-monet>> Acesso em 22 nov. 2019.

Assim, pode-se dizer que, quando se fotografam cenários em diferentes horas do dia ou estações do ano, se está seguindo o estilo impressionista de captar o instante da luz solar ou efeito das cores em contato com os raios luminosos. Com isso, o aluno de Arte pode observar os elementos de cor, luz, movimento e sombra por meio da fotografia, como exemplificado em capítulo posterior.

As combinações de cores foram incansavelmente buscadas, interpretadas e representadas por Monet em diversas de suas telas. O artista mostrava diferentes visualizações de uma mesma pintura, conforme a incidência da luz e interferências que poderiam ocorrer, contemplando diferentes nuances cromáticas.

Todos os fatores mencionados poderiam alterar a observação das cores policromáticas na paisagem, o que foi percebido na prática quando o artista realizou sua série de pinturas. Por isso, a subjetividade das cores é necessária para que o aluno compreenda as características do período impressionista e sua técnica, identificando que as tonalidades são completamente dependentes da

incidência da luz artificial ou natural, possibilitando diversas características únicas, de acordo com cada instante.

Monet trouxe uma visão original para a pintura, principalmente ao ar livre e destacando a natureza, procurando exprimir na linguagem visual as emoções e os sentimentos, servindo de inspiração para outros pintores, críticos e admiradores, sendo um nome de imensa expressividade das artes visuais como produção cultural e histórica.

2.3.2 Pierre-Auguste Renoir (1841-1919)

Pierre-Auguste Renoir nasceu em 1841, em Limoges, na França. Segundo Zanchetta (2004), ainda jovem, se mudou para Paris e, devido à sua forte atração e gosto pela arte e pintura, começou a frequentar as galerias do Louvre, servindo-lhe de inspiração artística. Rosa (2012) afirma que, em 1862, o pintor adentrou a Escola de Belas-Artes e o Atelier Gleyre, onde conheceu Bazille, Monet e Sisley. Um ano depois, ele acabou abandonando a escola para se dedicar à pintura ao ar livre. Das suas inúmeras obras, é possível destacar: *Duas irmãs (Les deux sœurs, 1881)*, *Os guarda-chuvas (Les parapluies, 1881-1886)*, *A parisiense (La parisienne, 1874)* e *Garotas ao piano (Jeunes filles, 1892)*.

Na pintura, como nas outras artes, não existe um único processo; diante disso, Balzi (1992) destaca que os quadros de Renoir resultavam de um mundo real observado em determinado momento e situação, sempre retratando a harmonia e a felicidade das pessoas, se interessando pela vida social, os espaços em que as pessoas se divertiam e o cotidiano.

Um ponto interessante refere-se às suas pinturas “para além da moldura”, ou seja, o artista não se preocupava se todas as figuras da obra seriam finalizadas em seus formatos, pois partia do pressuposto de que o espectador, ao observar uma pintura, seria capaz de imaginar como ela continuaria ou terminaria (SCHAPIRO, 1996).

Figura 5 – RENOIR, Auguste. **L'avant-scène**. 1874. Óleo sobre tela. 127x92 cm



Fonte: < <https://impressionismorenoir.tumblr.com/page/2> > Acesso em 22 nov. 2019.

Consoante Zanchetta (2004), no ano de 1874, Renoir pintou uma de suas obras mais importantes e belas: *O camarote (L'avant-scène)*, trazida na Figura 5, retratando o cotidiano da burguesia pela cena de um casal em uma ópera em Paris. Percebe-se o luxo das roupas dos dois indivíduos, como, por exemplo, as joias utilizadas pela mulher. Ela olha diretamente para a direção do pintor, enquanto o homem utiliza um binóculo em sua mão esquerda para visualizar melhor o palco. O artista não utiliza o contorno da figura e é possível observar que as cores acromáticas (branco, preto e cinza) se misturam entre si, fazendo com que o espectador busque a definição de onde começa e termina cada elemento da imagem.

As cores da obra trazem transparência, suavidade e leveza, retratando um instante visualizado pelo artista, criando uma impressão de riqueza. As

pinceladas coloridas e vibrantes e as inúmeras figuras presentes dão vida à tela, tornando-a mais expressiva.

Renoir utilizava pequenas pinceladas fragmentadas, que ajudavam a fundir uma cor na outra, descobrindo uma pintura vívida e emotiva no cenário natural da vida burguesa.

2.4 O IMPRESSIONISMO NO BRASIL

Este tópico aborda a chegada e disseminação do movimento impressionista no Brasil, destacando alguns importantes pintores nacionais e a vinda de Manet ao território brasileiro, trazendo consigo a vontade de pintar as cores tropicais do país. Nesse sentido, Chaimovich (2017) destaca que, em 1848, Manet, ainda com 16 anos, trabalhou como aprendiz em um navio-escola, que saiu da França em direção ao Brasil, mais precisamente a Baía da Guanabara, se encantando pela beleza das paisagens das praias e das baías. Sua presença em território brasileiro foi de suma importância.

A expansão do mercado das artes, a exportação e aquisição de materiais específicos para a produção de telas possibilitaram, em 1880, o deslocamento dos pintores de seus ateliês para as paisagens ao ar livre, resultando na criação da Academia Imperial de Belas Artes do Brasil, no Rio de Janeiro. Esse movimento se atentou às peculiaridades de locais brasileiros, destacando suas enseadas, guanabaras e luzes estonteantes (MEYER, 2009). Para Frota (2015), nos países tropicais, como o Brasil, a incidência dos raios solares era mais forte e menos filtrada, o que proporcionava a percepção de luzes mais vibrantes e contrastadas, acentuando ainda mais a vivacidade das cores. No capítulo das cores, por exemplo, será estudado que, quanto maior é a saturação, maior é a probabilidade de sugerir vivacidade.

Como aponta Molina (2004), a forma de pintar ao ar livre chegou ao Brasil na década de 1880, trazida pelo alemão Georg Grimm, que havia praticado esse estilo de pintura na Europa e em países ao redor do Mediterrâneo. Grimm chegou ao país em 1878 e se estabeleceu na cidade do Rio de Janeiro. Ele e seus alunos pintavam ao ar livre as paisagens aleatoriamente, de maneira espontânea e criativa, rebelando-se contra o neoclassicismo (CHAIMOVICH, 2017).

O fato de o Brasil ser repleto de paisagens tropicais, com cores mais intensas e exuberantes, diferenciando-se das paisagens do clima seco francês, ajudou muito a disseminação do Impressionismo no Brasil – como visto anteriormente, a intensidade das cores depende da iluminação do sol e de combinações das cores complementares.

A vista panorâmica de Sabará, feita por Grimm (Figura 6), representa um momento registrado pela pintura. A partir dela, é possível perceber que, em toda imagem, seja ela pintada, fotografada ou desenhada, sempre se observam as cores terrosas, quentes e frias, que proporcionam o aumento do repertório artístico do aluno, pela ideia e pelo hábito de ver e apreciar.

Figura 6 – GRIMM, Johan. **Vista Panorâmica de Sabará**. 1891. Óleo sobre tela. 98x57.



Fonte: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23394/georg-grimm> > Acesso em 22 nov. 2019.

De acordo com Meyer (2009), apesar de inicialmente haver certa resistência da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, que ainda buscava obras e artistas vinculados ao classicismo, os artistas impressionistas começaram a chamar a atenção de diversos indivíduos com suas obras e características. Muitos pintores passaram a admirar o movimento e fazer parte dele, que teve um grande destaque no cenário nacional. Alguns dos nomes que

se consagraram pelo movimento foram Eliseu Visconti (1866-1944) e Castagneto (1851-1900).

2.4.1 Eliseu D'Angelo Visconti (1866-1944)

As características da pintura impressionista, segundo Capatti e Adami (2009), foram evidenciadas, entre outros artistas, pela pintura de Eliseu Visconti, considerado o introdutor do estilo artístico no país, sendo chamado de impressionista pela própria imprensa brasileira no final da década de 1890 (BALZI, 1992).

Visconti nasceu em Fiffoni Valle Piana, na Itália, em 30 de julho de 1866, imigrou para o Brasil em 1873 e faleceu no Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1944. Foi pintor, desenhista e *designer* reconhecido em território brasileiro (SERULLAZ, 1989). Para Chaimovich (2017), foi o responsável por definitivamente abandonar os preceitos da academia, projetando características mais modernas e alcançando níveis técnicos considerados extraordinários até mesmo em cenário europeu.

De acordo com D'Aquino (1980), o artista organizou a sua primeira exposição individual em 1901, na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Ele apresentou diversas de suas obras, sendo algumas trazidas de sua expedição à França, concedida pelo prêmio de um concurso que venceu. Além disso, participou de exposições na cidade de São Paulo, dois anos depois.

Duque (1995) relata que Visconti conseguiu aprimorar suas qualidades artísticas em outros locais da Europa, como na Espanha e na Itália, tendo sido bolsista após receber o prêmio na exposição referida. Em 1903, o artista decidiu retornar ao Rio de Janeiro, onde realizou um trabalho de decoração no Teatro Municipal da cidade. De acordo com Meyer (2009), suas telas representavam principalmente retratos, autorretratos, cenas do cotidiano, cenas familiares, paisagens ao ar livre etc.

[...] Visconti utilizou-se do Impressionismo para representar a luminosidade de nossa natureza em expressivas interpretações de cores. A produção dessa época, que vai de Saint Hubert até as vistas de Teresópolis, está repleta de paisagens claras, com muita transparência e luminosidade, algumas delas atingindo quase a abstração (MOLINA, 2004, p. 359).

Consoante Capatti e Adami (2009), em 1904, Visconti executou uma de suas principais obras, *Retrato de Nicolina Vaz de Assis*, uma escultora brasileira (Figura 7).

Figura 7 – VISCONTI, Eliseu. **Retrato de Nicolina Vaz de Assis**. 1904. Óleo sobre tela.
100x81 cm



Fonte:<http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_ev.htm >Acesso em 22 nov. 2019.

A tela apresenta cores e tons que acabam se confundindo e se sobrepondo, como o fundo marrom e as cores que compõem o casaco longo, principalmente no canto direito da tela, que representa o braço direito da mulher. Sua roupa preta não possui contornos perceptíveis, mas nota-se que ela está usando um cinto (ou fivela) e sua mão direita está apoiada sobre o quadril, enquanto a esquerda está ao longo do corpo. Como já visto, as cores podem influenciar a percepção e o olhar; nesse sentido, o professor de Arte pode abordar as cores complementares (sobrepostas) ou a saturação em sua aula.

Nota-se também que seu chapéu escuro acaba se confundindo com seus cabelos, também escuros, tornando impossível definir onde começa um e o outro, ou seja, os limites e contornos não possuem nenhuma definição. Outra observação está no rosto iluminado da mulher e no seu olhar, que vai para muito além da tela. As cores terrosas monocromáticas estão presentes em quase toda a imagem, além do preto no chapéu e no cabelo, para dar um charme ao retrato na pintura com cores quentes.

Em 1922, apesar de não ter sido convidado para a Semana de Arte Moderna (MEYER, 2009), Visconti acompanhou seus acontecimentos com interesse. Apesar disso, foi premiado com uma medalha de honra na Exposição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil.

De acordo com D'Aquino (1980), outras obras executadas por Eliseu Visconti podem ser mencionadas, como *Morro de São Bento* (1887), *Menino na ladeira* (1889), *O homem do cachimbo* (1890), *O beijo* (1898), *Maternidade* (1906) e *Carrinho de criança* (1916).

2.4.2 Giovanni Battista Felice Castagneto (1851-1900)

Batizado com o nome Giovanni Battista Felice Castagneto e mais conhecido por seu sobrenome, é considerado um dos grandes nomes da pintura do Impressionismo brasileiro, tendo sido aluno de Grimm e com fortes influências das pinturas ao ar livre. Nascido em Gênova (Itália), em 1851, faleceu no Rio de Janeiro, em 1900 (D'AQUINO, 1980).

Segundo Duque (1995), em 1886, ele conseguiu expor algumas de suas obras individualmente, pela primeira vez em sua carreira, na Casa Vietas, onde já havia exposto em conjunto com outros pintores. Dentre as telas presentes, era possível encontrar: *Porto do Rio de Janeiro* (Figura 8), *Marinha com barco*, *Canoa a seco na praia em Angra dos Reis* e *Embarcações ancoradas no Porto do Rio de Janeiro* (CHAIMOVICH, 2017).

Figura 8 – CASTAGNETO, Giovanni. **Porto do Rio de Janeiro**. 1884. Óleo sobre tela. 54x94 cm



Fonte:< <https://artsandculture.google.com/asset/porto-do-rio-de-janeiro-giovanni-battista-castagneto/5QEnb6PcmZCKoA>> Acesso em 22 nov. 2019.

Notam-se, nessa paisagem, a formação e a quebra das ondas, em pinceladas mais curvas e com contrastes de branco (representando a espuma da água) e tons de verde. Três barcos encontram-se sobre a areia, enquanto é possível observar alguns navios mais ao longe, mar adentro, com suas bandeiras hasteadas. A coloração do fundo do mar difere bastante do local onde as ondas se quebram, variando de tons de azul (mais ao fundo) a tons mais esverdeados (mais ao raso). O céu azul é encoberto por muitas nuvens brancas (com algumas variações de cinza) e é possível perceber uma breve vegetação verde-escura à esquerda.

Chaimovich (2017), Capatti e Adami (2009) e Molina (2005) relatam que Castagneto era conhecido principalmente por suas pinturas ao ar livre e marinhas, pintando, por vezes, dentro dos próprios barcos, sendo hábil e ágil no manejo dos pincéis. Em 1887, pintou um de seus exemplares marítimos responsáveis por marcar a sua técnica: *Porto do Rio de Janeiro*, presente na Figura 8 (D'AQUINO, 1980).

Quando era necessário algum destaque rápido em sua obra, ele ousava até mesmo utilizar o mesmo pincel, borrando outra cor para que não perder tempo, limpando-o e trocando de cor na paleta. “Com tais recursos cromáticos, era capaz de produzir uma pintura sobre as águas muito rapidamente” (CHAIMOVICH, 2017, p. 13).

Para Duque (1995), suas obras marinhas, principalmente nos últimos anos de vida, demonstram a grande evolução técnica e o amplo domínio da pintura, utilizando intensos cromatismos. Assim como o artista fez uso dessa teoria para a pintura impressionista, o professor de Arte pode se valer dessa técnica para entender as obras impressionistas e a teoria da cor.

A partir desta primeira revisão impressionista, é possível começar a buscar algumas aproximações entre as obras e o estilo artístico, com a utilização das cores e diversas formas metodológicas de aplicação na arte, para apoiar a prática pedagógica do professor e entender a classificação e divisão das cores nas obras impressionistas.

Na sequência, será abordada a teoria das cores, assim como seu caráter subjetivo, utilizando algumas obras impressionistas para destacar as características e associações das cores.

3 AS PERCEPÇÕES VISUAIS DAS CORES

Neste capítulo, discutem-se a percepção visual das cores, as teorias, características e classificações, os elementos que compõem as cores, sua subjetividade e as cores nas pinturas do Impressionismo.

A teoria das cores pode ser abordada a partir do conhecimento sobre suas principais classificações, como cores primárias, secundárias, quentes, frias, neutras, complementares, cromáticas, acromáticas e terrosas. Entretanto, serão discutidos aqui alguns elementos das classificações consideradas mais importantes nas pinturas impressionistas, não abrangendo todas as classificações e características.

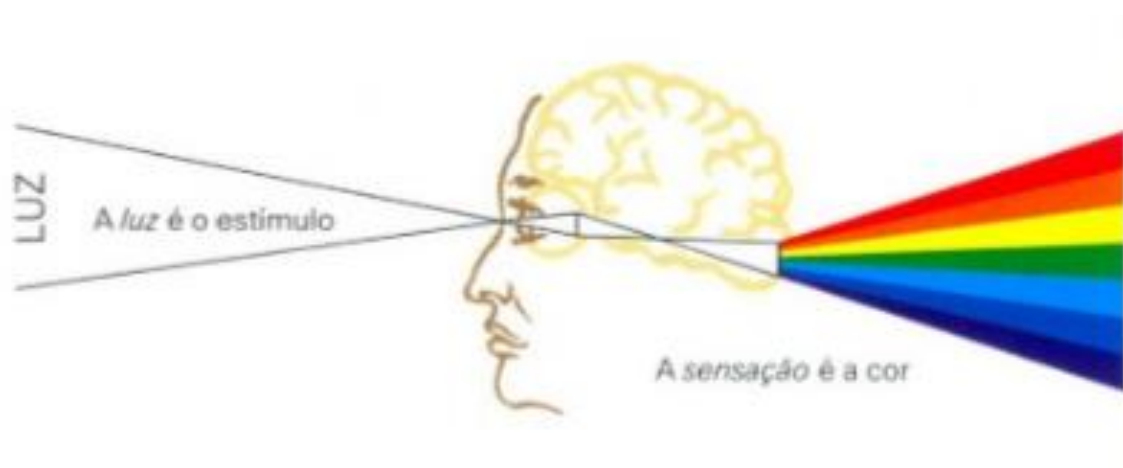
As cores também podem ser estudadas na história da arte em todos os períodos, como destacado brevemente no capítulo anterior sobre o Impressionismo, que, segundo Gombrich (2002), é conhecido como “o movimento da luz” e da pintura ao ar livre. Isso significa que os efeitos das luzes artificiais ou naturais auxiliavam na escolha e na observação dos diferentes matizes e combinações de cores. Dessa forma, para que seja possível compreender o efeito da luz na pintura, é necessário também estudar as cores, suas teorias e características, buscando da mesma forma compreender como esses elementos se relacionavam com a pintura impressionista.

Entre os elementos visuais existentes envolvidos no ato de ver uma imagem, pode-se destacar primeiramente a luz, haja vista que sem luz não se consegue enxergar. Dondis (1998) afirma que a luz revela o que o homem imagina e atesta aquilo que se vê. Diante disso, pode-se afirmar que a cor não existe, mas é uma sensação provocada pela ação da luz sobre os objetos. A respeito, Gage (2012) disserta que se vê o contexto da cor e da onda de luz que penetram ao olho, as quais são invisíveis.

Além da cor e da luz, outros elementos visuais importantes para as pinturas e a composição dos desenhos dos artistas são: linha, forma, direção, textura, escala, dimensão e movimento, atribuindo opções estratégicas de combinação na pintura para passar uma mensagem. Assim, conhecer esses elementos visuais é de suma importância para compreender e analisar qualitativamente a síntese de uma obra, interpretando-a a partir de sua composição como um todo.

As cores são a matéria-prima e o esqueleto estrutural das pinturas, fornecendo a informação visual ao indivíduo. O ensino da arte seria uma forma de estimular as sensações, o potencial criativo e as emoções humanas, podendo o professor, por meio das cores e das obras impressionistas, desenvolver a capacidade criativa e crítica do aluno. Para Figueiredo e Pietrocola (1997), o processo de percepção de qualquer imagem é iniciado pela retina, que absorve os raios luminosos ou coloridos; em seguida, a construção dessa imagem é efetuada pelo cérebro (Figura 9), que processa esse estímulo, gerando sensações subjetivas e individuais.

Figura 9 – O estímulo e a sensação da cor



Fonte: Pedrosa (2003)

Esse estímulo físico ocorre a partir da incidência dos raios luminosos da luz branca, transformando-a em colorida, possuindo, conforme aponta Pedrosa (2003), três intensidades de comprimento: longas (próximas do vermelho), médias e curtas (próximas do violeta), sendo responsável pela grande variância cromática. Um objeto, quando iluminado de dia, por exemplo, apresenta uma cor e uma tonalidade mais clara, enquanto, à noite, os tons escuros se sobressaem.

Ao misturar tintas ou pigmentos, estamos, indiretamente, manipulando a luz. Quando a luz bate na superfície pigmentada, alguns comprimentos de onda são absorvidos e outros refletidos. Os comprimentos de onda refletidos determinam a cor que vemos. Assim, o que chamamos tinta vermelha é tinta que absorve luz verde e azul, enquanto a tinta verde absorve luz vermelha e azul (FRASER; BANKS, 2007, p. 26).

O espectro eletromagnético considera a frequência e o comprimento das ondas para mostrar as diferentes cores, variando de 400 nm (cor violeta) a 680 nm (cor vermelha). Alguns autores, entretanto, relatam que esse espectro eletromagnético é percebido entre 380 nm e 780 nm (SILVEIRA, 2015).

Serullaz (1989) declara que os objetos e suas intensidades de cores e tonalidades são percebidos por meio de ondas eletromagnéticas ocasionadas pela incidência da luz (artificial ou natural). Dessa forma, entende-se que não necessariamente se vê um objeto, mas, sim, a luz que neles reflete.

Considerando-se os aspectos físicos da Teoria da Cor, viu-se que as substâncias não possuem cor, mas certa capacidade de absorver, refratar ou refletir determinados raios luminosos incidentes, mesmo aceitando certa materialidade atribuída à luz. Isto leva a crer que não se pode considerar a física como parâmetro único na análise da cor (...) para um objeto ser colorido, aceitam-se dois atores como imprescindíveis: uma fonte de luz natural e as propriedades reflexivas do objeto (SILVEIRA, p. 74, 2015).

Para Figueiredo e Pietrocola (1997), após a imagem ser processada pela retina, ocorre uma inversão dela no cérebro, reajustando-a. São recebidos estímulos visuais que possibilitam detalhar e destacar a complexidade de cores para, em seguida, serem atribuídos significados e sentimentos para cada indivíduo. Ainda segundo os autores, toda e qualquer informação, seja ela visual ou mesmo auditiva, é sintetizada pelo córtex pré-frontal do cérebro, sendo posteriormente atribuídas sensações, únicas para cada um, conforme suas próprias experiências de vida e recordações.

Uma mesma cor evoca inúmeras leituras, sendo perceptível não só pela visão, mas também pela memória; dessa forma, pode-se afirmar que se contemplam as cores no nível psicológico, além da visão. Ademais, as cores na pintura transmitem efeitos, significados e informações para o observador; às vezes, usando tecnologias, como fotografias, podem ser percebidas mais nitidamente as informações implícitas das cores, principalmente criticando, observando e analisando. Assim, é importante que os alunos percebam as cores e as luzes nas imagens e em seus diferentes conceitos (pinturas ou fotografias).

3.1 TEORIAS E ESTUDOS SOBRE AS CORES

A utilização da cor, conforme aponta Pedrosa (2003), é inerente à história da humanidade. Elas acompanharam e continuam acompanhando a evolução humana; entretanto, não se sabe dizer com precisão quando os estudos relacionados a ela começaram.

O emprego da cor pode ter iniciado há mais de 150 ou 200 mil anos, quando o homem da idade do gelo sepultava os mortos nos ritos da cor vermelha e pintava os ossos da mesma cor. O “vermelho” é a mais antiga designação de cor encontrada, e na maioria das línguas foi tirada da palavra “sangue” (GOLDMAN, 1964, p. 60).

Cabe ressaltar, porém, que o processo da cor na arte envolve a história intelectual e social de cada época. Segundo Aristóteles, “não vemos as cores como elas realmente são” (apud, Gage 2012, p. IX); em outras palavras, não se deve basear apenas no superficial das cores, sendo interessante perceber também os aspectos das ondas de luz, dos reflexos das sombras, do material utilizado e de todo o contexto em que a obra foi feita, para depois entendê-la. No caso do docente de Arte, deve buscar, em sala de aula, refletir isso com os alunos, fazendo uma leitura da imagem e de forma prática levantar possibilidades que instiguem a reflexão.

Na pré-história, os seres humanos já utilizavam as cores para executar seus desenhos e pinturas rupestres (Figura 10), com sangue de animais, elementos naturais compostos por plantas e cera de abelha, carvão etc. Portanto, as cores e a pintura já coexistiam, considerando que se observa ao redor um universo multicolorido (PEDROSA, 2003).

Figura 10 – Friso dos touros. Gruta de Lascaux, Dordogne, França



Fonte: Pedrosa (2003)

Farina (1990) revela que os povos antigos, como os egípcios e os babilônios, faziam o uso das cores em diversos objetos. Assim, variados são os estudos e experimentos destinados ao entendimento das cores, empreendidos, entre outros, por Leonardo da Vinci, Isaac Newton, Johann Wolfgang von Goethe, Thomas Young e Hermann Von Helmholtz.

Consoante Pedrosa (2003), Leonardo da Vinci (1452-1519) foi um dos principais artistas do Renascimento, na Itália, produzindo diversas obras famosas, com destaque para *Monalisa*. Ele também realizava experiências físicas e foi um dos responsáveis por auxiliar na teoria da cor a partir de seu *Tratatto dela pittura*, um conteúdo repleto de anotações da física, química e fisiologia, que se tornaram fundamentais para os pintores de sua época. Afirmava que a cor não era uma propriedade dos objetos em si, mas da luz que os circundava; nesse sentido, o branco e o preto não eram considerados cores, mas extremos luminosos, assim como o vermelho, o verde e o amarelo tinham a capacidade de formar todas as outras cores (SILVEIRA, 2015).

Mais adiante, Isaac Newton (1643-1727) postulou os estudos da teoria das cores, modelo seguido até os dias atuais. Em 1665, realizou uma experimentação de refração da luz utilizando um prisma que se dividia nas sete cores do arco-íris: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta, criando o “espectro da luz branca solar” (SILVA; MARTINS, 2003).

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1806) foi outro que investigou as cores, por meio do estudo denominado *Farbenlehre* (doutrina das cores). Para ele, o croma seria manifestado de três distintas formas: fisiológica, física e quimicamente, associadas também aos fatores psicológicos. Além disso, ele não considerava o verde uma cor primária, mas secundária. Nessa perspectiva, as cores fisiológicas seriam associadas àquelas que os olhos são capazes de captar, as cores físicas, oriundas de fontes luminosas refletidas por objetos coloridos (cores-luz), enquanto as cores químicas dependeriam de substâncias químicas (pigmentos), sendo conhecidas como cores-pigmento.

No começo do século XIX, o inglês Thomas Young (1773-1829) propôs a teoria tricromática, postulando a ideia de que o olho humano possui receptores luminosos para três cores primárias: vermelho, amarelo e azul. Entretanto, mais tarde ele substituiu o amarelo pelo verde (FRASER; BANKS, 2007). Segundo Bueno (2008), a teoria de Young foi estudada e desenvolvida pelo alemão Hermann Von Helmholtz (1821-1894), um cientista conhecido como o grande pioneiro da fisiologia sensorial, que também se utilizou das experiências de Newton e seu disco colorido que, quando girado em alta velocidade, tinha a capacidade de produzir o branco. Nessa experiência, o aparecimento do branco está associado à propriedade da luz refratada e não do meio refrator (PEDROSA, 2003).

Diante do exposto, a palavra “cor” pode se referir tanto ao estímulo luminoso quanto à sensação e visualização cromática.

Todas as cores que não percebemos estão presentes na luz branca. Sua dispersão, isto é, a dispersão da luz, origina o fenômeno do cromatismo. A luz branca, o branco que percebemos, é, portanto, acromático, isto é, não tem cor. O mesmo diremos do preto, que representa a absorção total de todas as cores, ou seja, a negação de todas elas (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p.61).

A partir disso, compreende-se que as cores são um dos principais meios de que se vale o artista para dar variedade, ênfase e unidade à pintura, exprimindo ideias e emoções, agindo sobre a sensibilidade. De acordo com Fraser e Banks (2007), a cor não é fixa, mas subjetiva para cada indivíduo, tendo um significado único. Considerando essas teorias e estudos, o professor pode

se apropriar dos conceitos e características das cores para entender melhor as obras de arte.

3.2 AS CLASSIFICAÇÕES E CARACTERÍSTICAS DAS CORES

Neste tópico, discutem-se as cores-luz e cores-pigmento, além das classificações e características das cores.

Prette (2008), em seus estudos, relata que a cor pode ser obtida por meio de fontes físicas (luz) ou químicas (pigmento), sendo gerada a partir da incidência da luz (natural ou artificial) sobre determinada superfície. Dessa forma, a obtenção da cor a partir de fontes físicas se relacionaria com as cores-luz e de fontes químicas, as cores-pigmento.

As cores-luz estão presentes na escala conhecida como RGB, compostas pelo vermelho, verde e azul. Já as cores-pigmento opacas constituem a escala RYB (vermelho, amarelo e azul) e as transparentes, a escala CMY (ciano, magenta e amarelo). Farina (1990) destaca que a obtenção da cor-luz ocorre a partir da incidência de uma fonte luminosa natural, como o sol, ou de artefatos artificiais, como lâmpadas artificiais.

As cores primárias desse sistema são o vermelho, o verde e o azul-violetado, que, quando misturados, são capazes de resultar no branco, sendo conhecidas como o sistema RGB (*red, green, blue* – vermelho, verde, azul).

Figura 11 – Cores-luz (modelo RGB)



Fonte: Pedrosa (2003)

As cores-pigmento (subtrativas) são obtidas a partir de composições químicas, como os corantes, podendo ser criadas e modificadas por meio de

diversos processos, sendo classificadas como opacas ou transparentes (PEDROSA, 2003). As primeiras compreendem uma tríade composta por três cores primárias – vermelho, amarelo e azul –, que, quando combinadas, geram o preto. Esse fenômeno recebe o nome síntese subtrativa. Suas cores secundárias são o laranja, o verde e o roxo (FARINA, 1990).

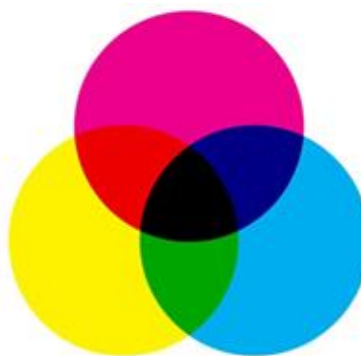
Figura 12 – Cores-pigmento opacas (modelo CMY)



Fonte: Pedrosa (2003)

Já as cores-pigmento transparentes são aquelas que permitem a passagem da luz (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006), sendo suas cores primárias o magenta, o ciano e o amarelo; ao misturá-las, se obtém o cinza (síntese subtrativa). São bastante utilizadas nas artes gráficas.

Figura 13 – Cores-pigmento transparentes (modelo RYB)



Fonte: Pedrosa (2003)

Segundo Farina (1990), também se deve destacar a disposição do círculo cromático (Figura 14), em que é possível observar visualmente 12 cores (três primárias, três secundárias e seis terciárias).

Figura 14 – As cores no disco cromático



Fonte: autora (2019)

As classificações das cores também podem ocorrer, conforme estudos de Prette (2008) e Farina (1994): (i) de acordo com a sua composição no disco cromático (primária e secundária); (ii) de acordo com a sua temperatura (quentes e frias); (iii) de acordo com suas origens (cromáticas, acromáticas e neutras); (iv) de acordo com a sua combinação (complementares, concordantes, acordantes, discordantes, monocromáticas, policromáticas etc.).

O professor pode, em sala de aula, ensinar e classificar as cores a partir de imagens, utilizando a teoria das cores primárias, secundárias e terciárias. Isso pode ocorrer, por exemplo, sugerindo aos alunos desenhar o disco cromático, exemplificando o estudo das cores e suas classificações e características, podendo estimular a dimensão afetiva, cognitiva, subjetiva, objetiva e emocional, o sentimento do conhecimento pelas cores e como elas podem afetar a percepção psicológica.

3.2.1 De acordo com a sua composição no disco cromático

A composição das cores no disco cromático é dividida em três categorias: cores primárias, secundárias (FARINA, 1990) e terciárias (OSTROWER, 2004); entretanto, esta não será aqui estudada. Essa classificação é necessária para entender as cores, de modo a ter uma percepção mais detalhada durante o processo de análise e observação de imagens.

As cores primárias, conforme já visto, são assim chamadas por serem indecomponíveis, sendo compostas pelo vermelho, amarelo e azul. Fraser e Banks (2007) informam que podem também compreender o magenta, amarelo e azul-ciano ou o vermelho, verde e azul. A aprendizagem na disciplina Arte deve destacar essas características, o que pode ser feito a partir do trabalho com obras de artes, pela análise, leitura, percepções e debates, utilizando, nesse caso, algumas obras do Impressionismo.

Figura 15 – VISCONTI, Eliseu. **Patinhos no lago**. 1897. Óleo sobre tela. 60x81, e as cores



primárias

Fonte: <<https://eliseuvisconti.com.br/visconti-e-o-impresionismo/>> Acesso 20 nov. 2019.

Na obra da Figura 15, de Eliseu Visconti, professores e alunos podem ver as cores-pigmento opacas primárias (amarelo, vermelho e azul), percebendo os movimentos dos patos no lago, além da sombra pelo efeito da luz e do movimento da água, observando as cores sobrepostas, e os reflexos na água, pela mistura das cores. O artista dissolveu a pintura, representando um instante

único da natureza, em uma observação particular, conseguindo efeitos luminosos das cores características do período impressionista. Buscou representar na natureza as adaptações das cores necessárias para explorar percepções de luz, sombra e movimento.

Na obra *Garden at Sainte-Adresse*, executada por Monet (Figura 6), observa-se que a pintura não possui a mistura de cores, tendo o artista as utilizado diretamente da paleta, sendo cores puras com pinceladas rápidas, separadas e com manchas.

Figura 16 – MONET, Claude. **Garden at Sainte-Adresse**. 1867. Óleo sobre tela. 98x129 cm e as cores secundárias



Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/renzodionigi/3819705427>> Acesso 20 nov. 2019.

Nessa imagem, pode-se perceber que o artista compôs a pintura como o registro fotográfico de um instante observado. Sabe-se que a pintura é diferente da fotografia, pela técnica, material utilizado, além de as cores das tintas serem diferentes das cores de uma fotografia. Nessa pintura em tela, destaca-se o jardim repleto de flores, com cores secundárias na composição das sombras, uma vez que os impressionistas não utilizavam o preto nas sombras e

nos reflexos. Além disso, vê-se o branco nos vestidos e na sombrinha, repletos de luz refletida, e ao longe barcos e fumaça.

Parece que Monet tentava registrar duas cenas diferentes, uma de tranquilidade e paz e outra de possível guerra. O sol está de frente para os personagens da cena, que observam a paisagem, podendo-se destacar também o tricolor da bandeira francesa, que voa alto à direita, enquanto à esquerda há uma bandeira vermelha e amarela, representando talvez as cores de um clube local.

3.2.2 De acordo com a sua temperatura

Neste tópico, discutem-se as cores quentes e frias, buscando exemplos nas pinturas impressionistas para melhor visualizar e compreender essa divisão. É importante destacar, entretanto, que elas podem ainda ser consideradas neutras.

Silveira (2015) aponta que as cores podem ser percebidas conforme a sua temperatura, em cores quentes, frias e neutras, muito utilizadas para causar diferentes sensações nos indivíduos, no sentido psicológico, interferindo nas emoções. Quando o pintor utiliza com intensidade uma cor considerada quente, por exemplo, pode representar um momento de êxtase e alegria; já uma cor fria pode indicar momentos de tristeza.

Segundo Ostrower (2004), as cores quentes possuem maior vibração e força, sendo mais luminosas e destacadas, fornecendo a sensação de calor e iluminação, a exemplo do vermelho, amarelo e laranja, cores associadas ao calor, ao sangue e ao sol. Um artista, ao executar a pintura de uma tela, deve imaginar as sensações que as cores quentes irão passar a seus espectadores e valorizá-las para serem estimulantes. A pintura de um sol com combinações de vermelho, amarelo e laranja, por exemplo, se mostrará muito mais dinâmica e viva quando comparada à de paisagem noturna, com combinações de verde, violeta e azul.

Figura 17 – MONET, C. **Nenúfares**. 1824. Óleo sobre tela. 81x100 cm e as cores



Fonte: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/versoes-da-obra-de-claude-monet-a-ponte-japonesa/>> Acesso 27 out. 2019.

Na Figura 17, Monet utilizou as cores quentes ao longo da vegetação, nas sombras e nas folhagens, representando profundidade, como também cores frias, como o verde e suas tonalidades, demonstrando uma mistura entre a vegetação e o lago, nas sombras, folhagens, flores, céu e em toda a vegetação. É possível, inclusive, assimilar essa imagem como cenas de primavera, calor, luz e sol, como só as cores quentes podem representar. Lembrando que os impressionistas não utilizavam contornos nos elementos retratados na pintura, as cores parecem jogadas na tela sem misturas.

Uma vez que a vida cotidiana do aluno normalmente está afastada da sensibilidade das cores e da percepção visual, cabe ao docente de Arte oportunizar estratégias para a efetivação dessa aprendizagem, como mostrando obras e analisando as cores quentes e frias.

As cores frias possuem menos luminosidade e causam sensações e percepções de frio e melancolia, calma e tranquilidade, como o azul, o verde e o

roxo. São associadas ao céu, às águas, ao gelo e à natureza (BUENO, 2008). Normalmente, são tranquilizantes e trazem calma ao espectador.

Figura 18 – MONET, C. *Nenúfares*. 1916. Óleo sobre tela. 81x100 cm e as cores frias



Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/513199320036297016/>> Acesso em 27 out. 2019.

Um exemplo disso é a obra *Nenúfares*, do impressionista Monet (Figura 18). Esse mesmo cenário serviu para que ele captasse cenas consideradas quentes e frias, sendo esta uma das composições do artista sobre o seu jardim pessoal, em que se pode observar que utilizou cores frias em quase toda a pintura (como visto na paleta de cores abaixo da pintura).

Nessa obra, tem-se a sensação de tranquilidade pela sombra na água, iluminada pelo branco, e as folhas caindo podem representar a vegetação de prováveis árvores e plantas locais de um lugar calmo, parado pelo tempo do artista, como a fotografia de um instante, em que se para o tempo de uma cena que nunca mais irá se repetir.

Ao longo da vida, pode-se sentir emoção ao olhar uma obra ou uma fotografia; isso ocorre pelo fato de a linguagem utilizada ter conseguido produzir sentido dentro do universo mental, levando a interpretar a arte por meio das

cores e formas. Nesse sentido, o professor de Arte deve estar atento às sensações das cores quentes, frias e neutras, procurando fazer o aluno perceber que esses elementos são imprescindíveis para melhor compreensão das pinturas e fotografias.

3.2.3 De acordo com a sua combinação

Neste tópico, a discussão aborda as combinações das cores, que podem ser complementares, concordantes, acordantes, discordantes, análogas, monocromáticas ou policromáticas. Aqui será exposta somente a classificação de cores complementares, recordando que elas possuem importante peso na composição de uma pintura e, conforme sua utilização e proporção, podem se tornar harmoniosas e equilibradas ou desequilibradas.

As cores complementares são aquelas que se complementam, estando diretamente opostas na composição do círculo cromático (180°). Os pares complementares podem ser: laranja e azul, verde e vermelho, violeta e amarelo (ROUSSEAU, 1993). Isso significa que elas são fortemente atrativas entre si, provocando excitação visual aos olhos do espectador, podendo equilibrar e acentuar uma pintura por meio de jogos de contrastes, dando dinamicidade, sensação de força e movimento.

Figura 19 – As cores complementares



Fonte: autora (2019)

Pedrosa (2014, p. 32) afirma que “cor complementar é a designação dada à cor secundária, pelo fato de que ela, justaposta à cor primária que não entra em sua composição, complementa o espectro solar”.

Figura 20 – MORISOT, Berthes. **Dans le jardin à Maurecourt.** 1884. Óleo sobre tela. 80x60 cm



Fonte: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-45766725>> Acesso em 22 nov. 2019.

Na obra da Figura 20, de Morisot, identificam-se as cores complementares do amarelo, combinadas com o violeta. A artista não se preocupava com a definição exata da pintura, de modo que não se sabe onde cada cor termina ou começa. Ela utilizou pinceladas soltas, sendo possível perceber que os rostos são incompreensíveis e a vegetação e paisagem local são indecifráveis. Há poucas cores quentes e a combinação das cores complementares torna a obra a representação de um rápido instante, dando a impressão de observar a cena de uma janela.

Quando duas cores complementares são utilizadas com pinceladas justapostas, elas se potencializam. São associadas às cores que possuem maior contraste entre si, como o vermelho e o verde, o amarelo e o violeta e o azul e o

laranja, sendo largamente utilizadas pelos pintores, como Morisot. Nessa perspectiva, os docentes de Arte devem fazer com que os alunos adotem um olhar aberto, adquirindo informações sobre a imagem, fazendo exercícios para chegar a conclusões mais aguçadas.

3.2.4 A subjetividade das cores

Neste tópico, trata-se da subjetividade das cores e possíveis interpretações, conforme a utilização de diferentes matizes, com exemplos de obras do Impressionismo.

As cores estão presentes no cotidiano desde o momento em que se nasce, sendo percebidas em objetos, na natureza, em astros e outros elementos visuais. Popper e Ecclees (1992) dissertam que a cor possui diferentes sensações psicológicas, podendo estar relacionada, além dos contextos já mencionados, a características como a dimensão, o peso, a iluminação, o simbolismo, a emoção e a recordação.

- Dimensão: na pintura, a cor pode afetar a percepção da dimensão de um ambiente, gerando sensações de espaço mais ou menos amplo.
- Peso: as cores podem causar a impressão de determinado objeto ser mais pesado ou mais leve. Uma nuvem, se pintada em tons mais escuros, por exemplo, irá gerar a sensação de estar mais carregada, mas, se apresentar tons mais claros, causará a impressão de ser mais leve.
- Simbolismo e emoção: as cores influenciam psicológica e subjetivamente, variando as sensações de indivíduo para indivíduo, conforme as experiências agregadas e recordações.
- Recordação: as cores influenciam diretamente as memórias, desde as mais antigas até as mais recentes, se associando a diferentes momentos da vida de cada um, gerando recordações.

Entende-se que executar combinações entre as cores gera enorme potência artística para representar distintas sensações. Ao observar uma obra de arte, o foco depende de vários estímulos e sensações, conforme as experiências vividas e os sentimentos; cabe ao pintor compreender de que maneira essas combinações podem ser interpretadas e “sentidas” por seus observadores, visto que elas podem criar múltiplos significados.

3.2.5 Cores acromáticas ou neutras

É possível agrupar as cores em categorias acromáticas ou neutras, constituídas pelo branco, preto e mistura entre eles, que é o cinza. Apesar de o branco e o preto não serem considerados cores, segundo Farina (2006), na presença ou ausência de luz, pertencem ao grupo de cores acromáticas. Ainda, de acordo com Albers (2009), o branco pode se associar à limpeza, saúde e higiene e remete à paz, otimismo, divindade, vida, neve e alma. Se utilizado em excesso, porém, pode representar o vazio e a frieza.

Figura 21 – RENOIR, Auguste. **La promenade, femme à l'ombrelle.** 1875. Óleo sobre tela.
100x81 cm



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/wp-content/uploads/2018/01/m_sombrinha-409x450.jpg> Acesso em: 27 out. 2019.

Combinado com outros matizes, o branco tem a capacidade de potencializar um cenário ou uma pintura, fornecendo combinações visualmente agradáveis. Um exemplo da utilização do branco nas pinturas é a obra *Mulher com sombrinha*, do impressionista Renoir (Figura 21), em que se observa a

abundância do branco na imagem, proporcionando a luz e seus reflexos, além do ocre e verde-escuro, resultando na sombra.

Nota-se o céu repleto de nuvens brancas, podendo sugerir a sensação de frescor e tranquilidade. A brisa do vento é possível de ser percebida igualmente, ao observar movimentos nas vestes da moça. Os matizes (diferentes tons de cores) estão refletidos no vestido da mulher, assim como no azul do céu. Observam-se pinceladas longas e rápidas nas nuvens e o vento agita a roupa da modelo, balançando seu véu, sua sombrinha e dobrando a vegetação.

No Impressionismo, como já visto, os artistas abandonaram o preto nos contornos e utilizaram as cores para expressar as sombras e os contornos das figuras. O preto “causa a sensação de perda; sensação de introspecção; sensação de escuridão, de ser tragado pela falta de clareza na visão” (SILVEIRA, 2015, p. 124). Bueno (2008) afirma que, positivamente, o preto remete à sofisticação, sendo muito utilizado para representar a nobreza e a seriedade.

Figura 22 – MONET, Claude. **Regatas em Argenteuil**. 1872. Óleo sobre tela. 48x75 cm



Fonte: <<http://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-19/impressionismo/#jp-carousel-1212>> Acesso em 22 nov. 2019.

Como se pode ver na Figura 22, as paisagens não possuem uma única coloração. Para Gerstner (1997), havia fatores extrínsecos que alteravam as cores dos objetos e da própria natureza, visto que a tonalidade muda conforme a exposição da luz solar. Na mesma linha de pensamento, Lobstein (2010) afirma

que a percepção das cores em determinada paisagem pode sofrer alteração de acordo com fatores específicos (estação do ano, hora do dia, localização geográfica etc.). Era justamente essa percepção que os impressionistas tentavam captar e transportar até suas telas. Monet, por exemplo, abandonou o preto nos contornos das figuras e o máximo que o artista usou foi o cinza-escuro, azul-petróleo, além de cores frias e quentes, para completar a obra.

Consoante Bueno (2008), o cinza é obtido a partir da mistura do branco e do preto, mais voltado à neutralidade, sendo associado à neblina, chuva, pó, cimento, edifícios etc. Além disso, remete à tristeza, velhice e decadência. Dependendo de seu contexto de inserção, pode ser considerado elegante e até mesmo sofisticado (SILVEIRA, 2015). Diante disso, compreende-se que o cinza é visto, devido à sua neutralidade, como um elemento colorístico estático e até mesmo sem emoção.

Figura 23 – MONET, Claude. **The Beach at Sainte-Adresse**. 1867. Óleo sobre tela. 75x101 cm



Fonte: <www.nga.gov> Acesso em 22 nov. 2019 Acesso em 22 nov. 2019.

Como demonstrado na Figura 23, é possível distinguir a forma pictórica das paisagens desse período impressionista, como exemplificado no capítulo anterior. O artista retrata as pessoas na Praia de Sainte-Adresse, com a areia

nas cores azul e branca, destacando a praia na maré baixa em cinza, observando os pescadores nativos e seus barcos na cor sépia, registrando o trabalho de navegação com os três pescadores e seus barcos encalhados à esquerda.

3.2.5.1 Cores cromáticas

As cores cromáticas presentes no disco são o vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo, tendo um significado muito específico numa pintura, principalmente nas obras impressionistas, visto que, por trás de cada cor, há uma gama de simbologias, signos e especificações.

Farina (2006) revela que o vermelho é uma cor extremamente quente e estimulante ao olhar, lembrando o sangue, o coração, a musculatura e a revolução. Considerada, entre as cores primárias e secundárias, a mais brilhante e atrativa, gera a impressão de aumento de volume. Negativamente, pode ser depressiva e envolver representações de guerra e combates violentos, o ódio, as guerras e as destruições, o perigo, a fúria e a violência como um todo.

Fraser e Banks (2007) relatam que esse é o matiz que mais possui a sensação de dinamismo, sendo capaz de estimular fisiologicamente o corpo, elevando a pressão sanguínea e os batimentos cardíacos (FARINA, 2006). Dessa forma, evita-se utilizar o vermelho em pinturas que tenham a intenção de representar relaxamento, calma e nostalgia.

O laranja, segundo Goethe (1996), é associado à inteligência e à mente criativa, possuindo grande comunicação, proporcionando sensações prazerosas e energéticas. É a cor da prosperidade e da ousadia, gerando enorme impacto e destaque quando utilizada. Entretanto, para Silveira (2015), pode se associar à advertência e ao perigo, bem como à ansiedade e ao nervosismo. Romanato (2017) destaca que pode representar também a violência e agressividade, conforme sua utilização.

De acordo com Cunha (2016), o amarelo, em relação à sensação térmica, é considerado uma cor quente, mas não tão fortemente atribuído a essa categoria como o vermelho. Quanto mais intenso for o amarelo utilizado, maior será a percepção de luminosidade. É uma cor associada à riqueza, prosperidade e radiação do sol, verão, sendo estimulante, iluminada, alegre e criativa

(BUENO, 2008), como também vinculada ao otimismo, autoconfiança e riqueza. Dependendo de seu contexto, pode representar o egoísmo, o ódio e a inveja, o medo e a irracionalidade, além da depressão, suicídio, angústia e advertência (ALBERS, 2009).

Figura 24 – MONET, Claude. **Saint-Georges Majeur ao entardecer**. 1908. Óleo sobre tela. 65x92 cm



Fonte: <<https://www.amopintar.com/claude-monet/>>. Acesso em 28 out. 2019.

Na obra de arte destacada na Figura 24, o vermelho exerce uma perspectiva de pôr do sol, trazendo sensações de excitação e calor, se associando às sensações geradas ao observar uma chama. Acompanhado do laranja e do amarelo, a obra poderia transmitir para a sensação de alegria e energia, expressando a grandiosidade nas pinceladas e na sensibilidade do artista. As cores representadas na pintura impressionista não dão contornos às imagens e parecem ser jogadas na tela, passando a sensação de fogo e sol queimando. As cores frias ficam nas extremidades e as quentes ocupam grande

parte da tela, a partir de riscos, representando traços sobrepostos na composição.

As cores cromáticas frias, como o verde, azul e roxo, têm um significado diferente nas pinturas. Silveira (2015) relata que o verde está fortemente associado ao relaxamento, suavidade, descanso, esperança, natureza, prosperidade, sorte, bem-estar e saúde. Para Farina (2006), esse matiz possui um efeito sedativo na circulação sanguínea e na visão, tendo capacidade de provocar relaxamento. Negativamente, pode se associar ao tédio e desinteresse. Representa paz, confiança, afeto, intelectualidade, inspiração, amizade, confiança, serenidade, amizade, nobreza e fé.

Consoante Bueno (2008), o azul mais escuro se associa à imensidão e impressão de maior profundidade e densidade. Quando mais claro, ele remete a sensações de mais calma, aconchego e paz. A cor azul representa a densidade da água e seu movimento pelo vento; observa-se que o efeito da luz conseguido pelo artista no motivo escolhido é brilhante, sendo as cores, na leitura da imagem, fenômenos percebidos nas pinceladas.

Romanato (2017) aborda que o roxo pode ser utilizado para representar os sonhos, a profundidade das águas, elementos espirituais, poder, noite e escuridão. Bueno (2008) destaca ainda a associação com a espiritualidade e misticismo, além de proporcionar sensação de calma. Entretanto, pode ser uma cor que representa o egoísmo (FARINA, 2006).

Como pode ser observado na Figura 25, o verde, o azul e o roxo expressam sombra, frescor e ternura nas folhas das árvores e ao longo da vegetação. O artista impressionista Renoir não demonstra nitidamente as formas da paisagem, mas usa pinceladas rápidas, sem contornos, sendo um pequeno instante observado ao ar livre. Como uma fotografia, o artista capta cenas inesperadas, como se vê em *O esquife*.

Figura 25 – RENOIR, Auguste. **The Skiff**. 1875. Óleo sobre tela. 71x92 cm



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/03/070308_renoirebc.shtml> Acesso em 22 nov. 2019.

A cor azul representa a densidade da água e seu movimento pelo vento; o efeito da luz conseguido pelo artista no motivo escolhido é brilhante, sendo as cores fenômenos percebidos nas pinceladas soltas.

3.2.5.2 Cores terrosas

As cores terrosas derivadas do marrom são serenas e neutras. Cada uma tem um significado e atribui um sentimento distinto para cada pessoa, mesmo que geralmente elas tenham um significado tido como universal e apontem para uma mesma direção de entendimento de sensações.

O marrom é visto pela sua serenidade e neutralidade, lembrando a natureza. Negativamente, é angustiante e pouco sofisticado, podendo remeter a sentimentos de desconforto (ROSSEAU, 1993). Representa a terra, lama, outono, melancolia e madeira, bem como a natureza (CUNHA, 2016).

Na Figura 26, observa-se o sorriso do menino posando para o pintor, enquanto segura várias cerejas com as duas mãos, além do tom de marrom e

sépie na roupa do garoto; o contorno não é preto e até se confunde com o fundo, uma característica muito marcante do Impressionismo, mencionada no capítulo anterior.

Figura 26 – MANET, Edouard. **Garçon aux cerises**. 1859. Óleo sobre tela. 65x54 cm



Fonte:< <http://prosimetron.blogspot.com/2010/11/o-rapaz-das-cerejas.html>

>Acesso em 22 nov. 2019.

Compreende-se que essas diversidades de cores podem representar diferentes valores em momentos específicos, variando de indivíduo para indivíduo, conforme as subjetividades. Por esse motivo, seria interessante que o docente utilizasse a associação dessas cores com o Impressionismo, estando atento a todas essas características, a fim de que seus alunos assimilem, interpretem e absorvam esses conteúdos.

Diante do exposto, conclui-se que as cores dependem inteiramente da luz, tendo forma, demonstrando equilíbrio, sentido, iluminação, linguagem e sensações, afetando os níveis psicológicos a partir da arte impressionista, que desempenhou um importante papel no contexto artístico. Também se compreende a ampla subjetividade das cores nas paletas impressionistas, abrindo diversas possibilidades para entendimentos e reapropriações artísticas, que podem ser evidenciados pelo professor em sala de aula.

Após a discussão sobre os artistas e suas obras impressionistas, no capítulo seguinte serão abordadas as teorias da educação, buscando relacionar o Impressionismo com a teoria das cores a partir do contexto escolar.

4 TEORIAS DA EDUCAÇÃO

Nos capítulos anteriores, abordaram-se o Impressionismo e seus artistas, com análise de diversas obras a partir da percepção das cores. Neste capítulo, discutem-se as teorias da educação que mais se enquadram na proposta deste trabalho para o produto final da exposição no Instagram para auxiliar a aprendizagem do aluno, como as teorias de Paulo Freire e Ana Mae Barbosa. Também se trata do contexto da disciplina Arte na escola pública e das metodologias específicas para o seu ensino. Especifica-se, ainda, a abordagem triangular no ensino da percepção das imagens, sempre recorrendo ao papel do orientador como responsável por guiar o caminho da aprendizagem dos alunos.

Entre inúmeras teorias educacionais que sustentam a prática do docente em sala de aula, abordam-se as teorias de Paulo Freire (pedagogia da autonomia e crítica), analisando as que mais se enquadram na proposta desta pesquisa para levar o professor da disciplina Arte a encontrar metodologias adequadas, como a abordagem triangular de Barbosa (1991), para fazer o aluno analisar e refletir as imagens nas redes sociais.

No cenário escolar, os conteúdos obrigatórios podem ser ministrados com recursos diferenciados, atrativos, a exemplo das novas tecnologias, para não serem vistos pelos alunos como de pouca importância, gerando desmotivação, promovendo a cultura de não fazer atividades em sala. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), faz-se necessário que esse cenário seja mudado e os alunos sejam despertados para o conhecimento dos conteúdos indispensáveis da disciplina, por isso é interessante que novas estratégias sejam elaboradas, de modo que um conteúdo, previamente considerado pouco atrativo, despertasse a vontade e estimulasse os alunos a estudar.

Essas metodologias podem ser empregadas em uma sequência didática composta por etapas que aumentem o entendimento dos estudantes e melhorem a estruturação do conteúdo. É interessante também que o docente estimule constantemente o processo criativo do aluno, o que poderia gerar reflexões e críticas acerca de seus próprios entendimentos e criações artísticas.

Passos (1995) relata que, para pensar na educação e no contexto educativo dos alunos em sala de aula, é fundamental considerar as diferentes

teorias da educação. Nesse caso, é importante que o professor considere aquela que mais se enquadra para seus alunos, turmas e material didático disponível, devendo-se considerar as inúmeras teorias da educação. Estas veem a educação como meio e instrumento social e educativo que possa auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem no contexto escolar e social, buscando fundamentações teóricas e características específicas das práticas pedagógicas conforme os diferentes contextos sociais, históricos e educativos, a partir de reflexões das teorias do conhecimento e do pensamento da prática do professor (LIBÂNEO; SANTOS, 2010).

É preciso esclarecer que as teorias da educação ocidentais estão elencadas e divididas em duas categorias: uma de caráter essencialista-tradicional e outra de caráter existencialista-liberal. Na primeira perspectiva, Saviani (1999) informa que se entende o aluno como um indivíduo tecnicista e sem liberdade de expressão, devendo seguir à risca as orientações a ele repassadas. Trata-se, portanto, de uma metodologia mais tradicional, em que há uma transmissão de conhecimentos que devem ser vistos como realidades absolutas e não questionáveis (SAVIANI, 1999), ou seja, aquilo que Freire (1996) entende como educação bancária. Ainda segundo Freire (1996), a teoria da educação existencialista-liberal vê no educador e no professor um indivíduo que irá auxiliar os alunos em seu conhecimento de mundo, porém dando-lhes abertura para questionamentos, visões e interpretações próprias, com criatividade e intuição. Essa educação deve ser, portanto, submetida a críticas e aberta a indagações.

Nesse sentido, é preciso refletir sobre alguns apontamentos que permitem direcionar a intencionalidade do ensino, tais como:

Que sujeitos queremos formar? Que saberes queremos discutir? Que sociedade queremos para viver? Que escola queremos? Que educação queremos priorizar? Que avaliação precisamos construir? Que cultura queremos valorizar? Que conhecimento queremos trabalhar? Que relações de poder queremos manter? (PASSOS, 1995, p.15).

Entende-se que o orientador, como educador, precisa se atentar às questões consideradas fundamentais para promover o ensino, como a liberdade criativa do aluno, a autonomia, o entendimento de que o estudante possui

conhecimentos prévios ao âmbito escolar e que eles fazem parte de um processo histórico-cultural que se modifica e amplia conforme a aprendizagem.

Pensando no ensino, algumas teorias podem se assemelhar ao ensino da Arte e ajudar a esclarecer a complexidade e diversidade do processo dessa disciplina, sendo possível destacar o nome de importantes figuras frente às questões da pedagogia e da educação, como Paulo Freire (autonomia) e Ana Mae Barbosa, com a abordagem triangular, mencionados a seguir.

4.1 Teoria da aprendizagem, segundo Paulo Freire

Para Freire (2005), existem dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, referente à educação como prática de dominação, e a pedagogia do oprimido, na qual surgiria uma prática opressora. Com isso, faz uma crítica à “educação bancária”, definindo-a como uma relação vertical entre o educador e o educando. Nesse cenário, o professor seria o detentor do conhecimento, prescrevendo atividades e ditando o ensino pedagógico; na contramão, o educando seria visto como um ser que recebe esse conhecimento com perfeição, seguindo a “prescrição” do docente. Deve-se evitar que a escola seja vista a partir de uma repetição mecânica e exaustiva, tendo espaço para pouca criticidade. Pelo contrário, deve possuir um caráter analítico, questionador e prestativo, promovendo o pensamento crítico e autônomo do estudante e, a partir disso, contemplando, desenvolvendo e partilhando as ideias de cada um.

A concepção bancária é vista por Freire (2005) como criadora de indivíduos muitos acomodados e pouco questionadores, sendo passíveis de transformações e de buscas por maiores concepções de conhecimento. Entretanto, mesmo nela, é necessário que o discente sempre se atenha a seu lado curioso, estimulando sua força de criação, reflexão e criticidade, gerando “rebeldia” positiva. Deveria haver, desse foram, uma relação horizontal entre aluno e docente, não autoritária, em que o diálogo surgiria de modo a valorizar os conhecimentos prévios do estudante, levando às problematizações. Libâneo e Santos (2010) informam que é a partir desse diálogo que existe a possibilidade da superação da educação bancária.

“Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo”

(FREIRE, 1987, p. 79). Por isso, o professor de Arte pode, a partir de Freire, ensinar os conteúdos referentes às cores e ao Impressionismo por meio do Instagram em sala de aula.

De acordo com Freire (1987), todos os indivíduos possuem seu próprio conhecimento e vivência de mundo a respeito de diversos temas; na escola, esse conhecimento pode ser ampliado. Para isso, é necessária uma relação direta entre discente e docente, sendo capaz de promover métodos para uma aprendizagem significativa; nessa perspectiva, alunos e professores são parceiros na aprendizagem. A sugestão de o professor fazer uma exposição de arte no Instagram vem a calhar para que aluno aprenda vivenciando suas experiências com as redes sociais.

Freire (2005) aborda em sua teoria o que denomina “educação libertadora” ou “educação problematizadora”, descrevendo um tipo de educação em que há ensino e aprendizagem mútuos entre aluno e professor, levando em consideração diálogos, comunicação e reflexão. O docente pode ser um mediador do desenvolvimento da razão crítica e do conhecimento das teorias, ampliando a capacidade cognitiva de seus alunos. Para isso, é necessário que ele desenvolva a subjetividade em sala de aula, fator que, além de tudo, ajuda a desenvolver a identidade pessoal e cultural desse indivíduo (LIBÂNEO; SANTOS, 2010).

Toda prática docente deve envolver dinamicidade dialética entre o fazer e o pensar, evitando o rigor dos conteúdos (FREIRE, 1996). Nesse sentido, é preciso que o docente seja visto como um modelo para seus alunos, buscando gerar o processo educativo mútuo, inquietude, criatividade e imaginação que auxiliem na expansão desses conhecimentos. Também é necessário que o professor, na escola em que atua, estimule os estudantes a buscar potencialidades reflexivas (BRUNER, 1966). Assim, esses personagens – aluno e docente – se tornam protagonistas e não apenas espectadores dos conteúdos.

Freire (1996) critica veementemente a educação tecnicista e alienante (ignorância da realidade) e estimula que os alunos desenvolvam a criticidade, o que poderia qualificar a educação da disciplina Arte ainda mais, como um apoio aos objetivos da arte na escola de experimentar diferentes meios para observação, análise e criticidade da imagem.

Destaca-se que, na disseminação mútua do conhecimento entre alunos e professores, a aprendizagem permeia ambos e, por isso, o professor não deve se acomodar, mas buscar constantemente novos conhecimentos que possam auxiliar na produção de conhecimentos (FREIRE, 1996). Nessa perspectiva, o aprendizado não deve, de forma alguma, ser visto de modo tecnicista, sem espaço para interpretações. É preciso, nesse caso, que esse aprendizado sofra constantes alterações e recriações, gerando possibilidades para o conteúdo ser assimilado e não decorado superficialmente. Educar é, portanto, intervir nos conhecimentos.

Consoante Pizani e Oliveira (2017), para Freire os estudantes trocam experiências entre si e com o professor, assim como buscam novos conhecimentos. O docente pesquisador, por sua vez, pode proporcionar discussões, pesquisas e soluções para a construção do conhecimento dos estudantes como cidadãos participativos, críticos, criativos e conscientes na sociedade em que atuam. Nesse sentido, este trabalho aborda estratégias para exposição de fotografias no Instagram, proporcionando articulações para a participação dos alunos a partir do uso das redes sociais.

4.2 ABORDAGEM TRIANGULAR NO ENSINO DA ARTE

É importante destacar que o professor, como mediador do conhecimento e, neste caso específico, dos conteúdos relacionados à arte, deve buscar diferentes estratégias que permitam a ampliação do conhecimento de seus alunos, não se atendo apenas ao ensino tradicional dentro de sala de aula, composto por uma relação vertical entre aluno e professor. Em outras palavras, o aluno deve ser entendido como componente de todo o processo pedagógico e educacional; assim, quanto mais dinâmicas e diferenciadas forem as propostas, mais interessados os alunos estarão para aprender um novo conteúdo, principalmente quando solicitado que elaborem e apresentem um trabalho com tecnologia.

A história da arte e da educação no Brasil se caracteriza por diversas propostas que visavam a democratizar o ensino dentro da escola, buscando melhores condições didáticas, relevância, conteúdos e currículos especializados para uma aprendizagem significativa. Dentre tantas possibilidades

metodológicas, surgiu, em 1990, a abordagem triangular, elaborada por Ana Mae Barbosa, que, na busca por diferentes estratégias de ensino, criou uma abordagem considerada mais significativa para o estudante e para o próprio docente.

A abordagem triangular não possui um modelo prévio a ser seguido, mas representa uma forma de focar e objetivar o ensino dentro da escola, tornando as aulas mais práticas e com maior rendimento. Ela estimula a liberdade e a flexibilidade do processo de ensino. Barbosa (1991) relata e considera um erro da escola e do sistema escolar achar que se deveria restringir ou tornar tecnicista o fazer artístico do aluno ou mesmo que haja uma sequência pedagógica que deveria ser seguida à risca.

Um erro que o professor de Arte poderia cometer em sala de aula seria “restringir ao fazer artístico do aluno, outro seria pensar em hierarquia de atividades para a leitura de obras de arte, depois contextualização e finalmente o fazer e a criação, porém esta não seria a interpretação correta” (BARBOSA, 1998, p. 39), pois a arte busca oportunizar o desenvolvimento da criatividade, expressão, espontaneidade, liberdade, como linguagem comunicativa que abre leques para discussões em sala de aula.

A abordagem triangular é capaz de articular as experiências vividas pelos alunos com o “fazer artístico” sugerido pelo professor a partir de conhecimentos adquiridos, os construídos mutuamente e aqueles já presentes na vida do sujeito. “A abordagem triangular não serve para quem quer um manual, nem tem caráter prescritivo. Requer o espírito livre, a disciplina investigativa e a disposição corajosa para perceber o que se anuncia ao longo dos passos no caminho” (...) (CUNHA; BARBOSA, 2010, p. 79).

A abordagem possui, portanto, três atividades consideradas básicas para o ensino das artes visuais: contextualização histórica, apreciação e prática, conforme apontado por Ana Mae Barbosa (2005).

A contextualização histórica envolve o conhecimento e aprendizado da arte a partir da história e dos contextos histórico-culturais de determinado tempo e espaço de uma cultura. Como já mencionado, para Freire é importante considerar a valorização do conhecimento do cotidiano do aluno, que não deve ser desconsiderado no ambiente escolar. Assim, a arte se torna passível de

compreensão e conhecimento a partir do estudo da sociedade específica analisada, em seu tempo próprio.

A apreciação significa apreciar a arte por meio da análise, desenvolver a habilidade de ver com atenção e descobrir as qualidades da obra de arte e do mundo visual. Igualmente educa o senso estético do indivíduo, preparando-o para julgar a qualidade das imagens com objetividade e critérios.

Por fim, a prática ou produção corresponde ao ato de fazer arte (fazer artístico), o que desenvolve o potencial criativo e a capacidade de elaboração de imagens, além de instigar o hábito de experimentação de recursos, técnicas e novas formas de trabalho expressivo.

A leitura de imagem e o fazer artístico (o qual desenvolve cognição e aprendizado) também evidenciam a potência da contextualização, que propõe que se parta do real, dos lugares e vivências dos quais já se tem conhecimento, o que não significa restringir o ensino apenas ao cotidiano dos educandos, mas propiciar a consciência de subjetividade revelando o multiculturalismo dos códigos estéticos de diferentes grupos (SILVA; LAMPERT, 2016, p. 92).

Essa abordagem dá ênfase à importância do pensar, agir e questionar a respeito das imagens e seus usos, valorizando os contextos históricos da arte e da cultura em sala de aula; para isso, faz-se necessária uma leitura crítica, reflexiva e criativa sobre esses conteúdos, buscando diferentes interpretações que possam vir a ampliar o conhecimento de todos os envolvidos.

Ao contextualizar uma obra de arte, deve-se buscar identificar e destacar o contexto histórico e cultural no qual ela está inserida, considerando todas as particularidades que podem ser consideradas importantes para o seu entendimento. A leitura também se torna fundamental para possibilitar uma análise crítica sobre a estética e a produção artística, aumentando os níveis de compreensão. Já o fazer artístico deve ser visto como um resultado criativo, individual e consciente, promovido e aprofundado conforme as interpretações subjetivas de cada um. Todos esses elementos deveriam estar incessantemente interligados, ou seja, se somente um desses elementos for abordado, não seria possível ter uma compreensão ampla do objeto de estudo artístico.

Ao ler sobre arte, é possível que o aluno adquira um domínio simbólico sobre tal, compreendendo os seus termos; a apreciação, se realizada separadamente, pode ser percebida como um caráter técnico e pouco reflexivo;

já o fazer artístico, se não for embasado e contextualizado pelas reflexões adquiridas, serão apenas reproduções infundadas, ou seja, é preciso que o aluno tenha contato com a arte não somente em sua leitura, mas praticando a interpretação e buscando a subjetividade (BARBOSA, 1998).

Barbosa e Cunha (2010) destacam que essa abordagem é fruto da interação entre o docente e os alunos, buscando aliar a leitura e a prática ao contexto analisado nas aulas de Arte. O ensino busca, então, desenvolver a percepção dos alunos a partir de uma análise mais estética.

O exercício da percepção está presente também no processo de produção de formas artísticas, assim como na reflexão sobre arte, visto que sua característica fundamental tem a vivacidade do instante, da observação de qualidades, da curiosidade, do movimento, (CUNHA, BARBOSA, 2010, p. 65).

A abordagem triangular oportuniza que não somente as imagens sejam apresentadas em sala de aula, mas interpretadas e refletivas, buscando desvendar suas características únicas. Barbosa e Cunha (2010) destacam que é necessário observar, apreciar e expressar cada obra de arte e cada detalhe artístico, sendo sempre imprescindível considerar as situações elementos culturais e históricos provenientes de cada corrente artística.

De acordo com Silva e Lampert (2016), possibilitar uma observação mais aprofundada e reflexiva permite ver o ensino por um viés mais democrático, superando a tendência tecnicista dos sistemas escolares. Compreender a imagem é possibilitar que o observador crie suas próprias indagações e percepções, sem se sentir alienado. Nesse sentido, utilizando a abordagem triangular, o aluno se torna componente importante para a formulação dessa abordagem de ensino, buscando leituras diferenciadas e complementares a respeito desse movimento artístico. Assim, se tornaria possível uma metodologia participante e ativa.

Raposo e Tibagi (1999) afirmam que, ao ensinar o Impressionismo e a teoria das cores, é preciso que o professor sempre lembre aos alunos algumas das principais características do movimento, podendo destacar elementos como: pinturas ao ar livre; registro de um instante único; momentos observados; sombras coloridas; a forma resultante da mistura das cores; a eliminação dos tons ocres, negros e terrosos; a utilização dos raios luminosos e das fontes de

luz; a abolição dos contornos das formas; a ausência de contrastes violentos, características que podem ser captadas em uma fotografia.

Nessa perspectiva, Cunha e Barbosa (2010) relatam que, ao trabalhar determinado conteúdo, se deve buscar também uma abordagem que estimule as diferentes contextualizações históricas e culturais, apreciando seu senso estético e, por fim, estimulando a sua própria criação. Isso contemplaria os três pilares propostos por Ana Mae Barbosa. Há que se destacar, conforme Cortelazzo (2008), que o professor precisa fornecer possibilidades para que os alunos possam identificar esses diferentes estilos culturais e históricos artísticos, percebendo as divergências e/ou convergências a partir de suas características, o que se aplica, neste caso, ao Impressionismo. Além disso, como as obras impressionistas não têm um único tema, sua leitura deve ser feita de forma diferente que a dos estilos anteriores.

Como exemplo, traz-se a obra de Pierre Auguste Renoir, denominada *Oarsmen at Chatou* (Figura 27).

Figura 27 – RENOIR, Auguste. **Oarsmen at Chatou**. 1879. Óleo sobre tela. 81x100 cm



Fonte: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF8/DOSSIE-ARTIGO3-Victor.Andrade.de.Mello.pdf>>
Acesso em 22 nov. 2019.

É importante frisar que, ao analisar uma obra, não se está apenas aguçando e estimulando o sentido da visão. Essas imagens podem causar diferentes sensações, conforme as lembranças, sentimentos e atribuições específicas desenvolvidas nesse momento. No caso específico da imagem apresentada, pode-se “sentir” o frescor do rio ou a brisa do vento ou mesmo imaginar a sensação de tocar a vegetação, a água ou outros objetos dispostos na paisagem.

Balzi (1992) relata que, ao observar uma imagem impressionista a determinada distância, é possível observar os detalhes mais precisamente, além de se sentir parte da cena. Na obra trazida, o aluno pode sentir o frescor das árvores, imaginar o som das ondas e do vento batendo no bote e diversas outras sensações que as cores e as características impressionistas podem causar ao espectador. A abordagem triangular, nesse caso, está implícita justamente no fato de que, ao realizar uma atividade, ela não deve ser feita superficialmente, mas, sim, “vista” e “sentida” com um caráter mais analítico e sensível, buscando elencar diversos elementos e características importantes (BARBOSA, 1998).

Entretanto, observar ou descrever simplesmente o contexto histórico não é suficiente e não agrega muito conhecimento. É preciso que sejam feitas reflexões e práticas acerca dessas percepções, para que seja possível realmente aprender e compreender o que é “fazer arte”.

A Abordagem Triangular possibilita diferentes caminhos dentro dos âmbitos que a envolvem, do Fazer, Ler e Contextualizar. A imagem do triângulo permite ao professor escolher em qual das pontas iniciará seu trabalho. Por isso, é uma abordagem dialógica. Sua potência está na relação entre a tríade que permite reordenação da prática docente. Assim, não deve ser tomada como um passo a passo. Isso seria perder suas significações em um vazio (SILVA; LAMPERT, 2016, p. 91).

Ana Mae Barbosa destaca que, além da utilização das leituras teóricas a respeito da arte, é necessário criar propostas que estimulem mutuamente o professor e os alunos, buscando enriquecer esses conhecimentos a partir da criação de exercícios específicos (BARBOSA, 2005). Nesse contexto, é possível destacar os elementos tecnológicos, desde que utilizados com viés educativo, oportunizando aprender ainda mais sobre determinado conteúdo em um ambiente formal, que é a escola.

A partir da abordagem triangular, observa-se uma proposta pedagógica diferenciada que visa a vincular os conhecimentos até então aprendidos nos capítulos anteriores, assimilando a teoria das cores com as obras do Impressionismo, para aprimorar e desenvolver esses conhecimentos artísticos. Para tanto, entende-se que é necessário que o docente construa, em conjunto com seus alunos, os elementos necessários para exercer determinada leitura de uma obra de arte ou de um contexto artístico em geral. A imagem apresentada em sala de aula se torna um dos principais elementos que promovem a aproximação do objeto a ser estudado do observador, sendo possível destacar suas particularidades e possibilidades.

Esses elementos, vinculados à utilização da tecnologia no contexto educativo, serão melhor explanados e explorados no capítulo seguinte, que irá tratar das redes sociais, com ênfase no Instagram. Nesse contexto, o ensino da Arte pretende proporcionar aos estudantes a partilha de informações frente à questão do mundo contemporâneo e do uso de tecnologia na educação.

5 AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS

Nos capítulos anteriores, foram discutidos o período da história da arte conhecido como Impressionismo, a teoria das cores, a teoria da educação segundo Freire, a abordagem triangular e a disciplina Arte na escola. Neste capítulo, abordam-se as mudanças tecnológicas e as redes sociais, discorrendo sobre como utilizar o celular na escola e as redes sociais como ferramentas educacionais, envolvendo o educador como mediador para o uso do Instagram como um meio educativo para propagar os conhecimentos artísticos vinculados às cores e ao Impressionismo com fotografias. Assim, espera-se que o professor aprofunde seus conhecimentos sobre as redes sociais e as tecnologias na educação, para poder transmitir informações mediante recursos tecnológicos contemporâneos.

Diversas mudanças tecnológicas ocorreram relacionadas ao compartilhamento e disseminação de informações, por meio de diferentes meios de comunicação. Isso possibilitou a modificação da sociedade em sua forma comunicativa, influenciando diretamente os fatores sociais, culturais, econômicos e políticos (ROCHA; FILHO, 2016). Sobre isso, Pantoja e Ferreira (2016) relatam que se pode destacar o surgimento da internet, que permitiu inúmeras transformações em áreas como a comunicação, o entretenimento, o comércio, o trabalho e a educação.

A história da internet teve origem com a Guerra Fria, quando a antiga União Soviética lançou à órbita seu satélite espacial, o Sputnik (em 1957), na busca de novas formas de comunicação e conexão. Apenas quatro meses depois, isso estimulou os norte-americanos e o presidente Dwight Eisenhower a criar a Agência de Pesquisa e Projetos Avançados (ARPA), com o objetivo de desenvolver ainda mais essa forma de tecnologia, vinculada ao Departamento Nacional de Defesa e ao serviço militar dos Estados Unidos (ROCHA; FILHO, 2016).

Segundo Richter (2011), a partir disso, os norte-americanos perceberam a necessidade de criar também uma rede de amplitude nacional para informar possíveis ataques de terrorismo e sinais de guerra, levando à criação dos primeiros computadores conectados. Nesse sentido, a ARPA reuniu importantes cientistas, visando a aperfeiçoar essas tecnologias e o desenvolvimento desses

computadores, gerando uma nova forma de interação, o que resultou no primeiro conceito de internet: a ARPAnet (SOUZA; GIGLIO, 2015). Pela união dos cientistas tecnológicos com universidades, foi possível implementar essa rede, que começou a realizar pesquisas experimentais em 1969; seis anos depois (em 1975), com novos avanços, várias outras corporações e pesquisadores passaram a fazer parte desse projeto. Deu-se, então, início a uma tecnologia revolucionária (ROCHA; FILHO, 2016), que promoveu o aumento e a evolução do fluxo de dados, ampliando a rede de informações disponíveis e gerando novas formas de concepção dessas tecnologias.

Richter (2011) informa que, em 1983, essa tecnologia se dividiu em duas: a MILnet, destinada apenas para finalidades militares, e uma nova versão da ARPAnet, em que de fato começou a surgir a internet da forma que se conhece, levando à expansão da conexão entre computadores. Em 1989, o físico e cientista da computação Tim Bernes-Lee criou a *World Wide Web* (www), ou seja, a interface gráfica da internet, que é até hoje a rede utilizada para destinar sites *on-line* e demais recursos; a partir disso, o crescimento foi ainda mais expansivo e massivo. Em 1996, já existiam mais de 56 milhões de pessoas ao redor do mundo conectadas em seus computadores (ROCHA; FILHO, 2016), números que aumentam a cada dia.

Pantoja e Ferreira (2016) descrevem a internet como um fenômeno mundial de proporções exorbitantes, possibilitando o compartilhamento de informações sobre diversos assuntos e contextos, além de ser um meio de comunicação e inserção de indivíduos ao redor do mundo. Essa indústria tecnológica voltada para o divertimento ou o trabalho, conforme Adorno (2009), ocorre a partir da observação de tendências de povos e culturas e dos interesses de determinada sociedade, gerando produtos com impacto mundial, utilizados e consumidos por pessoas em todo o mundo.

Tonato (2015) afirma que a criação dessa rede foi de suma importância no sentido de mudanças tecnológicas e da educação, aproximando as pessoas e diferentes culturas, além de permitir o compartilhamento global, praticamente ilimitado. A partir disso, viu-se a possibilidade de criar diferentes mecanismos para promover a integração e conexão entre indivíduos, como os *notebooks*, *tablets* e *smartphones*. Essas mídias digitais são cada vez mais de uso comum,

podendo ser utilizadas para o lazer, por empresas, comércios e, como aqui destacado, pelo setor educacional, no caso, as escolas.

Tonato (2015) também relata que, entre tantas mudanças proporcionadas pela era digital, a mais significativa se refere à possibilidade de liberdade de expressão, criando vínculos sociais mundiais a partir de ferramentas específicas. Entretanto, as tecnologias não podem ser apontadas somente a partir de fatores positivos e de desenvolvimento social. Os aparelhos tecnológicos, como os *smartphones* e os televisores, por exemplo, modificam o comportamento dos indivíduos, moldando a sociedade, o que gera um efeito nem sempre desejável e interessante ao pensar no quesito do desenvolvimento pessoal (LANIER, 2018).

É preciso considerar os pontos negativos da internet a partir do compartilhamento e interação entre os indivíduos, uma vez que situações desagradáveis também foram geradas, a exemplo de perfis falsos, agressões verbais, discussões infundadas e demais *feedbacks* desagradáveis, que resultaram de uma mudança de comportamento dos indivíduos. Lanier (2018) destaca, porém, que as redes, por si só, não podem ser consideradas tóxicas, mas uma maneira de os usuários fazerem uso dessas tecnologias. Nesse sentido, um uso tóxico, por exemplo, poderia ser responsável por impedir um avanço real da aprendizagem, sendo fundamental uma mediação entre seu uso correto e não pejorativo.

Entende-se que esses ambientes virtuais podem ser potenciais ferramentas inovadoras para a criação de estratégias de ensino diferenciadas que busquem conectar o aluno com o objeto a ser estudado, promovendo integração e interação entre os estudantes, gerando discussões que visem a crescer no conhecimento deles e do docente. Entretanto, para isso, é preciso que seu uso seja discriminado e com intenção.

5.1 CULTURA DIGITAL

Em relação à internet, a forma de manifestação social e comunicativa sofreu mudanças à medida que ocorreram transformações tecnológicas e da sociedade. Nesse sentido da expansão da utilização das redes sociais, é preciso

refletir e discutir sobre os impactos que essas tecnologias podem causar no cotidiano dos indivíduos e no processo de aprendizagem.

Entende-se que se está adentrando cada vez mais na era da comunicação virtual, que leva a conhecimentos que podem ser obtidos a partir de pesquisas digitais e discussões *on-line*. O grande crescimento e desenvolvimento tecnológico causado pela criação e evolução das tecnologias e ferramentas tecnológicas acabaram por moldar a sociedade e os indivíduos, visto que se está emaranhado em tantas informações que é difícil pensar e agir sem a utilização delas (BRIDLE, 2019). Sobre isso, não se pode ficar preso a essas ferramentas, sem vê-las como potenciais auxiliadoras para diversas vertentes, como o ensino. Não se pode pensar, também, que qualquer situação enfrentada ou qualquer atividade que se precise realizar pode ser vinculada a esses dispositivos eletrônicos. É preciso saber o momento adequado para usá-los, devendo-se compreender que, apesar de a internet possibilitar expandir as redes de acesso ao conhecimento, é necessário utilizar outros meios e estratégias – que não são tecnologias modernas –, para também agregar ao aprendizado do aluno (SOUZA; GIGLIO, 2015).

Com isso, é possível pensar que uma instituição de ensino deve saber em suas concepções teóricas e pedagógicas, mesmo práticas, o que é vivenciar os valores, rotinas e construtos da sociedade do conhecimento, pois dessa forma, entenderá melhor que deve repensar suas metodologias de ensino e aprendizagem para uma direção mais ativa e atual das necessidades de formação dos indivíduos (GUIMARÃES, 2018, p. 18).

Essas tecnologias moldam o cotidiano dos indivíduos e, a despeito de se considerar uma evolução científica sobre elas, é importante que se pense na questão da involução ou estagnação do senso crítico sobre sua existência e utilização, ou seja, é extremamente importante questionar até que ponto é interessante utilizá-las e por quanto tempo, visto que podem também ser malélicas, como já apontado.

Barbosa (2008), ao estudar a relação entre essa cultura digital e o ensino pedagógico a partir dos ambientes virtuais de aprendizagem, destaca principalmente três pontos positivos:

- Enriquecimento e apoio da sociabilidade e convivência, podendo promover privilégios de conhecimento gerados a partir desses componentes.

- Desenvolvimento de uma pesquisa-ação mais sistemática e completa, a partir da vivência dos alunos com determinado material de estudo, gerando aprendizado a partir de mudanças no ensino tradicional das escolas.
- Utilização de tecnologias pelos alunos e pelos próprios orientadores, como os *smartphones* e as redes sociais, oportunizando a ampliação e construção do conhecimento.

Escolas não conectadas são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual: do acesso à informação variada e disponível on-line, da pesquisa rápida em bases de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais; da participação em comunidades de interesse, nos debates e publicações on-line, enfim, da variada oferta de serviços digitais (MORAN, 2013, p. 9-10).

A respeito, Santaella (2005) informa que é preciso que os professores busquem novas “formas de fazer” para atrair a atenção dos alunos, ou seja, não se condicionem a apenas uma metodologia de ensino. Igualmente, Bertoletti e Camargo (2016) relatam que a escola e os docentes não podem mais “dar as costas” para a inclusão tecnológica, uma vez que ela se faz presente na rotina dos alunos e dos próprios professores, durante algumas ou muitas horas por dia. Há de se pensar, portanto, que o docente necessita de uma formação mais ampla no cenário tecnológico e didático, de modo a elaborar aulas práticas e teóricas utilizando esses recursos, vinculando-os com as questões do ensino da arte, da história da arte e das imagens.

Os recursos tecnológicos, como celulares e internet, muitas vezes são de fácil acesso e promovem a interação e comunicação facilitada entre alunos e docentes, podendo formar equipes para determinado objetivo, articulando conteúdos referentes à arte, buscando compreender suas perspectivas e contextos, os tornando sensíveis a ela. Nesse contexto, o mundo virtual poderia ser aplicado como uma ferramenta interdisciplinar dentro dos conteúdos do currículo escolar, sendo fundamental ao professor saber a maneira certa de utilizá-lo, sem perder o foco e o objetivo do ensino, não sendo uma mera ferramenta para repassar as informações, mas, sim, criar debates pedagógicos construtivos.

É importante que o professor instigue seus alunos na busca pelo conhecimento, visando a problematizar questões emergentes que esteja ensinando; a partir dessa cultura digital e das tecnologias, ele pode empregá-las como ferramentas para solucionar essas situações de uma forma mais criativa, inovadora e inclusiva (SOUZA; GIGLIO, 2015). Ressalta-se, entretanto, conforme apontado por Fofonca (2018), que os orientadores ainda possuem algumas dificuldades para introduzir essa cultura digital e tecnológica em seu cotidiano de aulas, o que ainda é visto como um desafio. Para que isso ocorra, é preciso que ele esteja inteirado sobre esses recursos, de forma a se tornar um mediador desse ensino para além dos livros didáticos.

É interessante que os professores busquem o desenvolvimento profissional dia a dia, objetivando experiências que ampliem o processo de aprendizagem e, nesse sentido, gerando propostas inovadoras e que renovem o ensino e aprendizagem, principalmente se envolverem a sociabilidade. Isso pode gerar criatividade e reflexão a partir do aperfeiçoamento dessas práticas escolares.

Ademais, não estamos querendo reforçar a antipatia dos alunos pelos livros, mas levarmos os sujeitos educandos e educadores a um pensamento reflexivo que os possibilitem pensar os atores de imposição dessas ferramentas de comunicação, extraindo delas aquilo que é importante para a formação humana e profissional, já que vivemos imbuídos nesses sistemas de objetos, comunicações e informações (SANTOS; SANTOS, 2014, p. 323).

Para Santaella (2005), a mudança de contexto da educação precisa ser pensada e passar por um processo de investigação mais aprofundado, buscando reflexões e recursos para que sejam adotadas estratégias vinculadas às tecnologias e à cultura digital. Além disso, é importante que existam investimentos governamentais que compreendam alguns dos possíveis benefícios que essa cultura digital pode proporcionar; dessa forma, podem ser disponibilizadas diferentes tecnologias, como a internet, assim como se investir em formação profissional para que o docente se prepare e atualize sobre esses novos recursos. Ainda, na visão de Fofonca (2018), faz-se necessário que os professores estejam qualificados para trabalhar suas metodologias com os alunos, sendo também fundamental analisar as condições do tempo, disponibilidade e interesse para se envolver e conhecer as utilidades que a

cultura digital pode proporcionar, buscando compreender suas possibilidades reflexivas.

Em relação ao estudante, a cultura digital e as diferentes tecnologias podem fazer com que o aluno se aproprie de diversas possibilidades, passando a utilizá-las como um mecanismo de auxílio pedagógico, considerando os conteúdos propostos no currículo escolar, fornecendo maior engajamento e oportunidades de reflexão e discussão, que passam a ocorrer não somente dentro das salas de aula, mas fora delas e no universo virtual.

Nessa cultura digital, já se apontou a utilização do telefone celular dentro do ambiente escolar. Em um mundo no qual a informação está literalmente na palma da mão, é preciso somente que se tenha acesso a um *smartphone* e conexão com a internet para realizar diversos tipos de pesquisa e interação (ZUIN; ZUIN, 2018). No entanto, mesmo que as informações estejam acessíveis, boa parte delas é falsa, sendo função do professor fazer com que o aluno perceba que nem tudo que está nas redes sociais é correto, diferenciando o conhecimento verdadeiro do falso, uma vez que fotografias podem ser modificadas, ampliadas, alteradas.

Nas instituições de ensino, os professores podem observar isso como uma importante estratégia para disseminar dados e promover diferentes metodologias didáticas. Isso pode ocorrer, conforme Garcia (2017), a partir do compartilhamento dos acervos pedagógicos digitalmente, como livros utilizados durante o ano letivo, ementas das disciplinas, normas regulamentadoras da escola, calendário letivo, canais de sugestões e reclamações e demais possibilidades, como uma biblioteca virtual de fotografias da disciplina Arte.

Ademais, essa cultura digital pode se dar, como visto adiante, a partir da utilização das redes sociais, sendo um importante motivador para um currículo pedagógico diferenciado, que desperte maior interesse na aprendizagem, promovendo conectividade entre os alunos da mesma classe e até mesmo de diferentes classes, além de ser possível realizar buscas em tempo real sobre variados conteúdos. O contato com as redes sociais para ampliar as metodologias de ensino permite ao docente angariar possibilidades didáticas e estimular o desejo de aprendizado dos alunos, visto que eles normalmente estão conectados com o mundo ao seu redor de forma virtual; portanto, trata-se de uma estratégia diferente que prioriza a aprendizagem segundo a realidade do

aluno. Nesse contexto, as mídias sociais podem contribuir para a formação da visão particular do aluno, atribuindo significados, estímulos e percepções para descobrir as combinações entre diversos elementos, como mencionado no capítulo anterior, proporcionando uma aprendizagem a partir da realidade do aluno, de forma significativa. Cabe destacar o pensamento de Zuin e Zuin (2018), que referem ser comum que essas ferramentas tecnológicas e digitais sejam utilizadas, mas haver dificuldade de controlar seu uso, justamente por o indivíduo já estar imerso nelas.

5.2 O USO DO CELULAR NA EDUCAÇÃO

Como apontado anteriormente, está se tornando cada vez mais comum o livre acesso aos meios tecnológicos de comunicação pelos estudantes; dessa forma, é necessário que sejam encontradas soluções para sua utilização a partir de um viés mais pedagógico e intencional. Nesse contexto, as fotografias são utilizadas por diversos segmentos, inclusive com objetivo industrial e comercial de venda, para diferentes classes socioeconômicas. À medida que ocorrem a modernização e criação de modelos, essa rede de comércio se expande e, assim, torna-se essencial buscar um viés de uso dos elementos fotográficos que não seja apenas no sentido do consumismo e da comodidade, mas de um ponto de vista educativo.

Entende-se, dessa forma, que atualmente existe uma “necessidade” na liberação do uso dos celulares no ambiente escolar, visto seu uso massivo na sociedade, principalmente entre adolescentes.

Assim, o fato de se comunicar muitas vezes passa a ser mais relevante do que o conteúdo da própria comunicação. Quando o comunicar se transforma, filosoficamente, numa espécie de absoluto, isso significa que se instaura uma contradição quanto à própria comunicação, pois a ansiedade de se sentir sozinho, “desconectado”, para usar uma terminologia mais afeita aos tempos presentes, se torna hegemônica em relação ao conteúdo que consiste no fundamento da base do comunicar-se, pois é a reflexão recíproca dos conteúdos comunicados que possibilita a elaboração de novas identidades daqueles que falam e se escutam (ZUIN; ZUIN, 2018).

São perceptíveis as modificações na estruturação da sociedade no âmbito socioeducativo, sendo hoje muito mais conveniente se comunicar pelas

redes sociais do que por uma comunicação pessoal e direta (RECUERO, 2009). Segundo Lanier (2018), isso tem se tornado uma compulsão midiática, no sentido de que os indivíduos “necessitam” transmitir e compartilhar incessantemente notícias, fotos e vídeos para capturar a atenção de outras pessoas. Nesse cenário, é possível apontar a utilização dos *smartphones* também pelos orientadores, que podem empregar os diversos canais de comunicação de mídia para transmitir suas informações, como, por exemplo, na gravação e compartilhamento de videoaulas em canais do YouTube.

Consoante Richter (2011), ao pensar um mundo voltado às tecnologias, acesso ao celular e redes sociais, essa forma de divulgação de conteúdo se torna mais abrangente e pode atingir maior número de alunos do que se esse conteúdo fosse abordado somente em sala de aula, por exemplo. Entende-se, assim, que, ao ter em mãos um aparelho celular, se pode adentrar esse cenário tecnológico mais a fundo, possibilitando o acesso a conteúdos a pessoas de dentro e de fora do contexto escolar, o que pode proporcionar uma promoção de seu próprio conteúdo de postagem.

Lopes e Knush (2015) revelam que a acessibilidade virtual é cada vez mais comum, uma vez que, com as atenções dos alunos voltadas ao uso dos celulares, há maior dificuldade para o professor ser visto e ouvido, daí a importância de aliar essa tecnologia às aulas.

Atualmente, não são apenas os adolescentes que não conseguem mais se separar de seus aparelhos celulares, mas sim qualquer pessoa. Esse fato está fomentando modificações estruturais em relação à produção e disseminação das informações, à capacidade de concentração e à produção da memória, sobretudo a respeito das maneiras como as informações são lembradas ou esquecidas (ZUIN; ZUIN, 2018, p. 425-426).

Sobre essa afirmação, pode-se dizer que atualmente não são só os alunos que se dispersam facilmente dentro de sala de aula ao utilizar o celular, mas muitos professores têm esse comportamento em diversos momentos em que deveriam estar concentrados em seus alunos (LANIER, 2018). De acordo com Lanier (2018), isso se tornou um vício para ambos, sendo comum notar que pode ser mais interessante estar atento ao mundo virtual do que ao mundo real. A distração proporcionada por esses aparelhos é uma realidade e, a partir disso,

é preciso pensar em estratégias para estar em contato com essa tecnologia e, ao mesmo tempo, a utilizar para a aprendizagem.

Para o emprego do *smartphone* em sala de aula, é preciso que todos os alunos tenham acesso a esse dispositivo; do contrário, estratégias devem ser pensadas e realizadas de modo a proporcionar igualmente a todos a mesma possibilidade de ensino (GUIMARÃES, 2018). Entre essas estratégias, estão atividades em duplas ou em grupos com alunos que tenham acesso ao celular ou mesmo o empréstimo de um *notebook* ou computador da própria escola.

Os celulares podem ser vistos como “pontes” entre o mundo real e o mundo virtual, ou seja, o que acontece fora e dentro de sala de aula. Nesse contexto, unem-se as representações de ambas as realidades, gerando uma articulação para a aprendizagem (RECUERO, 2006) e levando à transformação da informação e do conhecimento.

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, às faculdades de observação e de pesquisa a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000, p. 128).

É importante que o docente saiba atrelar o contexto de vida do aluno à realidade da escola e ao conteúdo apresentado, ou seja, utilizar novas informações para que sejam relacionadas àquelas que o aluno já possui, como visto na teoria de educação de Freire. Isso pode se dar, por exemplo, ao propor que o aluno utilize seu próprio aparelho celular para realizar buscas em *sites* de informações pedidas pelo professor a respeito de determinado assunto. Usar o celular, portanto, pode ser uma estratégia significativa, visto que é comum que os alunos tenham acesso a essa tecnologia, por meio da qual podem ligar seus próprios conhecimentos àqueles que serão passados.

Entre alguns possíveis benefícios da utilização do celular em sala de aula, é possível destacar:

- A agenda pode ser uma interessante ferramenta para estipular prazos para a entrega de tarefas, realização de provas, marcação de atividades extracampo.

- O dispositivo de gravação de voz pode ser usado para gravar trechos e explicações do professor, de modo que esse conteúdo seja acessado posteriormente. Não se pode deixar de mencionar que o celular em sala de aula também pode ter outras finalidades e até deixar o docente exposto e constrangido; assim, aqui se menciona apenas o uso consciente dele, com ambas as partes de acordo.

- Alguns aplicativos de redes sociais podem ser utilizados (como o Instagram, WhatsApp e Facebook) para realizar o envio e recebimento de mensagens de texto, mensagens de voz, vídeos e imagens, possibilitando o compartilhamento desses conteúdos para a discussão de algumas atividades solicitadas pelo professor.

- O dispositivo da câmera pode realizar registros fotográficos e filmagens.

5.2.1 Fotografia em telefones celulares

Para Lopes e Knush (2015), realizar pesquisas em grupos por meio de tecnologias como redes sociais, possibilitadas pelo acesso ao celular, incentiva o desenvolvimento de habilidades de discussão de diferentes perspectivas, promovendo a construção de um trabalho coletivo, mesmo que com pensamentos individuais. Esse recurso seria interessante, visto que, na atualidade, é comum que os jovens tenham em seus bolsos ou mochilas um celular de uso próprio, que pode ser utilizado para fins pedagógicos, auxiliando na criação e construção de diversas atividades propostas pelo professor.

Para os alunos, o uso do celular pode representar a ludicidade e o entretenimento aliados à aprendizagem e ampliação dos conhecimentos escolares, sendo um estímulo para a sua autonomia e responsabilidade pela sua formação como cidadão. Mesmo assim, não se pode desconsiderar que seu excesso poderia provocar um impacto significativo na aprendizagem, como perda de memória, fluidez de ideias e falta de criatividade. Como Bauman (1999) destaca, mudanças culturais e sociais ocorridas na vida nos alunos influenciam seu processo de aprendizagem, sendo preciso administrar o tempo de uso do dispositivo, ou seja, aprender a usar esse recurso na aprendizagem, o que não deve ser um procedimento usual e repetitivo, mas, sim, em algumas aulas

específicas. Em complemento, Fofonca (2018) informa que o docente, ao adaptar-se às possibilidades das redes sociais, deve alterar o processo didático e pedagógico, de modo a aperfeiçoar sua didática e planos de aula, tornando-os diferentes e mais atrativos, considerando essa sociedade de múltiplas conexões.

A partir do contexto da globalização e da mudança tecnológica das imagens, alguns aparelhos foram criados ou aperfeiçoados para que fosse possível obter imagens mais técnicas, como as câmeras fotográficas e os aplicativos para celulares que exibem, alteram, filtram e registram os momentos. Em aderência a este estudo, cabe informar que as imagens fotográficas proporcionaram novos paradigmas e entendimentos artísticos referentes à idealização das pinturas, enquanto a arte ainda era vista como um elemento poético, único, criativo e reflexivo (BENJAMIN, 1987). Assim, pode-se aliar a arte à fotografia, pensando na criatividade e reflexão representadas nas fotografias feitas pelos alunos, de acordo com um conceito e conteúdo específico.

Utilizar um dispositivo tecnológico para fotografar é muito fácil. Entretanto, o ato não deve ser visto como uma ação simples, sendo preciso saber “ler” o cenário que compõe a fotografia, uma vez que pode envolver diversos conceitos e pretensões (FLUSSER, 2002). Portanto, descrever uma fotografia não é assim tão simples, pois requer entendê-la a partir do prisma de suas cores, dos elementos que a compõem; assim, o fotógrafo é visto como um binóculo observando uma tela, buscando registrar um momento único, abstraindo sua essência por meio de um único clique.

Na apreciação e produção de fotografias, não importa apenas o exercício da habilidade, mas também que o aluno leitor de imagens seja capaz de perceber as qualidades de luz, sombra, cores, clima, composição, instigando a imaginação. É interessante “decifrar” os significados e a intencionalidade por trás de uma fotografia, ou seja, não apenas visualizar a imagem, mas observá-la e analisá-la, para absorver a essência do fotógrafo e observador.

Por fim, entende-se que as fotografias podem ser consideradas elementos onipresentes, ou seja, elas estão presentes em diversos contextos e cenários, como álbuns, livros, jornais e revistas (McLUHAN, 1964), representando o registro de um instante único a partir do prisma de um observador, “imprimindo” a sua observação a respeito. Diz-se, então, que ela, como objeto, não possui um valor, mas gera uma memória afetiva e reflexiva.

Posto isso, o uso do celular em sala de aula poderia ser uma estratégia para a aprendizagem do aluno, potencializando o ensino, a motivação e o interesse na reflexão e no conhecimento.

5.3 O QUE SÃO AS REDES SOCIAIS

Neste tópico, discutem-se as redes sociais de maneira geral, como Facebook, WhatsApp, Twitter e YouTube, para depois abordar especificamente o Instagram no ensino da Arte. Deixa-se claro que não existem apenas essas redes, mas são as mais usadas no contexto escolar, lembrando que as redes são substituídas por outras quando do surgimento de novos recursos.

Com a era da globalização e a criação da Internet, surgiu um fenômeno de redes sociais que utilizam as tecnologias da informação e da comunicação para se articular e se auto-organizar, que tomou dimensões globais (...) Pode-se dizer que, com o advento da Internet, o conhecimento aberto está hegemonizando definitivamente a sociedade contemporânea (SOUZA; GIGLIO, 2015, p. 15).

Para Recuero (2006), as redes sociais são como laços ou teias que interligam os indivíduos, desde os níveis mais básicos aos mais complexos, ou seja, em um universo conectivo, a distância entre as pessoas se torna muito pequena, a partir das conexões e redes sociais. As primeiras surgiram com a plataforma digital SixDegrees – relacionada aos “seis graus de separação” –, em 1997, que permitia a criação de um perfil personalizado *on-line* para a visualização do perfil de outros indivíduos e a publicação de lista de contatos. Três anos depois, acabou sendo substituída por outras redes, como o Fotolog e, mais adiante, o Orkut e o Facebook (RELVA, 2015).

A rede social, segundo Modolo (2018), é composta por dois elementos: os autores, que podem ser pessoas ou grupos, e as conexões, que são geradas a partir das interações na internet. De fato, as novas tecnologias e, mais precisamente, as redes sociais fizeram emergir uma estrutura de sociedade voltada essencialmente para a produção de recursos *on-line*, como postagens, curtidas, compartilhamentos e divulgações (BERTOLETTI; CAMARGO, 2016).

Constata-se que as redes sociais virtuais têm tido rápida adoção por milhões de usuários, rompendo o conceito de modismo e

demonstrando que são ferramentas antigas transportadas para um cenário suportadas por tecnologias digitais, onde são cada vez mais comuns no cotidiano dos usuários (...) (DE SOUZA; GIGLIO, 2015, p. 113).

Nessas plataformas, são criados perfis pessoais para ter acesso às informações, além de comunidades com interesses comuns. A respeito, Relva (2015) afirma que esses meios permitem trabalhar interações entre diferentes sujeitos com um mesmo objetivo ou interesse, sendo estabelecido, a partir disso, um laço de proximidade maior, ainda que, de acordo com Santos (2020), em muitos momentos a proximidade física seja afetada pela proximidade virtual, fazendo com que as pessoas que estão perto sejam prejudicadas.

Assim, entende-se que as redes sociais permitem a livre circulação de conteúdos e discursos e, em um espaço pouco atrativo para muitos, como a escola, faz-se necessário que o professor chame a atenção com estratégias diferenciadas inovadoras, oportunizando uma visão de reflexão e estimulando o desenvolvimento da sensibilidade para o imperceptível.

Recuero (2009) indica que a já extinta rede social Orkut foi lançada, em 2004, por um ex-aluno da Universidade Stanford, que tinha o objetivo de criar uma plataforma digital para cadastrar e permitir a disseminação de uma diversidade de conteúdos de mídia, como enviar e receber mensagens, visualizar comunidades e visitar o perfil dos amigos. Essa rede social, financiada pelo Google, tornou-se um modelo para outras que futuramente seriam construídas, buscando compreender a necessidade de estar atento às possibilidades prestativas e pensativas desses meios de comunicação.

O Facebook é uma plataforma digital gratuita que foi criada por Mark Zuckerberg e Eduardo Saverin, dois estudantes universitários de Harvard. Seu surgimento deveu-se ao desejo de Zuckerberg invadir o banco de dados das irmandades da universidade, tendo criado um *site* denominado Facemash, com a intenção de falar mal de sua ex-namorada. Tamanha foi a expansão dessa plataforma que quase todos os estudantes de Harvard passaram a utilizá-la para postar e compartilhar diversos tipos de mídia, como imagens, vídeos, áudios e textos (MEZRICH, 2011). De acordo com Sumpter (2019), o Facebook possui mais de dois bilhões de usuários e uma quantidade exorbitante de publicações diárias, gerando compartilhamento de dados e informações em nível mundial, em proporções gigantescas. Contando com funções básicas, como postagens

de fotos, vídeos e textos, conforme apontado por Modolo (2018), pode ser utilizado para fins de entretenimento e acadêmicos, além de ser possível gerenciar tarefas, atividades e compartilhar materiais com grupos de afinidades, de estudos e de trabalho.

Segundo De Souza e Giglio (2015), outra rede muito utilizada é o WhatsApp, pertencente ao Facebook. O aplicativo envia e recebe mensagens gratuitamente e de maneira ilimitada, permitindo a transferência de diversas mídias, como imagens, vídeos e mensagens de voz. Pensando no âmbito escolar, essa plataforma digital permite enviar mensagens, propicia o compartilhamento de informações de conteúdos pedagógicos e o esclarecimento de dúvidas e, por se tratar de envios em tempo real, gera melhor comunicação e aprendizado, com *feedback* imediato.

Já o Twitter, criado por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, em 2006, é considerado um sistema de *microblogging*, ou seja, um sistema de mensagens em que os usuários postam mensagens curtas, de até 280 caracteres. Como apontado por Garcia (2017), permite a postagem de frases e textos – os chamados *tweets* –, que podem ser acompanhados pela linha do tempo de todos os indivíduos que seguem o perfil. Garcia (2017) relata que o Twitter possui um grande potencial pedagógico, justamente por se assemelhar a um *microblog*, podendo funcionar como um *chat* em sala de aula, palestras, eventos e demais atividades de cunho pedagógico e educativo. Nesse sentido, pode ser utilizado para publicar informações e orientações referentes a trabalhos de uma disciplina escolar, além de servir como um registro de postagens, indicando datas importantes do calendário acadêmico.

Outra rede social que pode agregar ao ensino é o YouTube, criado, em 2005, por Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim, que visavam ao compartilhamento de vídeos *on-line*; em 2015, já havia se tornado o segundo maior *site* de buscas, com mais de um bilhão de usuários em atividade e seis bilhões de horas de visualização de vídeos a cada mês. Essa rede de compartilhamento teve tamanho sucesso que acabou sendo comprada pela empresa Google, em 2006 (MARTINS, 2018). Para seu uso num contexto didático nas aulas, Martins (2018) informa que os docentes podem criar uma conta com um nome de fácil memorização e relacionado ao tema proposto, permitindo adicionar vídeos sobre a temática, tanto pelo docente quanto pelo

estudante. Nesse caso, é preciso informar que somente pessoas com mais de 13 anos de idade podem postar conteúdos em suas contas; não sendo possível, o professor deve realizar as postagens para a turma.

O YouTube oferece como recurso didático vídeos que podem ser assistidos, comentados e compartilhados, em sala de aula e em casa, o que fomenta os debates entre os alunos e o professor, conforme o conteúdo escolhido. No âmbito educacional, isso possibilita a busca de informações em diferentes canais de vídeo, podendo auxiliar nas discussões sobre os “achados” com colegas de classe e professores, agregando conhecimento a todos os envolvidos (FOFONCA, 2018).

Posto isso, Gama (2019) traz alguns benefícios das redes sociais na aprendizagem: (i) melhora e facilita a comunicação e troca de informações entre docentes, discentes e pais; (ii) facilita a coordenação, envio e correção de trabalhos a partir da criação de grupos; (iii) facilita a comunicação e o registro de informações importantes repassadas pelo professor da disciplina; (iv) melhora a socialização entre professores e alunos.

Os docentes podem utilizar os recursos digitais na educação, principalmente a Internet, como apoio para a pesquisa, para a realização de atividades discentes, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para a integração entre grupos dentro e fora da turma, para publicação de páginas web, blogs, vídeos, para a participação em redes sociais, entre muitas outras possibilidades (MORAN, 2013, p. 36-46.).

Em um mundo cada vez mais tecnológico e interativo, encontra-se crescente abundância de conhecimentos variados; essas informações podem tanto ser ampliadoras de conhecimentos quanto de procedência duvidosa, acarretando a retenção de conhecimentos equivocados. Nesse contexto, as redes sociais promovem interatividade a partir do pertencimento a diferentes comunidades e grupos de afinidades, legitimando ligações entre os indivíduos, o que pode ser amplamente explorado no contexto educacional por propostas que unem o conhecimento e as possibilidades obtidas das tecnologias, com um objeto de estudo indicado pelo docente.

Como já exposto, as comunidades e grupos criados nas redes sociais juntam indivíduos interessados em uma mesma temática, levando adiante publicações, compartilhamentos e questões de interesse mútuo, oportunizando

a sociabilização dos integrantes. Nessa perspectiva, é possível conectar o estudo sobre a teoria das cores e o Impressionismo com a utilização de fotografias nas redes sociais, em um cenário educativo e escolar, visando a conectar os alunos a esses elementos culturais e artísticos.

5.4 As imagens no Instagram

Neste tópico, apresentam-se as imagens no Instagram a partir dos conceitos da fotografia, indicando como podem ser compartilhadas essas imagens na rede social e como o professor de Arte pode se valer do Instagram para publicar fotos de atividades da disciplina, potencializando a aprendizagem, compreendendo, neste caso, que o conteúdo do Impressionismo e da teoria das cores pode ser divulgado nessa rede social.

É preciso pensar que dificilmente os alunos terão acesso às obras impressionistas pelo contato direto com a tela, sendo necessário, dessa forma, compreender que o contato com essas pinturas ocorrerá de forma indireta, mediada por fotografias que podem ser encontradas em diversos *sites* ou mesmo nas redes sociais. Diante disso, a fotografia deve despertar o interesse do estudante para o conhecimento das obras de arte, identificando diversos elementos, como a classificação das cores.

Consoante Seligmann (2018), é importante diferenciar as imagens tradicionais das técnicas. As primeiras são obtidas a partir do contato direto do artista com um objeto de estudo e os materiais por ele utilizados; nas segundas – no caso, as fotografias –, também há o contato do agente (ou observador) com uma imagem, mas de forma mais rápida, não precisando o indivíduo se dedicar por tanto tempo para fazer sua composição. Assim, os quadros e as fotografias têm sua representatividade e narrativa, podendo o observador, a partir do seu olhar subjetivo, compreender a trajetória imaginativa do criador, buscando detalhes específicos e possíveis analogias entre os elementos, se sentindo “preso” a essa imagem a partir do estabelecimento de emoções por ela geradas.

Para Flusser (1985, p. 27), imagens “são superfícies que pretendem representar algo”; partindo desse entendimento, os alunos devem fazer análises dos detalhes das imagens ou, segundo o autor, “vaguear” elementos que já

foram vistos, mas é preciso rever, o que é chamado por Barbosa (2008) de releitura de imagem.

Benjamin (1987) afirma que toda obra de arte, como as pinturas, possui uma aura vinculada à sua autenticidade, tendo representatividade única, ou seja, cada tela possui um traço específico do seu artista e, conseqüentemente, é única. Dessa forma, entende-se que, por mais que seja possível fotografar uma obra de arte ou mesmo reproduzi-la, isso nunca ocorre literalmente, visto que não existe “o aqui e o agora” vivenciado pelo pintor no momento de sua execução artística ou pelo apreciador da obra original. A isso, Benjamin (1987) se refere como “aura”, sendo referente a essa “aparição única de uma coisa distante” (p. 170).

Ainda, Benjamin (1987) relata que as obras de arte sempre foram vistas como reproduzíveis, uma vez que a imitação e as réplicas podem ser realizadas a partir de diferentes ideias e intenções por outros que não são detentores de sua própria arte. Com a invenção da fotografia, a dinâmica se modificou em relação à reprodução “maquínica”, que promove uma cópia mais fidedigna e todas idênticas entre si. Em continuidade, informa que, por mais que essas reproduções sejam possíveis,

mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física (...) (BENJAMIN, 1987, p. 167).

Nesse sentido, a reproduzibilidade de uma obra de arte pode ocorrer a partir de variados meios, como as redes sociais, devendo-se atentar que essas imagens, mesmo que apreciadas virtualmente, não possuem a essência do “aqui e agora”, vivenciada por quem observa pessoalmente uma dessas telas. Ademais, de acordo com Eco (1972), a obra de arte tem inúmeras interpretações e significados, o que significa que o artista pode mudar de opinião sobre diferentes compreensões da totalidade da obra. Com esse entendimento, os observadores podem compreender partes de sua composição, mas não sua essência por completo.

A rede Instagram, muito utilizada pelos alunos na escola, pode se tornar uma biblioteca da disciplina Arte, com acesso amplo, podendo o aluno curtir, comentar e publicar uma fotografia, aprendendo mais sobre ela, o que pode se dar a partir da observação de imagens impressionistas publicadas pelo professor, de modo a fragmentá-las a partir de um olhar observador, gerando representações subjetivas. Assim, nessa rede social, o estudante tem a oportunidade de estabelecer uma relação com a obra de arte previamente fotografada e já compartilhada na internet, observando-a e comentando, de acordo com a atividade proposta pelo professor de Arte. Isso é possível pelo acesso comum aos *smartphones*, sendo um recurso visível nas escolas, de modo a agregar conhecimento à disciplina.

Quando se observa uma imagem obtida a partir de uma fotografia, é possível se sentir imerso naquela cena, sendo esse um dos grandes princípios dessa tecnologia, que permite que os usuários sejam levados para cenários ainda não explorados em momentos não vividos. Já a câmera fotográfica ou outro aparelho que irá realizar a fotografia possui a única função de registrar automaticamente um momento; o espectador, como observador dessa imagem, possui a capacidade de agir como um intermediário, guiando a paisagem, ou seja, ele pode buscar análises e interpretações totalmente subjetivas e individuais.

Flusser (1985) disserta que, quando se observa uma imagem, começam a ser estabelecidas relações a partir da visualização dos seus elementos, gerando um leque de interpretações e possibilidades. Nessa perspectiva, o aluno, ao observar uma imagem, pode utilizar toda a sua interpretação e subjetividade para realizar sua análise.

Considerando as imagens “mediações entre homem e mundo” (Flusser, 1985, p. 7), o indivíduo, como observador e espectador, tem a possibilidade de ampliar o seu conhecimento a partir das significações das imagens, em forma de desenho, pintura ou fotografia. Nesse sentido, por mais que o espectador não possa admirar uma obra de arte presencialmente, pode fazê-lo a partir de suas fotografias, como se elas estivessem sendo reproduzidas, ou seja, por mais que não tenha contato direto com essas telas, pode apreciar suas imagens, observando e analisando os movimentos artísticos. Essa é uma estratégia que pode ser utilizada no anseio de promover o ensino da Arte e a expansão cultural

dos alunos, por meio do compartilhamento de imagens no Instagram, uma importante ferramenta que auxilia na manifestação artística, visto que, a partir dela, a informação artística visual chega a milhões de pessoas ao redor do mundo, e não somente àqueles que possuem condições de a apreciar presencialmente. Além disso, realizar pesquisas históricas a respeito de movimento cultural, por exemplo, e montar exposições são excelentes ideias para que os alunos compreendam a dinamicidade das fotografias e das pinturas.

Consoante Freeman (2012), o elemento visual que relaciona as obras impressionistas às fotografias são as cores, uma vez que ambas possuem ideias de dimensões e características como brilho, saturação e matiz. As cores são capazes de provocar inúmeras sensações e sentimentos a partir de interpretações próprias, conforme o contexto emocional de cada indivíduo. No caso das fotografias, de acordo com Fraser (2007), elas podem impactá-las profundamente, por terem significados diferentes daqueles presentes em uma palavra, uma sentença, imagens, música ou cor e na combinação desses elementos. Por isso, os artistas utilizavam e ainda utilizam esse recurso visual para impactar a sociedade e despertar o olhar das pessoas, tornando os signos das cores mais sofisticados. Em consonância, Bueno (2008) relata que é importante trabalhar e estimular a observação de elementos importantes das imagens e da teoria das cores, de modo a identificar as cores complementares, primárias, secundárias, quentes, frias e outras classificações.

Iavelberg (2003) informa que, quando o aluno se envolve com um trabalho artístico, realiza algo inédito e autoral, deixando sua marca. Entretanto, o educador precisa utilizar seu papel de mediador do ensino e do conhecimento para valorizar as atividades e incentivar a busca por novos aprendizados e desafios, incentivando sempre a criatividade, a partir de diferentes e complementares métodos de ensino que ampliem o conhecimento dos estudantes nesse campo artístico. Assim, sugerir atividades que se relacionem a algum pintor impressionista específico é uma metodologia interessante a ser trabalhada, utilizando o contexto histórico e cultural. Para isso, o professor pode buscar na internet obras para abordar as características do movimento, principais pintores, obras de destaque, contexto histórico e cores utilizadas.

Pensando no conceito das aulas de Arte, Barbosa (2008) disserta que é preciso que o aluno seja estimulado a ser criativo e imaginativo, podendo o

emprego da rede social ser uma interessante estratégia de assimilação das cores e do Impressionismo. Cunha (2016) destaca alguns procedimentos que podem ser considerados para compreender determinada obra nesse contexto impressionista:

Observe a cena. O que o personagem está fazendo? Você identifica a presença da paisagem? Como você a descreveria? Ela se pronuncia ou é discreta? Para você, o que aparece primeiro na imagem? Ou seja, qual é o foco da cena? O homem ou a paisagem? Como você constata isso? (CUNHA, 2016, p. 79).

Uma vez que a arte faz parte da história do ser humano, não basta estar em contato com ela, mas se deve vivenciá-la de diferentes maneiras, contemplando todos os seus significados, que são variáveis de indivíduo para indivíduo. Isso possibilita que os contextos culturais artísticos sejam percebidos e apreciados a partir da visão, da abstração e da subjetividade do espectador. Isso porque, em uma pintura, além do sentido que o artista tenta passar, todo observador, como o educador de Arte, tem a liberdade de submetê-la a um olhar aguçado, intuitivo e de julgamento.

Nesse contexto, o celular e a rede social podem proporcionar a ampliação das possibilidades metodológicas da temática artística abordada pelo professor, contemplando diferentes cores e tonalidades. As imagens postadas no Instagram pelo professor podem demonstrar expressões e características do movimento impressionista, podendo ser arquivadas e até mesmo destacadas no perfil, de modo a promover engajamento de outros alunos para executar tarefas similares. Esse arquivamento visual é importante para que o aluno tenha pleno acesso às suas informações durante o período que quiser e quantas vezes achar necessárias. Isso gera um ambiente ainda mais favorável para o aprendizado e assimilação dos conhecimentos artísticos que o professor almeja.

Moran (2013) indica a ideia de ser o protagonista de seu próprio envolvimento e compreensão a respeito de um conteúdo. Destaca-se, aqui, o exemplo da pesquisa a respeito do Impressionismo, elencando as suas curiosidades, características e demais especificidades desse movimento cultural e artístico. Nesse sentido, o professor poderia fazer perguntas motivadoras, com desafios para a solução dos objetivos propostos em redes sociais, como o Instagram, que pode ser uma ferramenta para aprender sobre o Impressionismo,

fazer atividades com fotografias e reflexão, avaliar seu próprio trabalho e instigar discussões e debates entre os colegas. Para isso, devem ser considerados os conteúdos discutidos e adquiridos individualmente e por vontade própria, o que possibilita compreender se os discentes de fato atingiram o objetivo proposto pela atividade.

Assim sendo, o educador, como mediador do conhecimento da arte e do Impressionismo, precisa estabelecer metodologias e metas específicas que relacionem o conteúdo artístico ao uso do Instagram, a partir da compreensão das etapas de elaboração da atividade. As abordagens permitirão que o professor perceba dois quesitos importantes referentes à assimilação do conhecimento: a compreensão do conteúdo e a capacidade de elaboração e expressão textual, os quais podem ser estimulados com conteúdos referentes à teoria das cores e ao impressionismo; além disso, ao utilizar o Instagram, o aluno pode se sentir mais motivado a adquirir e ampliar um conteúdo artístico, visto que a rede social e o *smartphone* fazem parte de seu cotidiano.

Remetendo novamente à questão da utilização das tecnologias e das redes sociais, pode-se afirmar que o emprego do Instagram nesse novo panorama social pode e deve ser incluído no contexto escolar e educacional para apoiar o professor, tornando o conteúdo mais atrativo e menos monótono. Isso pode aguçar ainda mais a busca pelo conhecimento, permitindo que os usuários acompanhem a publicação de outros indivíduos ou executem suas próprias, com fotos, vídeos e demais recursos visuais.

O educador de Artes visuais precisa (...) propiciar atividades relacionadas com autores que tratam de um contexto histórico, para assim valorizar a arte e entender como foi elaborada. Devemos também perguntar sobre o que elas acharam das obras e o qual a conclusão que tiveram sobre a releitura, se gostaram, acharam bonito etc. A apropriação artístico-cultural das crianças tem o tempo e ritmos próprios; ocorre na medida em que estabelecem um diálogo direto com diferentes obras, acionando seus acervos, afetividade e cognição, possibilitando múltiplos olhares e sentidos. E será tão mais intensa quanto mais exercemos o papel de instigar sua curiosidade e provocar novas indagações (BRASIL, 2006, p.26).

Buoro (2003) diz que, em um mundo no qual muitas imagens são vistas, é preciso ter a noção de que é necessária uma tomada de consciência relacionada à interpretação delas. Nesse sentido, as obras de arte, por exemplo, geralmente são apenas observadas por indivíduos que pouco conhecem o seu

significado e contexto. Assim, entende-se que o docente, como mediador das artes visuais, pode fornecer instrumentos a seus alunos para que comecem a compreender a dimensão e a importância dessas obras no contexto artístico e cultural, como o Impressionismo.

Diante do exposto, o discente precisa aprender a utilizar as redes sociais para a aprendizagem significativa e questionadora, não somente se preocupando com as postagens dos colegas e os comentários delas no Instagram. Segundo Santos (2020), os usuários são manipulados pelos algoritmos das redes sociais; a partir desse entendimento, a consciência do aluno deve ter liberdade para suas próprias escolhas, não se posicionando como consumidor inconsciente das tecnologias, mas consciente e capaz de refletir sobre a sociedade atual.

Neste ponto, é interessante citar Barbosa e Cunha (2010), ao abordar a possibilidade do “sistema triangular digital” para promover a interlocução entre o observador e uma arte a partir de contextos virtuais. Trata-se de um sistema pós-moderno que surgiu após a criação de novas tecnologias e a globalização mundial, na perspectiva do desenvolvimento crítico a partir de uma percepção digital, estimulando os processos mentais. Considerando o aprendizado crítico e buscando vincular o Impressionismo com a teoria das cores, a utilização do *smartphone*, para compartilhamento de obras desse período artístico e percepções subjetivas, pode ser uma interessante metodologia para estudar esse objeto de estudo, aproximando os alunos e o educador de meios tecnológicos que sejam de interesse comum e bastante utilizados no dia a dia.

5.4.1 O INSTAGRAM E A EDUCAÇÃO

Apresentaram-se, anteriormente, as redes sociais de maneira geral; a partir de agora, foca-se em como elas podem auxiliar nos contextos didáticos e pedagógicos para a educação, destacando o Instagram como ferramenta para a publicação e compartilhamento de fotos relacionadas à disciplina Arte.

Souza e Giglio (2015) afirmam que é possível evidenciar uma transformação social e cultural de tamanhos exorbitantes a partir dos avanços tecnológicos em um mundo em que cada vez mais se está cercado por inúmeras possibilidades de tecnologia. Nos dias atuais, os alunos consomem o mundo

cibernético, estando conectados por várias horas durante o dia. Dessa forma, há de se pensar maneiras de tirar proveito desse tempo, que, em suma, é visto como ocioso, e transformá-lo em um elemento que potencializa a aprendizagem.

É importante questionar sobre os fatores que podem motivar os indivíduos a aderir às redes sociais, buscando compreender a intencionalidade de sua utilização (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015). Nesse sentido, o tema tem sido alvo de investigações e indagações quanto à possibilidade de relação com o ensino, promovendo discussões no cenário acadêmico e escolar a respeito de possíveis inclusões dessas ferramentas. As metodologias de ensino utilizadas pelo docente, nesse caso, precisam valorizar os conhecimentos espontâneos e a criatividade dos alunos, além de estimular uma educação crítica e reflexiva, de modo que os conteúdos sejam absorvidos e compreendidos. Conforme destacado por Freire (1996), é preciso envolver o “fazer e pensar”, ou seja, as atividades teóricas e práticas devem envolver a essência da atividade artística, buscando ampliar o aprendizado do aluno e do próprio professor.

Foram citadas anteriormente algumas redes sociais e suas possíveis ligações benéficas com o processo educativo, o que oportunizou chegar ao ponto principal que levará ao produto desta dissertação, ou seja, a rede social Instagram e seu potencial educativo artístico.

Segundo Garcia (2017), o Instagram (hoje pertencente ao Facebook) foi criado, em 2010, pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, com o principal objetivo de compartilhar fotos, vídeos e outras informações visuais com diferentes círculos de amigos (família, amigos, colegas de trabalho etc.). Nesse aspecto, recorda-se que as redes sociais possibilitam uma maior amplitude de experiência e interação humana, uma vez que possuem diversos meios de comunicação entre pessoas ao redor de todo o mundo, independentemente de classe econômica e social. Portanto, essas tecnologias se tornaram inclusivas (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015).

O Instagram pode ser utilizado em diferentes plataformas de celular, como o Android e o iOS, por isso pode alcançar milhões de pessoas (AZEVEDO, 2015). Essa rede social integra os usuários a partir da ideia de “seguidores”, ou seja, os indivíduos escolhem a quais perfis desejam se vincular, acompanhando as postagens (COELHO; VIEGA; ALVES, 2017).

Dessa forma, o *Instagram* representa um dos elementos significativos na mudança desse paradigma da imagem, antes fotográfica, atualmente digital/virtual. E de certa forma, se mescla com padrões anteriores aos seus, através de um hibridismo do olhar, que ao mesmo tempo é perene quanto à memória/lembança dos indivíduos que a utilizam como mecanismo motor para gerá-la, mas também é fluido e excessivo em relação à quantidade de imagens que gera em seu *display* (AZEVEDO, 2015, p. 143).

Esse aplicativo proporciona sociabilidade a partir de contextos digitais *on-line*, por meio de compartilhamentos, comentários e curtidas em cada postagem. Além disso, oferece *hashtags* (#), que são comandos que agrupam imagens em um mesmo grupo, sendo interessantes para os usuários e para efetuar publicações que se enquadrem em determinada categoria. Diante desse contexto, o professor pode valorizar os vínculos sociais do aluno em suas redes sociais, tornando-as potenciais mediadoras para as atividades, além de sugerir uma colaboração entre os alunos e demais participantes, para aprender pelas redes sociais.

Sendo uma plataforma virtual utilizada por milhões de pessoas todos os dias, o Instagram oportuniza a massificação de visualizações e postagens, sendo possível destacar, entre algumas possibilidades benéficas:

- Recursos visuais: compostos por vídeos, fotos e demais postagens contendo textos, o que se torna atraente visualmente.
- Notificações: é um recurso que mostra em tempo real qualquer atividade relacionada a determinado perfil, como marcações pelo nome da rede social, menções em publicações etc.
- Localização: necessita de conexão mútua com o GPS do *smartphone*, detectando o local onde o indivíduo se encontra no momento, podendo também ser postada a foto posteriormente e selecionar outra localização que não a atual.
- *Stories*: publicações instantâneas de vídeos, imagens e outros conteúdos, que ficam disponíveis para visualização no período de 24 horas.
- *Hashtags*: são palavras-chave digitadas após o símbolo de sustenido, representado por "#", utilizadas para identificar e agrupar temas similares.

- *Emoji slider*: o *emoji* é um pictograma que utiliza uma figura para representar um elemento. Este recurso possui formato de barra de intensidade, que permite avaliar o quanto os perfis que observaram os *stories* gostaram da publicação.

- Perguntas: o recurso denominado “Faça uma pergunta” permite que o dono do perfil crie um campo aberto para que outras pessoas façam perguntas a ele, conforme uma temática escolhida. Essas perguntas podem ser respondidas com textos e/ou fotos, que ficam agrupadas na lista de visualizações do dono do perfil.

- Enquetes: é uma combinação com o recurso de “perguntas”, que possibilita que, antecipadamente, o perfil adicione duas ou mais opções de resposta.

- Destaques: são imagens e vídeos que podem ser adicionados ao perfil de forma permanente, personalizando-o e tornando-o possivelmente mais atraente.

- Transmissão ao vivo: podem ser exibidos vídeos em tempo real.

A utilização do Instagram pode ser útil e agradável; pensando por esse viés, ele pode ser um importante auxiliador para maximizar as experiências e *performances* do ensino em sala de aula, auxiliando os indivíduos (aluno e professor) a alcançar seus objetivos pedagógicos. As relações sociais geradas pela conectividade consistem em uma nova possibilidade de comunicação e informação, resultando em um progresso que se dá pelo diálogo e compartilhamento entre os indivíduos na sociedade contemporânea. Isso leva a inovações no campo da educação (GUIMARÃES, 2018).

Considerando o âmbito educacional, o Instagram possui diversas utilidades que podem proporcionar metodologias diferenciadas e mais completas, sendo possível destacar:

- Envio de notificações: o docente, se vinculado ao perfil dos alunos, ou seja, se estiver “seguindo-os”, pode enviar mensagens instantâneas. Para isso, basta utilizar o ícone no canto superior direito, pesquisar um contato e digitar a mensagem. Também podem ser criados grupos, clicando no ícone do avião de papel, acessando o *direct*, escolhendo o ícone em formato de lápis e

selecionando os estudantes que farão parte do grupo. Após, basta clicar em “bate-papo” para enviar as notificações.

- Leituras complementares: referentes a conteúdos que podem agregar na construção dos trabalhos, servindo de apoio de conteúdo, sendo divulgadas pelos professores. Podem envolver, por exemplo, a publicação de textos pelo professor em seu perfil ou no perfil escolar ou mesmo a postagem de imagens. Para isso, deve-se abrir o ícone da câmera e escolher a opção “texto”. Após, o texto pode ser digitado; para finalizar a publicação, basta clicar no ícone “>”.

- Rede de dúvidas e questionamentos: podem ser sanadas dúvidas por parte dos alunos, a partir das ferramentas disponibilizadas pelo próprio aplicativo, como os *stories*. Nestes, por exemplo, ao publicar uma imagem e compartilhar no Instagram, é possível que outros perfis, ao visualizar o conteúdo, enviem mensagens instantâneas e, dessa forma, realizem perguntas.

- Registro dos trabalhos pedagógicos: os trabalhos dos alunos podem ser postados no perfil do Instagram, seja nos *stories* (que possui duração de 24 horas), seja como foto ou mesmo em destaque no perfil. Para fazer um *story*, basta escolher uma imagem, clicar no ícone de avião de papel, escolher a opção “adicionar publicação ao seu *story*” e enviar. Já para fazer a postagem de uma imagem com destaque no perfil, é preciso localizar a opção “destaque”, na página do perfil, e escolher fotos e/ou vídeos que desejar salvar.

- Compartilhamento de conteúdo: é possível realizar postagens de diversos conteúdos relacionados a uma temática específica sugerida pelo professor, que podem ser acompanhadas pelo perfil criado, como em fotos em destaque, *stories* e fotos publicadas.

A interação proporcionada pelas redes sociais, como o Instagram, fez surgir questionamentos sobre as abordagens metodológicas tradicionais dentro de sala de aula, tanto no quesito da formação do docente quanto do discente, visto que se podem apresentar novas estratégias de ensino e possibilidades de utilização para tornar diferente o processo de ensino e aprendizagem. Compreende-se, dessa forma, que o espaço virtual pode auxiliar na aproximação entre alunos e orientador, sendo um facilitador da aprendizagem e expandindo os conhecimentos escolares de forma mais rápida, oportunizando outros espaços e possibilidades para debates, discussões e atividades formalizadas.

Sobre isso, é importante que se questionem os fatores que podem motivar os alunos e docentes na adesão a essa plataforma de comunicação, buscando compreender a intencionalidade e o potencial de seu uso no campo educacional (VERMELHO; VELHO; BERTONCELLO, 2015).

A partir do entendimento dos inúmeros usos do Instagram, é possível perceber sua expansão para potencialização do ensino no campo educacional, no que tange ao conhecimento da arte a partir da teoria das cores e do Impressionismo, utilizando o celular e as fotografias feitas pelos alunos como ferramentas.

6 PRODUTO: PROPOSTA DE EXPOSIÇÃO IMPRESSIONISTA NO INSTAGRAM

Neste capítulo, que traz o produto final desta dissertação, são elaboradas sugestões e alternativas para uma proposta metodológica de exposição no Instagram, buscando relacionar todos os outros objetos de estudo mencionados anteriormente: o Impressionismo, a teoria das cores, a teoria da educação segundo Freire, a disciplina Arte, a abordagem triangular e a cultura digital (com ênfase no Instagram). A partir disso, são apontadas possibilidades para a criação de um guia ao professor na utilização do *smartphone* e da rede social Instagram, focando em uma exposição virtual para a escola, com viés de interpretação subjetiva dos alunos, porém se atendo à identificação das características impressionistas e classificando as cores das obras impressionistas publicadas pelo professor nessa rede social.

Nessa atividade de exposição, o docente pode orientar o aluno a analisar uma pintura impressionista (repostada na rede social), buscando, por exemplo, por *hashtags* que se relacionem ao Impressionismo e suas pinturas, mediante o recurso de busca (lupa) do aplicativo, e apontando suas características, conforme os itens destacados anteriormente, com a postagem de um breve texto descrevendo os principais achados. Nesse caso, ao observar a imagem publicada, o aluno pode utilizar o campo “adicione um comentário” para digitar seu relato de observação. Com isso, o orientador pode analisar o nível de compreensão dos alunos sobre o Impressionismo e sua relação com a teoria das cores, ao observar e avaliar os comentários e textos postados por cada um dos discentes.

Nessa apreciação, o aluno, como leitor de uma imagem artística, pode perceber as qualidades de luz, sombra, cores, clima, composição e demais fatores que permitem a leitura de imagens impressionistas a partir do conhecimento da teoria das cores. A arte, o ensino e a rede social podem ser vistos, nesse caso, como um tripé atrelado ao fazer criativo e artístico, oportunizando apreciar e contextualizar de acordo com a realidade do aluno no tocante à utilização da rede social Instagram.

Válio (2008) destaca que a exposição, para ser realizada, necessita de alguns componentes que são interligados: o artista, a obra, o público, a mediação, a crítica da teoria e da história, a instituição e o mercado.

Segundo Fidelis (2005, p 40 e 41), [...] as exposições são, antes de tudo, dispositivos que constroem conhecimento através de relações espaciais tanto em sua disposição física como nas relações que estabelecem entre obras [...] as exposições são - e sempre serão - vistas parciais dos objetos e de sua história. É através delas que o objeto artístico contemporâneo adquire sentido não somente em sua exibição circunstancial, em determinado momento de uma exposição, mas também no somatório dessa trajetória expositiva.

Como mencionado no capítulo 4 sobre as teorias da educação, é oportuno que os professores de Arte utilizem os conhecimentos prévios do aluno, a autonomia, materiais e conteúdos com que esses indivíduos têm contato diariamente, de modo a tornar o ensino mais prazeroso para todos. Diante disso, é preciso desenvolver um comportamento de análise mais aguçado, buscando atitudes que visem a preparar os alunos para o ensino da Arte, conforme seus conteúdos específicos, para que eles se tornem aptos à observação por um viés mais reflexivo e amplo. Assim, o educador tem o compromisso de despertar no estudante a capacidade de analisar, refletir e buscar informações, somando os saberes do seu cotidiano com os saberes escolares.

Os tópicos seguintes demonstram um passo a passo, exemplificando como pode ocorrer a exposição, quais obras podem ser utilizadas, os destaques do professor e os detalhes que os alunos podem perceber em cada uma das imagens. Destaca-se que é importante saber olhar para os alunos e ouvir suas ideias; da mesma forma, eles devem considerar os professores mediadores do conhecimento pelas tecnologias. Ademais, entende-se a grande importância de construir em conjunto o aprendizado e as metodologias de ensino, visto que, quanto mais inseridos na metodologia os alunos se sentirem, maiores serão as possibilidades de o ensino ter sucesso.

No contexto de uma proposta diferenciada, como a mencionada aqui, envolvendo as ideias dos alunos postadas na exposição no Instagram, conforme afirma Fofonca (2018), a união entre as sugestões do educador e dos alunos não significa que a proposta pedagógica seja desestruturada; muito pelo contrário, torna possível maior aprofundamento de ideias, deixando os trabalhos

mais produtivos e interessantes, transformando tudo isso, potencializando o aprendizado. Ensinar o Impressionismo e a teoria das cores, relacionando esses dois objetos de estudo, pode ser de suma importância para a assimilação do conhecimento conforme a proposta metodológica. O docente pode, então, ser visto como parceiro do aluno na busca por identificar as cores nas fotografias, de acordo com as classificações e as características, destacando principalmente as cores primárias, secundárias, quentes, frias e complementares.

Os estudantes, que dificilmente poderão ter contato visual e presencial com uma obra de arte do Impressionismo, podem utilizar as fotografias de outros indivíduos postadas na internet para agregar conhecimentos e sempre buscar aprender mais, seja com o professor mediador, seja de maneira autodidata (FREIRE, 1996). Para isso, é importante relacionar o que está aprendendo com aquilo que já tem conhecimento, de modo a agregar conhecimentos sobre um objeto de estudo para obter mais informações que possam ser utilizadas durante o aprendizado.

É importante destacar que algumas escolas não possuem internet com sinal aberto para os alunos; uma sugestão seria que o professor compartilhasse a sua ou que essas atividades sejam realizadas em casa, na casa de familiares ou em outros locais. Se nenhuma dessas opções puder ser realizada, outras alternativas terão que ser pensadas.

Posto isso, segue um passo a passo para a aplicação dessa metodologia diferenciada de ensino, com vistas a uma exposição impressionista no Instagram, utilizando a teoria das cores para as análises subjetivas.

6.1 DIDÁTICA SOBRE IMPRESSIONISMO E TEORIA DAS CORES

Antes de iniciar a didática sobre o Impressionismo e a teoria das cores, é importante que o professor compreenda o conhecimento prévio dos seus alunos a respeito da utilização do Instagram e suas ferramentas; nesse caso, pode realizar uma aula prévia para demonstrar a utilização do aplicativo, abordando sua instalação (aos que não o tiverem), utilização do campo de busca (lupa), *hashtags*, como fazer um comentário em uma imagem, como curtir etc. O orientador pode sugerir que os alunos realizem buscas específicas, como “#impressionismo”, na lupa do Instagram, retornando postagens de fotografias

sobre o período e artistas, para que comecem a conhecer os objetos de estudo. Isso pode tornar o ensino mais fácil e melhorar a comunicação entre os alunos e o educador.

O professor pode ensinar sobre o período impressionista, contextualizando o movimento artístico, considerando sua inserção e representação cultural, social e artística, mencionando alguns dos principais artistas e características que o diferenciam dos demais, mencionando, principalmente, a utilização das cores e da luz nas obras, como visto no segundo capítulo. A exposição pode partir de uma ou várias aulas teóricas e expositivas sobre o Impressionismo e a teoria das cores, para que o aluno, a partir das explicações feitas pelo docente, entenda os conteúdos, realize comentários sobre a exposição, escreva legendas nas fotografias, “dê *likes*” (curtir uma postagem), de acordo com as propostas da atividade, interagindo para construir uma aprendizagem que seja de fato interessante.

Segundo Sumpter (2019), a ação de “dar *likes*” no Instagram faz com que o algoritmo reconheça que o aluno gostou da imagem publicada, gerando uma classificação automática que mostra o que é mais desejado e visto. Para isso, basta clicar duas vezes na imagem publicada.

O docente deve ouvir as ideias e o conhecimento de mundo de seus alunos, buscando contribuições para a elaboração dos planos didáticos de aula, trabalhando exercícios já conhecidos, assim como alguns inéditos, transferindo o sentimento de prazer pelas atividades do professor para os estudantes. Nessa perspectiva, o espírito crítico faz-se necessário para buscar a essência do que está sendo estudado, de modo a localizar as principais ideias do que deve ser aprendido. É importante que as fontes de busca, tanto do aluno quanto do professor, sejam confiáveis, de modo a excluir os riscos de aprender algo equivocadamente – mesmo que uma página da internet ou rede social tenha como título “Impressionismo”, seu conteúdo deve ser analisado para confirmar sua veracidade.

Esse diálogo é essencial para que o docente e os discentes possam aprender mutuamente; inclusive, isso deve ser estimulado como um processo contínuo, não somente após a atividade, mas antes e durante ela. Isso pode deixar o ensino mais agradável, fornecendo aos alunos mais possibilidades

interpretativas e críticas quando o conteúdo for abordado pelo professor de Arte na escola.

Após o entendimento do contexto e das características do movimento impressionista, vinculados à classificação das cores, os alunos podem realizar buscas próprias, individuais ou coletivas, para selecionar obras de arte desse período e destacar as características nelas presentes. Isso pode se dar a partir de pesquisas sócio-históricas, contextualizando o período no qual as obras de arte foram produzidas, destacando o cenário cultural e artístico da época, a importância cultural, além de informações específicas sobre a vida do artista, suas obras e características. As buscas com o intuito de contextualizar, destacar e valorizar as obras de arte do Impressionismo podem ocorrer pela comparação das telas dos artistas, identificando as características de cada um, seus pontos de aproximação e de afastamento, seus principais conceitos, técnicas, cores e inspirações (CUNHA; BARBOSA, 2010).

Nesta proposta, o aluno precisa entender, no que se refere ao estudo das cores, as diferenças entre elas, os conceitos, sua classificação em primárias, secundárias, quentes, frias e complementares e demais características. Essa observação deve ser realizada junto da percepção de outras especificidades do Impressionismo, como os reflexos, as sombras, os brilhos e o destaque das figuras, necessárias para que o aluno tenha uma leitura artística e um olhar mais subjetivo das obras, com subsídios para ampliar o conhecimento sobre o período, que enfatizava o estudo das cores e os reflexos da luz nas pinturas.

Na busca de um olhar artístico e criativo, é necessário que as ideias de alunos e professor sejam compartilhadas, visando a observar subjetiva e criticamente as impressões causadas pelas fotografias, além de assimilar essas interpretações a partir do conteúdo ensinado previamente. De acordo com Fraser e Banks (2007), é preciso localizar as principais ideias que as fotografias tentam passar, estimulando o senso crítico a partir do olhar do observador. Assim, segundo Barbosa (2008), entende-se que a imagem não deve ser vista isoladamente, mas buscando interpretar todo o seu conjunto de elementos e possíveis significados.

6.2 CRIANDO O INSTAGRAM DA TURMA PARA A EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

Com seus alunos, o educador pode falar sobre a importância da cultura digital, da internet e das redes sociais para uma abordagem diferenciada de ensino, destacando isso como um cenário vivido diariamente pela maioria deles.

Conforme visto no capítulo 4 sobre as teorias da educação, o orientador deve valorizar as potencialidades do aluno em sala de aula para a interação social no Instagram. Uma vez que é importante a ação do sujeito sobre a sua realidade, é sugerido que o professor utilize o celular como ferramenta para o ensino e aprendizagem dos alunos. Ademais, a rede social Instagram pode ser destacada como ferramenta para criar a exposição sobre o Impressionismo, promovida pelo educador e executada pelos alunos.

Nesta segunda etapa, o professor pode apresentar aos estudantes a proposta de exposição impressionista no Instagram. Para isso, é preciso que os alunos já tenham passado pela primeira etapa, referente às aulas teóricas sobre o Impressionismo e a teoria das cores, de modo que o docente pode introduzir os conceitos e conteúdos sobre a cultura digital e as possibilidades de ampliar o estudo e o conhecimento a partir de ferramentas tecnológicas, como *smartphones* e redes sociais. O professor também pode buscar continuamente a contribuição dos discentes para formular as aulas e as propostas metodológicas, partindo do pressuposto de Freire (1987) de que a vivência e a experiência desses indivíduos são importantes e fazem com que eles se sintam parte do processo e sintam prazer em realizar as atividades. O educador de Arte deve ser um incentivador da criação do aluno, etapa de suma importância para agregar e compreender o conhecimento aprendido, sendo este o último caminho realizado e o produto final desta dissertação, talvez o mais interessante, vinculando todos os objetos de estudo.

A primeira sugestão para o orientador é que ele crie um Instagram em modo público para a turma, de modo que alunos de outras turmas e pessoas externas à comunidade escolar também possam visualizar as publicações. Os próprios estudantes podem auxiliá-lo na divulgação desse perfil, assim como o professor e a escola podem divulgá-lo no meio acadêmico, buscando expandir a comunidade.

Antes, no entanto, é preciso instalar o aplicativo. Em *smartphones* com Android, é necessário abrir o *link* da Playstore, digitar na barra de buscas

“Instagram” e clicar em “instalar”; em *smartphones* da Apple, é necessário abrir a AppleStore. Finalizada a instalação, o aplicativo será aberto. Para fazer um cadastro novo, deve-se criar um *e-mail* de usuário (neste caso, relacionado à escola) e adicionar o número do telefone pessoal (no caso, do professor). Após, é preciso definir um nome e senha para essa conta, podendo, em seguida, sincronizar os contatos da lista telefônica. Por fim, é possível adicionar uma foto de perfil e adicionar o perfil pessoal de cada aluno à lista de amigos desse novo usuário, que será utilizado para a publicação de imagens impressionistas pelo professor.

Em seguida, é preciso que o docente verifique se todos os alunos possuem *smartphone* e o aplicativo instalado. Caso algum não o tenha instalado, deve auxiliar na instalação, conforme informado anteriormente. O uso do Instagram é permitido a partir dos 13 anos; caso a idade do aluno seja inferior, o professor poderá solicitar que ele realize a atividade em dupla (neste caso, com alguém com idade superior) ou na companhia de seus pais ou responsáveis. Depois de instalado, o aplicativo deverá ser aberto e o aluno poderá realizar o cadastro a partir de seu *e-mail* pessoal ou com o código contendo o número de seu telefone celular.

Para Bridle (2019), o celular é a extensão do corpo do aluno e, dessa forma, é comum que esses indivíduos estejam o tempo todo conectados ao mundo virtual. Caso alguns deles não possuam *smartphones* para criar o Instagram ou para utilizar a câmera, necessária na metodologia proposta, o professor pode guiar as atividades em duplas ou grupos ou mesmo emprestar seu aparelho celular pessoal para que todos desenvolvam a atividade igualmente, com os mesmos recursos tecnológicos. Outra ideia é emprestar dos familiares ou, ainda, acessar o Instagram a partir de algum computador da escola. Caso a instituição não tenha, o estudante pode observar as fotografias e fazer comentários em casa, por um *tablete*, *notebook* ou celular de algum familiar.

É importante que o nome do perfil utilizado pelo docente seja relacionado ao nome da escola, à disciplina Arte e à turma na qual leciona, podendo conter informações relacionadas à atividade proposta, ou seja, a exposição de fotografias de obras impressionistas e o estudo das cores. Todos terão acesso

a esse perfil (uma vez que ele será aberto à visitação) e poderão ver as postagens do professor de fotografias e imagens de obras impressionistas, comentando, opinando e aprendendo sobre elas.

Criado o perfil da turma, o professor deve criar um grupo e adicionar todos os alunos, clicando, na página inicial do aplicativo, no  cone “Direct”, arrastando o dedo para o lado e clicando no campo “+” para adicionar os perfis desejados; depois, deve clicar em “avançar”, no canto superior, enviando mensagens a todos para informar o objetivo da atividade e da criação do grupo, aspectos que também deverão ser mencionados em sala de aula. O aluno, então, confirma sua inscrição no grupo, cujo nome pode ser o mesmo do perfil da turma, como, por exemplo, “Turma de Arte 8D Colégio Estadual Algacyr Munhoz Maeder”. Esse grupo pode ser usado para enviar todas as etapas das atividades, além de ser um canal para sanar possíveis dúvidas dos alunos.

É importante que o aluno acione a opção “receber notificações de pessoas favoritas”, sendo esse um recurso do Instagram que permite que o usuário receba notificações sempre que outro postar ou repostar algum conteúdo. Para receber essa notificação do perfil da turma, deve acessá-lo e acionar a opção em “ativar notificações de publicação”.

No contexto educativo, as tecnologias podem funcionar como motivadores nos alunos da curiosidade, análises, discussões e interação, sendo um importante facilitador na busca do desenvolvimento de pesquisas, aumentando a aprendizagem. Moran (2012) destaca que utilizar a internet e, neste caso, a rede social pode promover uma construção cooperativa entre aluno e professor, realizando trabalhos e propostas em conjunto a partir de um cenário virtual, investigando diferentes objetos de estudo. Isso pode funcionar como uma forma diferenciada e mais atrativa para o ensino nas escolas e, como destaca Fofonca (2018), gerar novos saberes e metodologias que poderão se tornar importantes aliados no processo pedagógico. Para Aprobato (2018), o Instagram deve ser visto como uma forma de vínculo entre alunos e orientadores e entre o conhecimento aprendido e disseminado, permitindo que as exposições sejam realizadas.

Geralmente, as redes sociais são utilizadas para expor e compartilhar imagens pessoais e, muitas vezes, o conhecimento é deixado de lado em prol desse exibicionismo. As imagens visualizadas “viralizam” na internet de forma

muito rápida, por isso tentar usar esses recursos poderia favorecer a aprendizagem, tornando-a mais significativa e adequada à realidade do aluno. A partir do contexto destacado, ao refletir sobre as redes sociais e a necessidade de visibilidade midiática, é fundamental que os alunos vejam o Instagram não como uma opção de exibicionismo desestruturado, mas como uma possibilidade de exposição artística, considerando a subjetividade e a visão do próprio observador (APROBATO, 2018).

No caso do educador, ele deve aprender a utilizar ferramentas adequadas, como o referido aplicativo, para ter uma relação mais dinâmica no uso das tecnologias digitais, transferindo métodos tradicionais de ensino para outros mais modernos, considerando a amplitude do conhecimento. Isso tornará possível disseminar o aprendizado das aulas de Arte, trocando experiências e tendo como foco o tema central do Impressionismo e da teoria das cores.

6.3 FOTOGRAFIAS DE OBRAS IMPRESSIONISTAS NO INSTAGRAM

A partir da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2008; 2005), destacada em capítulo anterior, os alunos podem vincular a tecnologia do *smartphone* e dos recursos do Instagram com as características do Impressionismo e da teoria das cores, conforme as propostas de atividades do professor. Nessa perspectiva, é importante que um roteiro seja elaborado pelo professor, em consonância com os alunos, de modo a buscar agregar os conhecimentos aprendidos sobre a classificação e características das cores e do Impressionismo às possibilidades tecnológicas do *smartphone* e do Instagram.

Após a aula explicativa sobre o Impressionismo e as cores, os alunos podem se apropriar das características desse movimento artístico, como, por exemplo, os pintores que utilizavam várias cores para diferenciar as pinceladas, dando um resultado visual de um instante de luz, para testemunhar um acontecimento, uma cena, um espaço observado. Para tanto, o professor pode propor que inicialmente eles façam uma pesquisa no Instagram, mostrando um passo a passo de como proceder. Para isso, na lupa da busca, deve-se procurar por obras impressionistas amplamente, utilizando algumas *hashtags*, como “#impressionismo”, “#impressionism” e “#impressionist”, além de buscas mais precisas por artistas, como “#monet”, “#renoir”, “#castagneto” e “#eliseuvisconti”.

É possível encontrar também outras figuras do movimento impressionista, como “#manet” e “#degas”. Ao acessar essas publicações, eles terão diversas possibilidades de observar fotografias de obras de arte de Monet, Renoir, Castagneto, Eliseu Visconti, aqui citados, assim como artistas que participaram do movimento, mas não são tão conhecidos.

Segundo Bueno (2008), existem vários tipos de obra de arte; especificamente as realizadas pelos impressionistas podem abordar diversos temas, como retratos, paisagens, natureza morta, contextos históricos, religiosos etc. Enquanto Monet buscava destacar as paisagens naturais em suas telas, por exemplo, Renoir tinha nas cenas de *ballet* e nas bailarinas seu principal destaque. Dessa forma, é importante que os alunos saibam as diferentes características de cada artista, para que possam encontrar aproximações com algum interesse deles.

Os estudantes podem ter um tempo destinado para a pesquisa, encontrando diferentes e importantes artistas do movimento, buscando associar o conteúdo aprendido com o que é observado nas fotografias. Mesmo que não configure um contato direto com a tela, a possibilidade de observar as imagens e fotografias desses artistas é importante, vinculando, além de tudo, a cultura digital e a utilização do Instagram para tornar a proposta diferenciada e atrativa.

Deve-se observar que, apesar de o pintor e o fotógrafo executarem uma ação de uma pintura e uma fotografia, respectivamente, elas só serão de fato consideradas a partir de um viés artístico, conforme a observação, interpretação e conceituação do observador desse trabalho, ou seja, mesmo que esses indivíduos realizem suas obras com conceituações, a interpretação será do admirador.

A imagem é hoje um componente central da comunicação, com sua multiplicação e ampla difusão, com sua repetitividade infinita estes dispositivos fazem com que por intermédio de sua materialidade, uma imagem prolongue sua existência no tempo (BARBOSA, 2001, p. 75).

Cortelazzo (2008) fala sobre a importância de observar e estudar fotografias em uma aula de Arte, visto que essas imagens estão em qualquer lugar; por isso, “fazer a leitura delas torna-se primordial para melhor compreendermos o mundo no qual estamos inseridos” (p. 11). As fotografias são,

portanto, instrumentos de memória e recordação, sendo extremamente importantes para fins acadêmicos e escolares, como no caso tratado por esta pesquisa, auxiliando na construção e no entendimento dos objetos de estudo.

É importante destacar que, apesar de o aprendizado e o conhecimento ofertado pelo professor serem os mesmos para todos os alunos, Sontag (1973) indica que cada um assimila de forma diferente e a partir de subjetividades, bem como tem gostos pessoais diferenciados, revelando preferências que poderão servir de inspiração para executar as atividades.

Utilizar o Instagram pode ser uma importante estratégia de ensino e os alunos poderão encontrar nas fotografias as características das obras não somente de Oscar-Claude Monet, Auguste Renoir, como apresentado no capítulo 2, mas também de Alfred Sisley, Edgar Degas, Berthe Morisot, Paul Cézanne, Camille Pissarro, Armand Guillaumin, Albert Lebour, Gustave Cailebotte, entre outros. Por sua vez, partindo das experiências do aluno com o celular e com as redes sociais, o professor pode usar o Instagram para explorar as cores nas fotografias.

Efetuada a busca conduzida pelo docente, ele pode compartilhar no perfil da turma as obras encontradas, destacando na legenda os principais elementos, relacionando-os com a teoria das cores. Em seguida, é interessante solicitar, em sala de aula, que cada aluno comente as fotografias compartilhadas, de modo a acrescentar conhecimentos e melhor compreender o Impressionismo, as cores, os significados, classificação e intencionalidade. Esse passo pode ser importante para que os estudantes visualizem os compartilhamentos, encontrando diferentes percepções de análise e subjetividade e, a partir disso, realizando uma comparação com a sua própria percepção. Barbosa (1991) contribui nesse aspecto ao informar que, assim como a obra de arte, a fotografia precisa ser contextualizada, daí a importância de o aluno pensar e elaborar um comentário para a postagem, visando a explorar nessas circunstâncias o aprendizado, fazendo uma reflexão sobre o que vê nela.

Essa atividade pode contemplar inúmeros artistas, até mesmo aqueles que não são conhecidos por todos ou não tenham sido mencionados em aula, o que ampliará o conhecimento.

6.4 DESENVOLVENDO UMA EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE OBRAS IMPRESSIONISTAS NO INSTAGRAM

A proposta contempla a exposição de fotografias de obras impressionistas, podendo ser pautada, do começo ao fim, na busca pela aproximação entre o Impressionismo e a teoria das cores, descritos nos capítulos 2 e 3, respectivamente. O professor, ao postar as imagens no Instagram, como destaque ou como fotos fixas no perfil da turma, permite que sejam aplicadas “curtidas” nessas publicações, levando-as a ter mais destaque e visibilidade.

Essa exposição com fotografias pode ser considerada pelos orientadores de Arte uma das melhores formas de evidenciar a participação do aluno, valorizando o seu empenho, bem como permitindo que as publicações sejam admiradas ou até mesmo criticadas e analisadas por outros indivíduos, a partir dos meios de comunicação virtuais.

As tecnologias digitais entendidas como linguagem apresentam-se como aspectos significativos que devem ser engendrados nos processos contemporâneos de ensino e aprendizagem de arte. A cultura digital no ensino em consonância com o fazer artístico proporcionará, nessas esferas, o enriquecimento da prática pedagógica, diversificando-a com recursos que oferecem novas alternativas de interação e aprendizagem (BERTOLETTI; CAMARGO, 2016, p. 85).

Tendo como espaço o Instagram, os alunos podem continuar observando as criações (como nas fotos em destaque), gerando constantemente novos pensamentos críticos a respeito delas, ou seja, este trabalho poderá ser valorizado além de seu término. Cada vez que o discente observar uma das imagens, novos e diferentes conceitos poderão ser formados ou mesmo complementados, uma vez que cada olhar é diferente, mesmo que originado de um mesmo indivíduo.

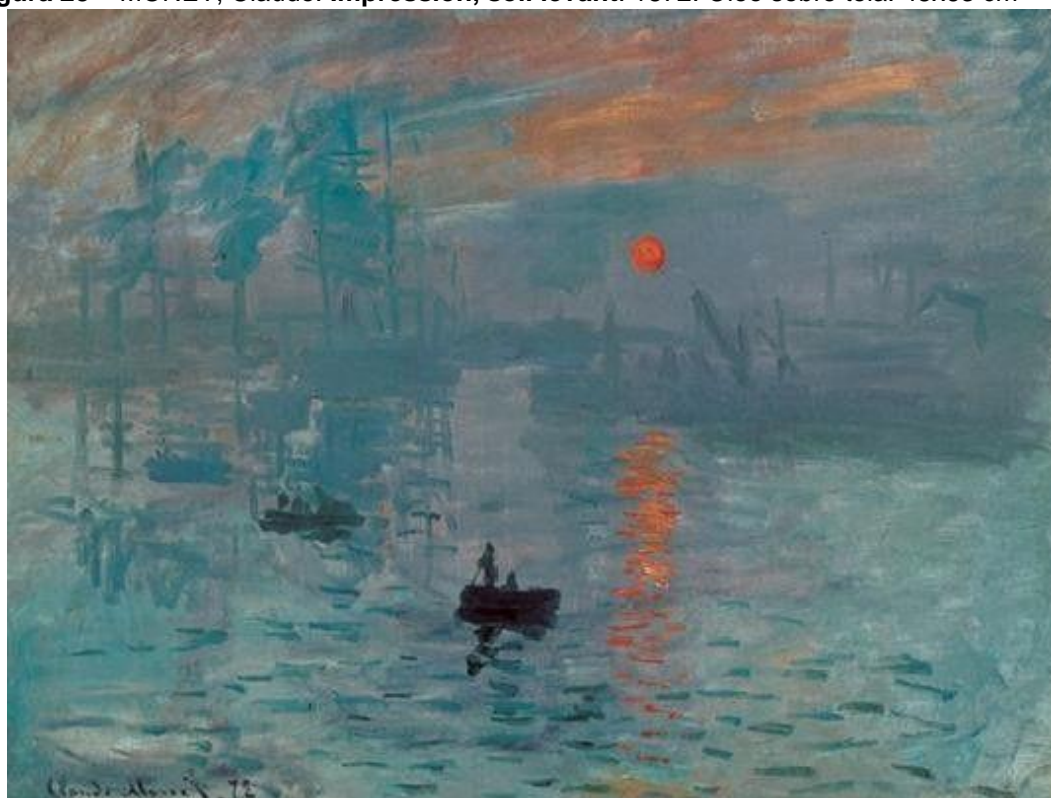
A proposta aqui explicitada apresenta uma fotografia da obra de cada artista impressionista destacado nesta dissertação, a saber: Monet, Renoir, Visconti e Castagneto, finalizando com a série de Monet *A Catedral de Rouen*.

6.4.1 ANALISANDO UMA OBRA DE MONET

Como sugestão para o professor de Arte, a atividade pode ser iniciada contemplando uma obra de Monet, visto que foi o pintor mais representativo do movimento impressionista. Considerada a obra mais importante dele, como já apresentado no capítulo 2, a fotografia da tela *Impression, soleil levant* é passível de diversas interpretações, o que pode ser utilizado pelo professor para iniciar e associar os conhecimentos aprendidos, agregando valores e conceitos.

Uma sugestão seria uma atividade dirigida, na qual inicialmente o professor compartilharia no Instagram a fotografia da tela de Monet, representada na Figura 28.

Figura 28 – MONET, Claude. **Impression, soleil levant**. 1872. Óleo sobre tela. 48x63 cm



Fonte: <<https://galeriecx.fr/toile-n8-impression-soleil-levant-claude-monet/>> Acesso em 22 nov. 2019.

Monet, nessa pintura, utilizou a cor azul em praticamente toda a tela; em um plano mais afastado e menos nítido, é possível observar embarcações com fumaça, que acaba se confundindo com as nuvens e o céu. Ao fundo, o grande destaque é o sol, numa esfera com tons alaranjados e perfeitamente nítidos, gerando, inclusive, reflexo da mesma coloração na água. Mais à frente, percebe-

se um barco com pinceladas menos nítidas e escuras, também refletindo na água. As pinceladas dessas cores complementares (azul e laranja) não apresentam contornos definidos, sendo mais sugeridas do que representadas. A pintura privilegia a rapidez do momento.

É importante que os alunos analisem essa obra do artista francês no Instagram, de modo a assimilar os conteúdos, realizando o estudo da tela a partir da teoria das cores. Sugere-se que o professor poste a seguinte legenda na imagem, para que os estudantes possam responder da maneira mais abrangente possível em seus comentários – também são sugeridas chaves de interpretação para as respostas deles:

- Na sua percepção, esta tela representa um amanhecer ou um entardecer? Argumente sobre esse entendimento, destacando a teoria das cores para justificar.

Possível interpretação: A composição das cores na tela pode dar a impressão tanto de um amanhecer quanto de um entardecer, principalmente pela posição do sol. Entretanto, com o destaque luminoso e brilhante do laranja na composição do sol, é possível pensar se tratar de um amanhecer. É importante destacar que o próprio nome da tela indica esse ponto de vista.

- Ainda se baseando na teoria das cores, como Monet parece ter realizado os reflexos e as sombras nesta imagem?

Possível interpretação: Os reflexos da água, causados pelo sol, são representados por pinceladas justapostas em tons de laranja e azul, a partir de técnicas de pintura onduladas. O mesmo ocorre com os reflexos dos barcos, também ondulados na água, utilizando o cinza.

- Como você percebe as cores quentes e frias na imagem? Em quais elementos cada uma delas está presente e a qual cor se referem?

Possível interpretação: As cores quentes estão presentes nas diferentes tonalidades de laranja no céu, no sol e no reflexo deste na água. As cores frias estão nas diversas tonalidades de azul, como no céu, na água, nas nuvens e na composição dos navios.

- E as cores primárias, secundárias e complementares, em quais elementos cada uma delas está presente e como?

Possível interpretação: O azul representa uma cor primária, estando presente no céu, no mar e nas figuras das embarcações, enquanto o laranja, uma cor secundária, dá destaque ao sol na composição da obra, estando presente também em seu reflexo na água. O laranja e o azul são cores complementares entre si, destacando e harmonizando ainda mais a pintura de Monet.

- Relate as sensações que você teve ao observar esta imagem.

Possível interpretação: A partir da observação da disposição das cores e tonalidades, é possível quase “sentir” o calor proporcionado pelo sol. O observador pode se sentir transportado para dentro da tela, sentindo até mesmo a brisa marítima, tranquilidade e calma.

Nessa tela de Monet, é importante que o aluno perceba que, assim como as obras impressionistas, não há um traço definido, mas, sim, o interesse pelo destaque de um instante único, com os efeitos das luzes na natureza, como nos reflexos na água. Entende-se, dessa forma, que o artista pintava a imagem como a percebia, e não buscando destacar a precisão do movimento; muito pelo contrário, ele visava à rapidez e espontaneidade.

Além disso, os alunos devem identificar, a partir da teoria das cores, a utilização das cores complementares, entre as tonalidades do azul e do laranja, destacadas na obra. Como informado no capítulo 2, os artistas desse movimento utilizam as cores complementares para fornecer um maior realce às suas pinturas.

Sobre a descrição das cores, são inúmeras as possibilidades; nesse sentido, a preocupação do educador com a atividade deve ser ampliar a memória visual do aluno ao examinar as fotografias. Segundo Alberts (2009), a interpretação das cores depende do contexto e da identificação da imagem, sendo uma estratégia somativa, visto que se trata de uma atividade que não inclui somente analisar as cores por papéis coloridos e tinta guache, como geralmente se faz na aula de Arte; é a análise da teoria das cores, a partir de fotografias de obras impressionistas.

6.4.2 ANALISANDO UMA OBRA DE RENOIR

Renouir pintou, em 1868, seu primeiro grande sucesso: a tela *Lise com sombrinha* (*Lise à l'ombrelle*) (NEWALL, 2011), representada na Figura 29.

Figura 29 –RENOIR, Pierre-Auguste. *Lise à l'ombrelle*. 1867. Óleo sobre tela. 118 x 182 cm.



Fonte: <<http://sammlung-online.museumfolkwang.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objec tId=3180&viewType=detailView>> Acesso em 22 nov. 2019.

A tela representa a figura feminina de Lise, posando para o pintor ao sol e protegendo-se da incidência dos raios solares com uma sombrinha preta, que segura em sua mão esquerda. A cena ocorre em um campo ou floresta, sendo possível destacar a sombra em seu rosto e uma maior luminosidade em seu vestido branco e no tecido fino e transparente (diversos tons de branco), que não estão protegidos do sol. A obra se destaca pela quantidade de detalhes,

podendo-se ver o tecido do vestido repuxado pela sombrinha, o brinco e a luminosidade. Outra característica importante é o uso de tons escuros no cinto, na sombrinha e no fundo da paisagem, além da saturação do sépia do forte ao fraco no chão da composição.

As sombras geradas pelas figuras não são pretas, uma vez que os artistas impressionistas abandonaram o uso do preto nos contornos. A preocupação era captar o instante em um momento único, registrando, também, o balanço do vento, representado na vegetação. Ainda, nota-se o contraste harmônico gerado pelo vestido branco com os acessórios escuros da personagem (sombriinha e laço do vestido).

A partir desse primeiro entendimento, pode-se direcionar a atividade da interpretação dessa obra de Renoir com os alunos com questões subjetivas e particulares. O professor pode postar a fotografia no perfil da turma, solicitando que os alunos abram a imagem e respondam ao roteiro de perguntas, da forma mais ampla e completa possível, para que esses entendimentos possam ser disseminados e vistos pelos colegas de classe:

- Em quais elementos as luzes e a sombra estão mais presentes?

Possível interpretação: É possível observar as sombras no rosto e no vestido de Lise, além dos próprios troncos da árvore. A luz solar está presente em seu vestido e em parte do gramado.

- Que elementos você consegue observar e destacar a respeito da teoria das cores?

Possível interpretação: A obra é composta pelo verde, representando o gramado (uma cor fria e secundária); o vermelho aparece em um tulle utilizado pela personagem e em seus brincos (uma cor primária e quente); as cores neutras estão representadas pelo branco (em seu vestido), preto (detalhes do vestido, como a fita) e marrom (troncos de árvores, especialmente).

- Ao observar esse cenário, descreva uma análise que pode ser realizada.

Possível interpretação: Lise pode estar utilizando sua sombrinha para se proteger do sol, o que é visível pela própria disposição das sombras em seu rosto e vestido.

- Em relação ao vestido de Lise, com a luminosidade do tecido deixando-o transparente, o que você percebe ao observar suas mangas longas? Qual é a diferença para o restante do vestido? Como seria esse tecido? Quais cores são percebidas nessa roupa?

Possível interpretação: As mangas do vestido possuem transparência, sendo esse o grande diferencial para o restante. É possível, inclusive, perceber a pele de Lise por baixo do tecido, bem como o formato de seu braço.

Para verificar se de fato houve assimilação do conteúdo sobre o Impressionismo e a teoria das cores, é importante que o aluno note a disposição da incidência da luz e os locais onde há sombra, destacando como esses elementos foram estruturados na pintura, conforme as pinceladas realizadas.

O contraste entre o vestido e os acessórios é fundamental para promover o destaque da pintura de Renoir; além disso, é preciso que o aluno se atente ao tecido das mangas do vestido, que é transparente em relação ao seu comprimento, proporcionando um detalhe único na figura da mulher.

Já sobre os sentimentos e sensações, são de caráter individual e subjetivo, conforme o olhar de cada observador.

Promover o compartilhamento das opiniões dos alunos em relação a todos esses elementos é fundamental para que o conhecimento seja ainda mais ampliado, visto que, a partir da observação, do diálogo e do auxílio do professor, a proposta metodológica poderá ser ainda mais desenvolvida e eficaz.

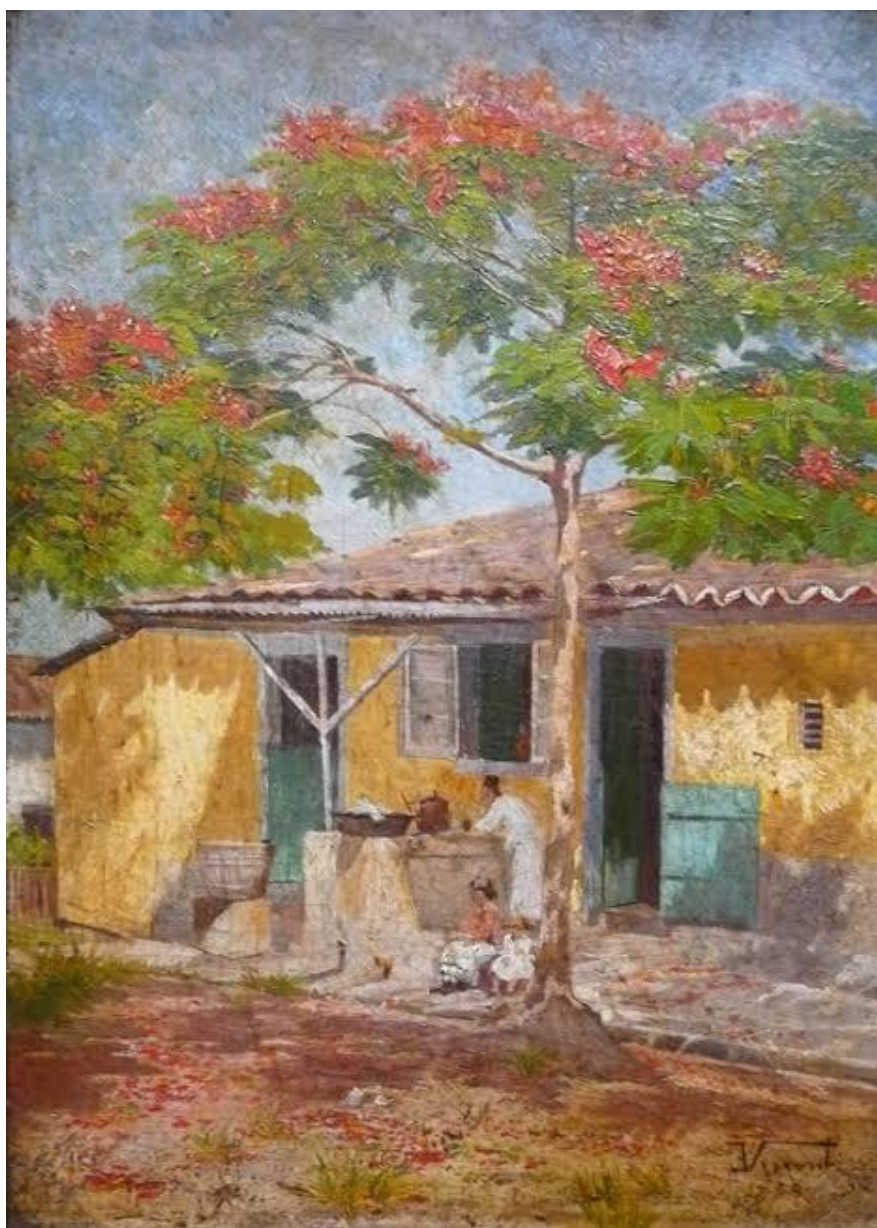
6.4.3 ANALISANDO UMA OBRA DE VISCONTI

A significação das imagens compartilhadas deve ser levada em consideração, tanto pelo aluno quanto pelo professor, podendo o Instagram ser uma importante tecnologia para desenvolver o processo pedagógico na

disciplina Arte, facilitando a aprendizagem segundo a realidade do aluno, um dos objetivos dessa exposição.

Conforme apontado no capítulo 3, uma das classificações das cores são as cores primárias, que podem ser observadas na obra de Eliseu Visconti *Paisagem com casa* (Figura 30). Ela pode ser uma obra interessante para os alunos compreenderem melhor essas cores, além de observar o contraste entre as cores quentes (vermelho e amarelo) e frias (azul e verde).

Figura 30 – VISCONTI, Eliseu. **Paisagem com casa**, 1890. Óleo sobre tela. 23 x 16 cm.



Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:EliseuVisconti-P579Paisagem_com_casa_\(2\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:EliseuVisconti-P579Paisagem_com_casa_(2).jpg)>.

Acesso em 02 jul. 2020.

Na imagem, observa-se o grande destaque para as cores primárias, em diferentes elementos: o amarelo nas paredes externas da casa, o verde nas folhas das árvores e o vermelho em outras folhas, dando a impressão de se tratar de uma representação da primavera em uma área rural. A imagem apresenta três figuras principais: duas crianças, próximas do tronco de uma árvore, que parece estar observando a paisagem, e uma mulher, possivelmente lavando roupas; logo atrás dela, há uma “mancha” na janela, que pode representar uma quarta pessoa.

O artista utilizou diferentes tons para representar as sombras das árvores e das folhas na parede da casa, assim como diferentes nuances de azul, cinza e branco para compor o céu. Nessa perspectiva, o professor pode mostrar ao aluno o efeito da cor na obra retratada, destacando as pinceladas soltas, espontâneas e rápidas que expressam a sensibilidade de um momento de observação do artista em uma cena de campo, destacando as folhas, que dão a impressão de movimento pela harmonia cromática utilizada.

Para a obra, pode ser usado o seguinte roteiro de perguntas para que os alunos respondam em forma de comentário na imagem:

- Quais elementos nesse cenário estão representados pelas cores primárias e pelas secundárias? Destaque cada um desses elementos, a respectiva cor e sua classificação.

Possível interpretação: As cores primárias estão representadas pelo vermelho (nas folhas das árvores), pelo amarelo (nas paredes da casa) e pelo azul (nas portas, nos batentes da casa e no céu). O verde é uma cor secundária, estando nas folhas das árvores e do chão.

- No seu entendimento, o que as personagens dessa cena parecem estar fazendo? Quais cores neutras são observadas nelas?

Possível interpretação: É possível perceber duas crianças sentadas perto da árvore central da paisagem, com cores neutras e fracas, possivelmente observando a natureza, enquanto uma mulher, em branco e cinza, parece estar lavando roupas, também

na área externa da casa. Algumas roupas parecem estar dentro de uma bacia.

- Observando a folhagem dessa paisagem, ela poderia estar se referindo a qual estação do ano? As cores observadas (frias, quentes, neutras) podem auxiliar nesse entendimento?

Possível interpretação: A imagem pode se referir à primavera, visto que as cores na vegetação (frias e quentes) estão extremamente vivas, com pouca folhagem caindo ao chão.

- Como as sombras estão representadas na imagem? Utilize a teoria das cores para explicar.

Possível interpretação: As sombras estão representadas principalmente nas paredes da casa, com diversos tons de amarelo. Percebe-se a claridade proporcionada pela luz do sol. As sombras são causadas pelas árvores e, principalmente, pelas telhas da casa.

É importante lembrar aos alunos que todos os questionamentos devem ser respondidos com comentários na postagem do Instagram, sendo esse um fator essencial para avaliar o conteúdo ensinado e a assimilação individual. Ao observar todos os comentários, os próprios alunos poderão perceber a subjetividade diferente de cada, assim como os acertos e erros mais pontuais, como na classificação das cores e nas características específicas do Impressionismo.

Por se tratar de atividades semelhantes e sequenciais, os estudantes podem agregar conhecimentos no decorrer dessas tarefas, evoluindo sua compreensão, gerando valores e percepções subjetivas e abstratas.

6.4.4 ANALISANDO UMA OBRA DE CASTAGNETO

Uma importante obra de Castagneto que pode ser utilizada para a realização e continuidade da atividade é a pintura *Navio ancorado*, de 1886 (Figura 31). Essa é uma das inúmeras obras marítimas de Castagneto, cujo tema representa o litoral brasileiro; por esse motivo, é interessante que os alunos

observem o reflexo nas águas e como ele foi reproduzido pelas pinceladas do pintor.

Nela, tem-se o destaque do amarelo, que é uma cor quente, tornando a paisagem mais vibrante e podendo até mesmo dar a impressão de que essa tonalidade é ocasionada pela incidência dos raios solares em dias ensolarados. O reflexo do barco e do tom de amarelo se dissipam na água, gerando a impressão de dimensão dos elementos presentes na tela. Já o barco aparece em tons escuros, como se fosse uma mera sombra no centro desse cenário representativo, e, mais uma vez, percebem-se as cores quentes como elemento central.

Figura 31 – CASTAGNETO, Giovani. **Navio ancorado**. 1886. Óleo sobre tela. 33x5 x 46 cm.



Fonte: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra21119/navio-ancorado>>. Acesso em 01 jul. 2020.

Como nas análises anterior, o professor pode compartilhar a imagem, elaborando e dirigindo a atividade, solicitando que os alunos utilizem o recurso de comentário a partir de seu próprio perfil na rede social, que pode ser

visualizado por todos os colegas, revelando a grande variedade e subjetividade de interpretações.

Os seguintes elementos podem ser pensados a respeito desta obra:

- O que esta imagem representa para você? Que sensações teve ao observá-la?

Possível interpretação: A cena pintada poderia representar o nascer do sol refletindo na água, ao observar a utilização das cores quentes, com tons de amarelo e laranja, remetendo a uma sensação tropical, como encontrada no Brasil.

- Quais características da teoria das cores podem ser destacadas nesta obra de Castagneto (cores primárias, secundárias, quentes, frias)?

Possível interpretação: As cores primárias estão representadas pelos tons de amarelo, indicando a luz do sol, e de azul, que aparecem nas águas e no céu. A cor secundária, o laranja, aparece também na representação da luz do sol. O azul representa uma cor fria, enquanto o amarelo e o laranja são cores quentes.

- Como você percebe os reflexos nesta imagem, as cores quentes e frias, a sombra e a luz?

Possível interpretação: Os reflexos são percebidos em pinceladas onduladas, nas cores quentes e frias, representando o navio ancorado nas águas, dando a impressão de que, apesar de estar parado, as águas se movimentam.

- Pensando na teoria das cores, como você consegue distinguir o céu do mar na imagem?

Possível interpretação: Como as obras impressionistas não utilizavam contornos, considerando a disposição das cores e tonalidades, percebe-se que o céu e o mar acabam se fundindo, sendo difícil reconhecer onde cada um inicia ou termina.

Além disso, os discentes podem distinguir os tons mais claros dos mais escuros, anotando as diferentes intensidades observadas. Isso é importante, pois, conforme destacado por Alberts (2009), o aluno ainda não possui um olhar treinado para decifrar as cores, sendo necessário realizar atividades que captem

isso. Para que todos esses elementos sejam intensamente estudados e abordados, tanto por parte dos alunos quanto do educador, é de suma importância que este estimule constantemente o processo criativo do aluno, que pode fazer reflexões e críticas acerca da obra em análise (no papel de apreciador da arte) ou da produção de quadros impressionistas (como observador da arte alheia).

A exposição de fotografias no Instagram, com acesso dos alunos, mostra o potencial que essa ferramenta possui, no sentido de ampliar a rede de conhecimentos e de contatos com alunos, pais e professores, com um mesmo objetivo, no caso, o Impressionismo e a interpretação pela teoria das cores das obras impressionistas.

Caso as respostas dos alunos sejam equivocadas (por exemplo, considerando o vermelho uma cor fria e o azul, uma cor quente), o professor deve elencar esses comentários e discutir em sala de aula, apontando os erros e indicando a interpretação adequada. Outra possibilidade seria a redução da nota final, caso o aluno não realize a atividade proposta, ou seja, não responda às análises na rede social. Ainda, caso um discente seja grosseiro em algum comentário, a mesma postura pode ser adotada, além de o caso ser reportado aos pais ou à direção escolar.

Enfim, a publicação dessas imagens no perfil da turma resultará em curtidas e comentários dos alunos, ampliando a conectividade e reflexão sobre a atividade proposta, tornando o procedimento pedagógico mais interessante e dinâmico, ou seja, os alunos poderão promover diálogo não somente em sala de aula, mas na própria postagem na rede social.

6.4.5 ANALISANDO A SÉRIE *A CATEDRAL DE ROUEN*, DE MONET

Em seguida, o professor pode utilizar o perfil da turma para postar uma imagem com 12 representações da Catedral de Rouen (Figura 32), feitas por Monet, porém com diferentes interpretações e características de cores. Essa atividade pode ser importante e interessante para os alunos compreenderem um dos aspectos mais presentes no Impressionismo e que mais o destacava dos demais movimentos artísticos: o registro de uma mesma paisagem em dias, horários e condições climáticas distintos, demonstrando que a mesma paisagem

pode ser vista de formas completamente diferentes, afetadas pela incidência da luz e sombra e pela diferenciação das cores (primárias, secundárias, quentes, frias, complementares e neutras). Nesse sentido, quanto mais luminosidade do sol, há mais clareza nas cores e, quanto menos luminosidade, mais sombras, tornando as cores mais escuras. Isso, entretanto, sempre depende da incidência dos raios solares ou das luzes artificiais.

Figura 32 – MONET, Claude. **A Catedral de Rouen.** 1990. Óleo sobre tela. 100x65 cm



Fonte: <<https://www.waldirbrnson.com/2019/03/a-experiencia-impressionista-da-luz.html>>
Acesso em 22 nov. 2019.

Dentre os elementos visuais, a cor, segundo Dondis (1998), é tida como a mais complexa e dependente do processo visual, que gera inúmeros

significados e subjetividades de informações e sensações. Ela tem, portanto, um valor simbólico para cada indivíduo, conforme experiências vividas.

A cor, além de ser um elemento muito utilizado na pintura como fenômeno perceptivo, está relacionada com os interesses e representação do pintor, sendo considerada o “toque final” da composição, podendo gerar diversos significados, visto que se trata da subjetividade e interpretação de cada um. Na imagem, observam-se cores policromáticas, tendo o artista procurado demonstrar os efeitos da variação da luz em mais de trinta telas.

O professor de Arte pode incentivar a análise das cores, habilitando o olhar do aluno em diferentes harmonias cromáticas, com comparações de diferentes obras impressionistas. Essas observações levarão o estudante a ver e interpretar de maneira diferente, treinando as percepções visuais. Nesse sentido, em uma obra de arte impressionista, o pintor desejava representar e transmitir significados do físico para o real, a partir da observação de uma imagem, se comunicando com o público. Ao observar uma paisagem, ela pode gerar diferentes sensações a cada indivíduo, ou seja, a percepção é de suma importância para a análise de cenários e imagens, não sendo somente um fator visual, mas também de caráter psicológico.

Os alunos, em seus comentários, podem evidenciar diversas observações e análises subjetivas relacionadas à teoria das cores e essa obra de Monet. Em seguida, um debate pode ser realizado, para promover ganhos mais significativos sobre o conteúdo apresentado e identificar qualitativamente o quanto assimilado o conteúdo foi até o momento, podendo servir, inclusive, para identificar possíveis dúvidas dos alunos ou elementos que ainda não foram bem compreendidos.

É importante que todos os discentes participem das atividades, visto que se trata do objetivo da exposição; assim, ela pode fazer parte do processo avaliativo, de modo que, caso algum aluno não participe dessas etapas, tenha sua nota bimestral reduzida. Já quanto às respostas equivocadas, fica a critério do professor reduzir a nota ou utilizar um caráter mais qualitativo, possibilitando, após o debate e nova assimilação da discussão, que essas análises sejam refeitas.

6.5 ANALISANDO E INTERPRETANDO A EXPOSIÇÃO IMPRESSIONISTA A PARTIR DA ABORDAGEM TRIANGULAR

Depois de postado no Instagram, nas aulas seguintes os alunos poderão novamente visualizar o conteúdo, promovendo uma discussão sobre a atividade apresentada, buscando o vínculo com os objetos de estudo.

O contato dos alunos com as artes visuais não ocorre somente a partir do sentido da visão, que gera a observação de determinada obra de arte, por exemplo. Ele se dá também a partir de outras formas, como a transmissão de determinado conhecimento oralmente, ou seja, quando o orientador repassa informações históricas e culturais ao aluno, e por linguagem escrita.

Uma boa compreensão das imagens é essencial para descobrir o significado visual presente em uma fotografia; segundo Barbosa e Cunha (2010), “o questionamento é a chave para acionar o processo cognitivo” (p. 217). Na observação, a dificuldade encontrada pelos alunos está relacionada a identificar a arte e saber apreciá-la, ou seja, fazer uma leitura da imagem observada.

Desta forma, acredito que quanto mais dermos a oportunidade aos nossos alunos para pensarem sobre o que estão vendo, mais preparados eles estarão para compreender os ensinamentos que lhes são transmitidos, mesmo que inconscientemente, por essas imagens (BARBOSA; CUNHA, 2010, p. 287).

Após a sua criação, como aponta Tomkins (2004), a exposição artística como um todo pode ser apreciada e reinterpretada, conforme a manifestação de sentimentos e pensamentos de todos os alunos e do professor. “A exposição é o espaço da troca de experiências, do diálogo, da discussão, da síntese. Enfim, a articulação dos elementos constituintes do sistema leva a concretização da exposição enquanto tal” (VÁLIO, 2008, p. 17).

A atividade proposta está relacionada com a criatividade e leitura da imagem na experiência do aluno com a observação. Sobre isso, Barbosa (1991) destaca a importância de alfabetizar os estudantes para a leitura de imagens e obras artísticas, possibilitando decodificar essa “gramática visual” (p. 34). A partir dessa atividade de exposição, o aluno se apropriar dos conhecimentos adquiridos durante as aulas de Arte e pode exercer o seu lado criativo e imaginativo com suas próprias apropriações e subjetividades, valorizando o seu

trabalho e interagindo com os colegas no Instagram. Tomkins (2004) afirma que isso significa que, por meio de debates, os alunos podem destacar seus apontamentos e interpretações, sendo o Instagram um espaço para interpretação.

Esta atividade será importante para que os alunos ampliem o conhecimento sobre o Impressionismo, conhecendo e analisando as obras de arte a partir da teoria das cores, tornando a atividade versátil e criativa. É interessante, também, que eles descrevam possíveis sensações que a imagem tenha causado a partir da observação individual, de modo a ampliar a percepção de todos. Esse compartilhamento de entendimentos e sensações é fundamental para construir a percepção artística dos indivíduos, que, posteriormente, poderão estar no papel de artistas. O espectador pode, ainda, entender a intenção do autor, a partir de interpretações, mesmo que não estejam explícitas na obra, assim como pode ocorrer a análise de algo que o autor não teve a intenção de passar. Por isso, diz-se que toda obra de arte é de cunho subjetivo e único, conforme a experimentação de cada indivíduo (VÁLIO, 2008).

É relevante que o discente busque descrever ao máximo as características que compõem a cena, destacando a teoria das cores e as características específicas da cena, com destaque para as cores primárias, secundárias, complementares, quentes e frias, além de buscar compreender como foram construídos elementos como sombras, reflexos e incidência da luz.

Nessa prática, os alunos podem pensar e confrontar as ideias dos colegas, produzindo um novo conhecimento a partir de muita observação. Sem dúvida, a leitura de imagens propicia experiências para a construção de muitos conhecimentos, além da percepção subjetiva das cores.

Consoante Barbosa (2008), a expressão “leitura de imagem” tem sido empregada para denominar o que se faz ao refletir sobre o que se está olhando, podendo esse olhar se tornar aprofundado, dependendo do conhecimento do aluno. Pela leitura de imagem e interpretações de fotos, como obras de arte, eles desconstruem o que já está pronto, reconstruindo e reelaborando as concepções de acordo com o contexto e a necessidade de cada um.

Barbosa e Cunha (2010) referem que a imagem envolve o universo de contextualizar, ler e fazer, vivenciando interações entre esses elementos, que compõem a abordagem triangular, podendo, segundo Recuero (2009), pela

internet solucionar problemas para a produção de respostas significativas, que poderiam responder aos problemas em questão, dando significado às interações no cotidiano do aluno.

Bueno (2008) aponta que é importante que o aluno exercite o olhar em uma tela, uma obra de arte. Entretanto, como dificilmente eles terão acesso direto a esses elementos, a fotografia é um excelente aporte para essas análises, na busca por elementos que possam dar significado às intenções do artista. Isso pode pelo destaque e cores predominantes, pelos elementos que compõem o cenário, pela descrição do local e dos elementos presentes, pela aparência das pessoas e demais características.

Diante disso, Barbosa e Cunha (2010) destaca que o aprendizado do aluno pode se valer do conhecimento triangular para analisar as imagens da internet. A partir das observações das fotografias e dos contextos, os comentários postados pelos alunos na exposição virtual podem ampliar as discussões, buscando aperfeiçoar o conhecimento sobre o Impressionismo. Nesse sentido, é fundamental que o professor eduque os discentes para a atividade, visando à concentração nela, sem que se afastem nos objetivos propostos.

Ainda, é importante haver respeito mútuo entre os colegas e o professor, para que a atividade não seja perdida. Para tanto, o professor pode estabelecer regras com os alunos antes das publicações e comentários, estipulando uma boa conduta. O orientador pode encontrar algumas dificuldades, como, por exemplo, discussões entre os discentes no Instagram, falta de habilidade em acessar, indisponibilidade dos meios eletrônicos; nesses casos, o professor deve orientar, como um profissional responsável, minimizando os entraves e possibilitando que a atividade seja seguida conforme seus objetivos.

Destaca-se a importância dessas atividades e análises de forma gradativa para a construção do conhecimento, sempre buscando vincular a cultura digital do Instagram com os objetos de estudo mencionados nesta dissertação: a análise de obras impressionistas a partir da teoria das cores. Nesse contexto, é de suma importância que a subjetividade de cada interpretação seja considerada para elevar e agregar conhecimento a toda a turma, ou seja, uma análise não deve ser vista como uma verdade ou inverdade

absoluta, mas compreendida a partir de contextos e significações individuais, que podem auxiliar na construção do conhecimento de todos.

6.6 O *FEEDBACK* E A AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE EXPOSIÇÃO IMPRESSIONISTA

A avaliação na disciplina Arte é complexa, porque pode envolver diversos instrumentos. Segundo Ana Mae Barbosa e Cunha (2010), é importante que ela seja realizada continuamente e durante todos os processos, de modo qualitativo e quantitativo, podendo se pautar em diferentes métodos, como provas, participações, a própria criatividade do aluno e outros instrumentos, respeitando o desempenho individual e coletivo, durante todo o ano letivo. Ao avaliar um aluno, o educador precisa deixar claros os critérios avaliados e os instrumentos utilizados.

Pela avaliação qualitativa, o professor pode perceber o nível de entendimento, conhecimento e assimilação dos conteúdos, a partir de diversas formas, como os próprios comentários dos alunos nas imagens postadas, considerando a percepção e a amplitude da conexão entre o Impressionismo e a teoria das cores.

Para avaliar as atividades desenvolvidas nessas metodologias, o professor possa se valer dos seguintes critérios e instrumentos:

1) Critérios

- Participação no Instagram: como esse recurso tecnológico é espaço de divulgação e análise das imagens desta proposta, é importante que os alunos tenham instalado no celular; caso não seja possível, utilizem o dispositivo de seus pais ou responsáveis ou mesmo realizem a atividade com algum colega que possua o celular. É preciso que eles participem ativamente de cada etapa proposta, realizando buscas a partir das *hashtags*, comentando nas imagens compartilhadas pelo professor e utilizando seus conhecimentos adquiridos ao longo da disciplina a respeito da teoria das cores e do Impressionismo.

- Responsabilidade nas atividades apresentadas: envolver-se com a atividade do começo ao fim é de suma importância para que a proposta de fato

seja realizada, sendo fundamental que os estudantes participem de todas as etapas.

- Leitura de imagem, interpretação e assimilação do Impressionismo e da teoria das cores: referente à análise das imagens, deve-se assimilar as obras impressionistas a partir da teoria das cores, considerando as pesquisas no Instagram e a postagem de comentários analíticos.

- Analisar as características do Impressionismo e as cores nas obras dos artistas: esta etapa pode ter início nas aulas teóricas sobre o movimento, as cores primárias, secundárias, frias, quentes, neutras e complementares, se estendendo até a etapa prática no Instagram.

Esses critérios deverão ser observados em uma análise qualitativa por parte do professor, verificando se os objetivos foram atingidos, para estabelecer a nota bimestral. Em caso de notas abaixo da média, é importante que o docente revise os conteúdos, para que haja assimilação do conteúdo por todos.

2) Instrumentos

- Análise de fotos e obras, a partir da publicação de comentários nas imagens.

- Participação em debates, que podem ser realizados pelo professor em sala de aula, após a análise das imagens de obras impressionistas no Instagram.

- Análise das cores nas obras impressionistas: uma das análises pode ser referente às interpretações subjetivas dos alunos sobre as cores nas obras impressionistas, ao observar as imagens postadas pelo professor.

O planejamento curricular de cada professor deve ser adaptado à necessidade e realidade da escola, observando o desenvolvimento dos discentes nas atividades, por meio da abordagem triangular na disciplina Arte. Desde a primeira aula, deve mencionar como será realizada a avaliação, para que os alunos estejam preparados e façam parte do processo.

Considerando esta proposta, a avaliação da disciplina Arte deve ser feita pela análise subjetiva das obras de arte impressionistas (a partir da postagem de fotografias dos quadros), destacando a classificação e características das cores, suas curiosidades, percepções, imaginação e reflexão acerca da imagem,

após todo o conteúdo teórico das cores e do Impressionismo explicado pelo orientador na aula, sendo o momento de o aluno provar que realmente aprendeu.

A atividade mencionada não deve ser vista como uma competição para classificar as análises conforme os acertos e erros ou a qualidade ou classificar como bons, intermediários e ruins, mas como uma possibilidade de expansão dos conhecimentos a respeito do Impressionismo e da teoria das cores. Os discentes devem estar cientes de que essa exposição se trata exclusivamente de acumular conhecimentos sobre a temática (a relação entre a teoria das cores e o Impressionismo), ampliando e valorizando o aprendizado individual e coletivo. É essencial que eles cumpram os objetivos estabelecidos para que esse conhecimento possa ser aprendido e disseminado criativamente, até por isso este trabalho será compartilhado na rede social Instagram, de modo a valorizar a atividade de cada aluno.

Indica-se que o docente avalie a atividade e a aprendizagem a partir do engajamento e comprometimento dos alunos com a atividade. Para isso, deve-se considerar a assimilação dos conteúdos discutidos e adquiridos individualmente e por vontade própria, percebido pelas publicações dos alunos e pela descrição realizada em cada fotografia, verificando se de fato atingiram o objetivo proposto pela atividade. A avaliação pode ocorrer também pelos comentários, legendas, *hashtags*, observações realizadas, percepções de assimilação dos objetos de estudo (Impressionismo e teoria das cores), interação entre os colegas e com o próprio educador, participação nas aulas de Arte, compromisso e comprometimento com o planejamento e a observação pela prática.

Enfim, nesta última fase, o *feedback* pode se dar pelo recurso do Instagram “faça uma pergunta”, visando a auxiliar na avaliação da metodologia proposta, permitindo que o aluno responda conforme a temática, podendo abordar também possíveis dúvidas que podem ter permanecido. O professor pode utilizar esse recurso de modo amplo, como um canal de comunicação com os alunos para sanar dúvidas relacionadas ao período do Impressionismo e à teoria das cores. Essa alternativa pode estimular a utilização dos recursos tecnológicos do Instagram, além de permitir ao aluno responder no próprio Instagram ou levar esses questionamentos para a sala de aula, para uma conversa em grupo.

Considerando o processo do aprendizado, fazer perguntas sobre a temática desenvolvida em sala de aula pode ser importante para verificar o desempenho individual e coletivo dos discentes. Além disso, a dúvida de um aluno pode auxiliar outros com maior dificuldade ou vergonha de expor seus questionamentos, ou seja, a pessoa que está perguntando pode também ajudar os colegas a sanar dúvidas em comum. Em suma, o ato de elaborar perguntas e se questionar auxilia no desenvolvimento e aprimoramento da assimilação do conteúdo, gerando aulas mais dinâmicas. Ainda, lembrando que o objetivo da exposição é que o aluno seja capaz de relacionar o Impressionismo com a teoria das cores, é preciso que o professor instigue seus alunos a ser mais críticos e pensativos, gerando e ponderando sobre questionamentos que possibilitem que o conhecimento seja ampliado e disseminado.

Como observado no terceiro capítulo, diversas são as características das obras de arte, da pintura e demais imagens de cunho artístico. Observar, analisar e interpretar as cores de uma paisagem ou um cenário é fundamental para compreender percepções e características fundamentais que tornam a imagem única e diferente de todas as outras. Nesse sentido, a abordagem triangular (BARBOSA, 2008; 2005) é passível de modificações e reinterpretções, podendo ser amplamente aplicada no contexto educativo e escolar, conforme as demandas e necessidades de ensino (BARBOSA; CUNHA, 2010), podendo ser efetivamente utilizada durante toda a atividade de exposição de obras de arte do Impressionismo e classificação das cores.

Por fim, destaca-se que a avaliação da disciplina Arte na escola pública tende a promover, segundo Freire (1996), a leitura de mundo, abordando a teoria e a prática de leitura da obra de arte (BARBOSA; CUNHA, 2010), questionando as descobertas e despertando a capacidade crítica. Para a avaliação e *feedback*, Barbosa e Cunha (2010) relatam que o orientador deve considerar a leitura de imagem, partindo daquilo que a obra diz, além de ressaltar que o ensino somente pode ser construído na coletividade, por isso se compreende que a aprendizagem pode ocorrer pelo uso do Instagram. Conclui-se, dessa forma, que a avaliação deve ser um processo de atividades e participação durante a exposição, buscando valorizar o conhecimento aprendido e disseminado e o processo de aprendizagem antes, durante e após a atividade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o interesse em estudar o Impressionismo deu-se a partir de uma aula lecionada na escola pública, na qual uma das alunas abordou questionamentos sobre as cores, gerando uma discussão significativa em sala de aula, que foi capaz de envolver os alunos e despertar curiosidades e interesses. Esse momento foi um motor propulsor que me estimulou a buscar mais conhecimentos a respeito da teoria das cores; diante disso, a partir da leitura de diferentes livros e referências sobre a temática, surgiu o vínculo com o Impressionismo. Isso ocorreu mais especificamente em um livro de Fraser (2007), no qual se abordam as cores em pinturas de diversos artistas impressionistas, destacando suas características e especificidades.

Em paralelo, comecei a cursar a disciplina Educomunicação, ministrada pelo meu orientador de mestrado; nessas aulas, pude elaborar um artigo sobre um aplicativo que permite alterar as tonalidades das cores nas fotografias. Essa metodologia foi utilizada com alunos do 8º ano do ensino fundamental, destacando o estudo das cores a partir de obras do Impressionismo. Com isso, foi possível vincular os dois objetos de estudo presentes nesta dissertação, considerando a subjetividade e interpretação de cada aluno.

O mestrado proporcionou um acréscimo significativo em minha carreira pessoal e profissional, mais especificamente, como professora de Arte de uma escola pública, lecionando para alunos do 8º ano. No decorrer dessa trajetória, a aquisição do conhecimento se tornou ampla, com estudos árduos para expandir o meu conhecimento artístico. Diversas foram as aulas, apresentações de seminários, artigos, grupos de estudos, palestras e outros eventos que permitiram perceber que o conhecimento prévio a respeito da teoria das cores e do Impressionismo estava estagnado, quando comparado ao ganho que essa trajetória acadêmica proporcionou.

A leitura expandida de diversos artigos, livros e outros materiais científicos e acadêmicos permitiu que o conhecimento fosse ampliado, de tal modo que pudesse repassar aos alunos em sala de aula. Compreender o período artístico do Impressionismo, destacando seus elementos culturais, cenário histórico e artistas de renome, aliando esses conhecimentos à teoria das cores, se mostrou um importante e interessante objeto de estudo para estimular o ensino de Arte

na escola, principalmente ao vincular esses contextos com o cenário tecnológico atual, que contempla a internet e as redes sociais.

Na atualidade, observa-se que na escola se compete pela liberdade e autonomia entre o espaço físico e cibernético, uma briga em que os indivíduos são manipulados pelas redes sociais. Entende-se que os professores competirem com essas novas tecnologias, como redes sociais e internet, é algo desvantajoso, desestimulante e inviável, porém não se pode evitar tal confronto, ante a aglutinação de inúmeros alunos nas redes sociais. Pensando nisso, foi proposta neste trabalho uma contribuição ao professor de Arte, considerando os conteúdos da disciplina e estratégias como o uso do Instagram, para despertar o interesse dos alunos e sua atenção pela aprendizagem, tornando esse ensino mais próximo da sua realidade.

Diante disso, o aluno deve ter regras claras quanto ao objetivo da utilização do celular em sala, para que o professor não tenha desgosto de perder a atenção no foco e objetivo da aprendizagem. Em geral, todos os estudantes possuem celular e compartilham muitas opiniões nas redes sociais, postando fotografias, mas saber compartilhar essas opiniões para promover conhecimento, reflexão e diálogo é um dos desafios do professor de Arte. Nesse sentido, os alunos precisam ser ensinados a ver, reconhecer, ler, contemplar, olhar fotografias para extrair os conteúdos referentes às cores e ao Impressionismo.

Impressionismo e fotografia dialogam mais do que se imagina. Inicialmente, a ideia surgiu pela proximidade temporal dos dois; no decorrer da pesquisa, descobriram-se outras influências mútuas dessas formas artísticas, como a relação da fotografia e seu referente, que pode ser identificada também em pinturas impressionistas; são o espelho do real e transformadores dele. Os impressionistas pintavam o que sentiam. Seus recortes da realidade, do dia a dia, eram modernos, com ângulos oblíquos e perspectiva de uma câmera; eram instantâneos um pouco menos velozes que as fotografias. Seus princípios são os mesmos: captar a luz, o movimento, a sensação. A proximidade com a fotografia era tanta que Degas a utilizou como estudo para algumas telas. Exatamente isso foi aqui feito: utilizaram-se as telas do movimento impressionista como inspiração para este estudo.

Entende-se que a fotografia é capaz de concentrar o olhar sobre o que é superficial, utilizando jogos de luz e sombra, além das cores. Entretanto, nem mesmo a mais potente lente ou câmera será capaz de captar toda a essência de uma paisagem ou cenário; dessa forma, o olhar do espectador é o mais valioso instrumento de análise. Descobriu-se o quão próxima da pintura a fotografia pode estar e aprendeu-se que as artes se misturam. A imagem fotográfica pode se assemelhar à pintura sem utilizar muita edição ou técnicas de manuseio da máquina. Assim, é possível retomar o diálogo do século XIX na contemporaneidade e produzir telas com a câmera.

Considerando todo o levantamento realizado nesta dissertação, é possível realizar apontamentos referentes a cada um dos capítulos e, conseqüentemente, respondendo a cada um dos objetivos específicos.

No capítulo 2, que tratou do Impressionismo, foi realizado um levantamento histórico do movimento, destacando William Turner como um importante artista, pioneiro do movimento e fundamental para a “descoberta” das cores e da relação com a luz, deixando de lado as ideias do academicismo. Além dele, Manet foi outro importante artista para a criação e expansão do movimento impressionista, sendo figura presente no convívio de muitos artistas.

Foram destacados quatro importantes artistas do movimento impressionista. O primeiro foi Oscar-Claude Monet, considerado o principal nome impressionista, tendo pintado, em 1872, a obra mais famosa do movimento: *Impression, soleil levant (Impressão, nascer do sol)*, que foi duramente criticada. Foi o responsável também pela pintura de algumas “séries”, como *Catedral de Rouen* e *Palheiros*, utilizando nuances que registravam diferentes instantes de exposição à luz solar, destacando que as cores podem ser percebidas diferentemente conforme a incidência da iluminação.

O segundo artista mencionado foi Pierre-Auguste Renoir, que retratava figuras humanas em diversos instantes do cotidiano, criando a impressão de movimento e harmonia em suas telas. Em suas pinceladas, ele era capaz de fundir as cores, tornando os elementos ainda mais destacados em suas obras. Uma de suas telas mais conhecidas, destacada no capítulo, se trata de *L'avant-scène (O camarote)*, pintada em 1874.

Pensando no cenário do Impressionismo no Brasil, foi destacado o terceiro pintor: Eliseu D'Angelo Visconti, considerado o precursor desse

movimento no país, tendo abandonado os preceitos da academia. Pintou uma de suas obras mais marcantes, *Retrato de Nicolina Vaz de Assis*, em 1904.

O quarto e último pintor foi Giovanni Battista Felice Castagneto, que também se destacou em território brasileiro, buscando retratar diversas paisagens naturais, com um gosto particular pelos cenários marítimos, como retratado em *Porto do Rio de Janeiro*, de 1884.

Nessas obras impressionistas, foram abandonadas as linhas, os contornos exatos e o preto. A perspectiva das figuras era proporcionada pelas combinações de cores, com pinceladas ágeis e coloridas, utilizando técnicas de sobreposição. Os impressionistas utilizavam a incidência dos raios solares e a disposição da luz em uma cena para formar uma imagem em uma tela. Dessa forma, a iluminação era essencial para a percepção das cores na retina do observador, ou seja, diferentes tonalidades poderiam ser observadas a partir da luz presente em cada elemento.

O capítulo 3, sobre as percepções visuais das cores, destacou o processo que ocorre na observação e interpretação da imagem na retina e a interferência da luz como um estímulo, para que sejam percebidas as cores, ou seja, a chamada “sensação” é gerada pelas diferentes cores e nuances. Assim, ao olhar para um objeto ou uma figura, na verdade se está observando a luz que ele reflete. Apesar de essa percepção das imagens e das cores ser entendida como vinculada ao sentido da visão, elas também transmitem diversos significados, atribuídos a partir de percepções individuais, como sentimentos, sensações e lembranças.

As cores já eram utilizadas na Antiguidade, com diversas finalidades e feitas de diferentes materiais, sendo encontradas em artes rupestres em cavernas, com tinta feita a partir de cera de abelha e plantas. Entre os importantes estudiosos que realizaram experimentos sobre cores, foram destacados: Leonardo da Vinci, Isaac Newton, Johann Wolfgang von Goethe e Thomas Young, tendo contribuído significativamente para a formulação dessas teorias.

Sobre as classificações e características das cores, o capítulo abordou principalmente as cores primárias, secundárias, quentes, frias, neutras, complementares, cromáticas, acromáticas e terrosas, utilizando algumas obras de artistas impressionistas para realizar discussões a respeito, demonstrando

que cada artista utilizava sua paleta de cores de modo diferente, porém sempre em telas coloridas.

Na teoria das cores, é de fundamental importância destacar que as combinações entre diferentes cores e nuances podem ser um elemento crucial para gerar potência em uma obra de arte, podendo causar no observador sensações diversas. No caso do Impressionismo, essas cores eram muito exploradas com pinceladas justapostas, visando a criar impressões e sensações, além de realizar demarcações, sem que, para isso, fossem utilizadas as linhas. Essas pinceladas coloridas destacam a possibilidade de diversos significados e interpretações a partir da leitura individual do observador, ou seja, a subjetividade é fundamental para a análise dessas telas.

Quando o professor de Arte ensina seus alunos em sala de aula a respeito da teoria das cores, permite que inúmeras possibilidades sejam criadas e adquiridas por eles. Ao se inspirar no Impressionismo, podem interpretar essas obras de arte a partir dessas classificações e características das cores.

O capítulo 4, referente às teorias da educação, tratou de algumas teorias que permeiam o campo educacional, auxiliando o professor no processo da docência e sendo fundamentais para o contexto escolar, elencando importantes autores, como Paulo Freire e Ana Mae Barbosa. Buscou-se identificar a necessidade de um ensino menos tradicionalista e mais abrangente, com metodologias de ensino diferenciadas e que possam ser aplicadas pelos professores. Entretanto, para que isso ocorra, é preciso que eles estejam atentos às estruturas curriculares e às possibilidades de modificações a partir de estratégias que colaborem com a prática docente.

Em relação à teoria de Paulo Freire, foi relatada a necessidade da redução de um ensino mecânico e de abertura para um ensino mais criativo e crítico, formando alunos questionadores, que assimilem os conteúdos e se sintam parte essencial do processo de ensino e aprendizagem. Uma importante estratégia é os professores construírem as metodologias de ensino em conjunto com os alunos, para que eles se sintam parte do processo e do produto. Nessa perspectiva, o diálogo se torna essencial e o professor é visto como um intermediador do conhecimento, na busca por sempre estimular os discentes a buscar o conhecimento e aprender cada vez mais, tornando-os menos alienados. Deve haver espaço para questionamentos, interpretações e

discussões sobre os conteúdos ensinados, possibilitando que eles sejam de fato aprendidos e assimilados, não apenas repassados em sala de aula de forma mecanizada.

Na teoria de Ana Mae Barbosa, a autora corrobora Freire ao destacar que é essencial que o aluno seja um componente do processo educativo. Além disso, em sua abordagem triangular, defende o ensino com cunho mais criativo e menos tecnicista, prezando que seja respeitado e estimulado o “fazer artístico” de cada aluno, pautando-se na contextualização histórica, apreciação e prática. Relacionando com o Impressionismo, essa abordagem pode auxiliar na apresentação e interpretação das obras de arte estudadas, uma vez que destaca que esses indivíduos devem observar e apreciar cada uma das telas para analisar e expressar cada elemento subjetivo nelas observado, realizando interpretações.

No capítulo 5, foram realizadas discussões a respeito das mudanças tecnológicas, que permitiram que informações fossem mais amplamente compartilhadas e disseminadas a partir de diversos recursos eletrônicos e virtuais. Nesse sentido, a internet surgiu como um elemento fundamental para proporcionar e ampliar a comunicação entre milhões de indivíduos, que passaram a se comunicar virtualmente, além de ser possibilitado o compartilhamento de conteúdos *on-line*.

Essas mídias, desde o seu surgimento, se tornaram essenciais e presentes no cotidiano e na sociedade, modificando até mesmo a rotina e o comportamento dos indivíduos. No contexto da educação, elas podem ser utilizadas em sala de aula, de modo a ampliar os recursos metodológicos do professor, modificando o ensino tradicional e podendo, dessa forma, estimular os próprios alunos a participar ativamente das aulas, visto que essas tecnologias geralmente estão incluídas em seu cotidiano.

Ao instigar a vontade de aprender dos alunos, utilizando metodologias com a inclusão de tecnologias em sala de aula, esses indivíduos podem se desenvolver melhor, visto que uma proposta inovadora, vinculada à possibilidade da tecnologia, pode ser um elemento diferencial para que eles se envolvam ativamente nas atividades. Nesse cenário de tecnologia, foram mencionadas as redes sociais como propulsoras para as aulas de Arte, destacando especificamente o Instagram como ferramenta metodológica.

Uma vez que se entende que o acesso, a análise e a observação das obras impressionistas pessoalmente são restritos à pequena parcela da população, buscou-se uma estratégia para assegurar o contato dos alunos com as obras de arte, no caso, fotografias dessas obras já publicadas na internet e, mais especificamente, na rede social Instagram. É preciso destacar que apreciar uma obra de arte virtualmente pode não ser uma experiência tão completa como uma observação direta, mas a disponibilização em ambiente virtual permite que milhões de indivíduos tenham acesso a elas; conseqüentemente, a arte consegue se propagar. Isso pode proporcionar ao professor de Arte uma possibilidade de fornecer um conteúdo atrativo e menos monótono, como no ensino tradicional.

O capítulo 6 contemplou o produto do trabalho e apontou possibilidades metodológicas de utilização do Instagram em sala de aula, no anseio por destacar o Impressionismo e a teoria das cores. A proposta pautou-se na busca por interpretações individuais e subjetivas dos alunos, a partir de uma “exposição impressionista” dirigida pelo professor de Arte.

Inicialmente, foi destacada a necessidade de o professor abordar os conteúdos em sala de aula, a partir de aulas teóricas, para que posteriormente a proposta vinculada à utilização da rede social fosse aplicada, o que envolveu a busca de imagens sobre o Impressionismo, de forma a ampliar as percepções dos alunos a partir do Instagram. Nesse sentido, foi apontada a necessidade de o professor criar uma conta nessa rede social com o perfil da turma, adicionando todos os alunos à lista de amigos, para divulgar as atividades e manter contato frequente. Para tanto, é importante que o professor verifique se todos os alunos possuem *smartphone* e o Instagram instalado; caso contrário, pode ser proposta uma atividade em duplas, trios ou mesmo solicitar o empréstimo do aparelho celular de algum familiar ou do computador da escola para realizar as atividades.

Na sequência de atividades proposta, o professor deve utilizar a lupa de buscas com *hashtags* como “#impressionismo”, “#impressionism” ou algum artista específico, para observar as fotografias de algumas obras e, a partir disso, realizar análises subjetivas considerando a teoria das cores. Os alunos devem acompanhar essas buscas, ou seja, a atividade deve ser dirigida por docente e replicada pelos alunos.

O passo seguinte é o compartilhamento no perfil da turma de alguma dessas imagens, solicitando que cada aluno faça um comentário, a partir da ferramenta de texto, destacando suas percepções individuais a respeito da obra. Nesse sentido, foi proposta a análise de quatro obras impressionistas, conforme os artistas destacados anteriormente, a saber: *Impression, soleil levant* (*Impressão, nascer do sol*), de Monet, pintado em 1872; *Lise à l'ombrelle* (*Lise com sombrinha*), de Renoir, pintado em 1867; *Paisagem com casa*, pintado por Visconti, em 1890; e *Navio ancorado*, pintado por Castagneto, em 1886. Além disso, foi destacada a possibilidade de analisar 12 telas da série *Catedral de Rouen*, pintadas por Monet, em 1890.

A partir dessa exposição, foram propostas algumas questões específicas sobre cada um dos quadros para resposta dos alunos, de modo que o professor realizasse uma avaliação e análise do entendimento e assimilação do conteúdo por parte dos alunos sobre os objetos de estudo, que foi o Impressionismo e a teoria das cores. Por fim, recomendou-se a utilização da abordagem triangular para interpretar e analisar as obras impressionistas, destacando as particularidades e subjetividades vinculadas à demonstração da aquisição e assimilação dos conteúdos propostos, resultando em *feedback* das atividades.

É importante destacar que, devido à pandemia mundial do novo coronavírus no ano de 2020, não foi possível realizar a aplicação de diversas atividades previstas em sala de aula, visto que tal situação gerou o fechamento temporário das escolas, conforme medidas provisórias governamentais, em respeito ao isolamento/afastamento social. Da mesma forma, não foi possível realizar essas atividades com alunos do ensino superior.

A partir da concepção desta dissertação, é possível que outros caminhos metodológicos sejam realizados de forma complementar. Poderiam ser sugeridas, por exemplo, atividades de campo para que os alunos utilizassem *smartphones* para fotografar paisagens ou cenas do cotidiano, se inspirando nas características impressionistas, podendo, inclusive, postá-las no Instagram para compartilhar com o professor e os colegas de classe, gerando discussões a respeito das teorias estudadas. Além disso, outros artistas do Impressionismo podem ser envolvidos na pesquisa e atividades, considerando a grande gama de pintores desse movimento e inúmeras obras de arte.

Finalmente, é preciso destacar que, apesar de esta proposta ser pautada inicialmente em atividades com alunos do 8º ano, a metodologia pode ser utilizada no ensino superior ou no ensino técnico, além de ser uma proposta interessante para estudar outros estilos artísticos, vinculando o estudo da teoria das cores e a utilização do Instagram, assim como outros aplicativos tecnológicos e redes sociais.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, T. G. A. #imagem e o #sujeito: a percepção da imagem a partir do Instagram. **Visualidades**, Goiânia. v. 13, n. 1, p. 126-145, jan-jun. 2015.
- AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- ALVES, J.M. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 21, n. 3, 2001.
- APROBATO, V. C. Corpo digital e bem estar na rede Instagram – um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.** v. 38, n. 95, jul./dez. 2018.
- BALZI, J. J. **O Impressionismo**. São Paulo: Ática S.A., 1992.
- BASBAUM, R. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2007.
- BENJAMIN, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, A. M. T. B. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva. Porto Alegre: Fundação lochpe, 1991.
- BARBOSA, A. M. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte. Coleção Arte e Ensino, 1998.
- BARTHES, R. **A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BAUMAN, J. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BUENO, L. E. B. **Linguagem das artes visuais**. Curitiba: IBPEX, 2008.
- BERTOLETTI, A.; CAMARGO, P. **O ensino das artes visuais na era das tecnologias digitais**. Curitiba: Intersaberes, 2016.
- BOCKEMÜHL, M. J. M. **W. Turner (1775-1851)**. O mundo da luz e da cor. Köln: Benedikt Taschen, 1993.

BOMFORD, D. The history of colour in art. In: LAMB, T.; BOURRIAU, J. **Colour: Art and Science**. 2. ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC / SEF, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Secretaria de Educação Fundamental. Caracterização da área de arte. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Cap.1, p. 19-43.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. —Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: Acesso em: 6 março de 2018.

BRASIL, MEC. CFE. Parecer nº 1.284/73, de 9 de agosto de 1973. Fixa conteúdos mínimos e duração do curso de Educação Artística. Brasília, 1973.

BRIDLE, J. **A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro**. São Paulo: Todavia, 2019.

BRUNER, J. S. **O processo da educação**. 10. ed. São Paulo: Harvard University Press, 1966.

BUENO, L. E. B. **Linguagem das Artes Visuais**. Curitiba: Ibpex, 2008.

BUORO, A. B. **O olhar em construção. Uma experiência de aprendizagem e de ensino da arte na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CAPATTI, B.; ADAMI, E. **Guia de leitura para o professor**. São Paulo: Edições SM, 2009.

CHAIMOVICH, F.O Impressionismo e o Brasil. **Moderno MamExtra**. São Paulo. v. 9, n. 7, Mai/Jul. 2017.

COELHO, M. G. P.; VIEGA, M. C. S.; ALVES, T. N. A. D. A. **Mídias: sociabilidades, práticas e significações**. Natal: EDUFRN, 2017.

CORTELAZZO, P. R. **Metodologia do ensino de artes: a história da arte por meio da leitura de imagens**. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.

CUNHA, A.S.T. **Ateliê de artes visuais: Pintura**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

D'AQUINO, F. **Artes Plásticas I**. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

DE SOUZA, M. V.; GIGLIO, K. **Mídias digitais, redes sociais e educação em rede: experiências na pesquisa e extensão universitária**. São Paulo: Edgard Blucher Ltda., 2015.

DONDIS, D. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martin Fontes, 1998.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 2001.

DUQUE, G. **A arte brasileira**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

ECO, U. **A definição da arte**. Lisboa: edições 70, 1972.

FARINA, M. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

FARINA, M. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. São Paulo: Edgard Boucher, 1994.

FIDELIS, G. O comportamento das bienais: apontamentos para uma psicologia do perfil institucional. In: Paulo Sérgio Duarte, org. **Rosa-dos-Ventos: posições e direções na Arte Contemporânea**. Porto Alegre, RS, Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul 2005.

FIGUEIREDO, A.; PIETROCOLA, M. **Luz e Cores—Física um outro lado**. São Paulo: FTD, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRANCASTEL, P. **O Impressionismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

FRASER, T.; BANKS, A. **O guia completo da cor**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOFONCA, E.; BRITO, G. S.; ESTEVAM, M.; CAMAS, N. P. V. **Metodologias pedagógicas inovadoras: Contextos da Educação básica e da Educação superior**. Curitiba: Editora IFPR, 2018.

FREEMAN, M. **O olhar do fotógrafo: composição e design para fotografias digitais incríveis**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

FROTA, A. J. **A luz, o tema e a temática: a relação impressionista nas pinturas de paisagens de Pinto Guimarães**. 2015. f. Dissertação (Mestrado em Teorias e

Interfaces Epistêmicas em Artes) – Instituto de Artes e Ciências – UFPA, Belém do Pará, 2015.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GAGE, J. **A cor na arte**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

GAMA, J. A. A. **Um estudo sobre o uso das redes sociais pelos docentes e discentes do ensino médio da rede pública estadual de ensino em três cidades do Tocantins**. 2019. 85 f. Dissertação (Mestrado em Modelagem Computacional de Sistemas) – Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, 2019.

GARCIA, I. O. S. **Bibliotecas no Instagram**: um estudo sobre o uso do aplicativo por unidades de informação. Monografia (Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

GOMPERTZ, W. **Isso é Arte? – 150 Anos de Arte Moderna do Impressionismo Até Hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOETHE, J. **Doutrina das cores**. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

GOMBRICH, E. H. **Arte e ilusão**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUIMARÃES, A. L. **Aprendizagem colaborativa e redes sociais: experiências inovadoras**. Curitiba: Appris, 2018.

IVES, C. French prints in the Era of Impressionism and Symbolism. **The Metropolitan Museum of Art Bulletin**, New York, NY, v. 46, n. 1, 1988.

IAVELBERG, R. **Para gostar de aprender arte: sala de formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LANIER, J. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1990.

- LOBSTEIN, D. **Impressionismo**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- LOPES, M. I. V.; KUNSCH, M. M. K. **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015.
- MAIA, M. V. **Alma Brasileira**. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobrás, 2000.
- MARTINS, P. G. C. A. **A comunicação e o desafio educacional para a geração *millennials* na “era *bios virtual*”**. 2018. 129 f. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, 2018.
- MASON, A. **No tempo de Renoir**. 2. ed. São Paulo: Callis, 2009.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix. 1964.
- MEYER, P. R. O Impressionismo e a luz dos trópicos, In: SILVA, R.M. **Sociedade e Natureza na História da Pintura no Brasil**. Rio de Janeiro: Rumo Certo, 2009.
- MEZRICH, B. **Bilionários por acaso – A criação do Facebook: uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição**. Belo Horizonte: Intrínseca Ltda, 2011.
- MIGNONE, F. **Educação é cultura**. MEC/FENAME. Editora Bloch, 1980.
- MODOLO, A. D. R. **Formas responsivas do Facebook: curtir, compartilhar e comentar a divulgação científica em rede social**. 2018. 448 f. Tese (Doutorado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MOLINA, A. H. **A influência das artes na civilização: Eliseu D’ângelo Visconti e modernidade na primeira república**. 2004. 445 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas, Letras e Artes) - Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2004.
- MORAN, J. M. **A integração das tecnologias na educação**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- NEWALL, D. **Impressionismo**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- OLIVEIRA, W. S. **Difusão de informações em redes sociais na internet: uma análise do grupo de sabafo formosense**. 2016. 52 f. Monografia (Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Universidade de Brasília – UnB, 2016.
- OROZCO GÓMEZ, G. **Comunicação e educação**. São Paulo: Moderna, 1997.
- OTT, R. W. **Ensinando crítica nos museus**. In BARBOSA, Ana Mae Tavares. **Arteeducação: leitura no subsolo**. - 8.ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

OSTROWER, F. **Universos da arte**. 32. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

OSINSKI, D.R.B. **Ensino de arte: os pioneiros e a influência estrangeira na arte-educação do Paraná em Curitiba**. 1998. Dissertação de Mestrado. Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

PARANÁ. Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná. Curitiba, 1990.

PIZANI, I. M. C.; OLIVEIRA, R. C. E.; O diálogo no processo de ensino e aprendizagem de acordo com Paulo Freire e Lev Vygotsky. **R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira**, v. 8, n. 16, 2017.

RAPOSO, M. T. R.; TIBAJI, A. O conceito de imitação na pintura renascentista e impressionista. **Revista Eletrônica Print**. Metavnoia, São João del-Rei, n. 1, p. 43-50, 1998/1999.

REWALD, J. **História do Impressionismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PANTOJA, S.; FERREIRA, R. **Evolução da Internet no Brasil e no mundo**. Ministério da Ciência e Tecnologia / Secretária de Política de Informática e Automação: Brasília, DF, 2000. Disponível em: <ftp://ftp.mct.gov.br/Biblioteca/1750-Evolucao_internet_Brasil_mundo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

PASSOS, I. V. A. **Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível**. Campinas SP: Papirus, 1995.

PEDROSA, I. **O Universo da cor**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.

PEDROSA, I. **Da cor a cor inexistente**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed Léo Cristiano, 2002.

POPPER, K.; ECCLES J. E. **O cérebro e o pensamento**. Campinas: Papirus, 1992.

PRETTE, M. C. **Para entender arte: história, linguagem, época, estilo**. São Paulo: Globo, 2008.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROMANATO, D. Cores: um duelo entre teoria e prática. **Revista Icônica**, Apucarana, PR, v. 3, n. 1, p.3-27, jan/abr. 2017.

ROUSSEAU, R. L. **A linguagem das cores: a energia, o simbolismo, as vibrações e os ciclos das estruturas coloridas**. São Paulo: Pensamento LTDA, 1993.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Meridional, 2009.

RECUERO, R. C. **Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 334 f.

RELVA, V. **A partilha de informação e a aquisição de conhecimento nas Redes Sociais: a utilização do Facebook e do Google+ pelos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**. Dissertação (Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 100 f. 2015.

RICHTER, R. M. **Redes sociais e comunidades virtuais de professores**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEET Paula Souza, São Paulo, 2011. 103 f.

ROCHA, G. C.; FILHO, V. B. S. **Da guerra às emoções: história da internet e o controverso surgimento do Facebook**. Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. IV Encontro Regional Norte de História da Mídia. Rio Branco – AC. 2016.

ROSA, N. S. S. **Retratos da ARTE: História da Arte**. São Paulo: Leya, 2012.

SAD FILHO, D. **A formação do arte-educador: diálogos e contrapontos entre arte e educação e suas ressonâncias no trabalho docente**. 2013, 140 f. Dissertação (Mestrado em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) – Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de São João Del-Rei, UFSJ, 2013.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. V. 11, n. 1. São Carlos-SP: **Revista Brasileira de Fisioterapia**, p. 83-89, 2007.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. **Algoritmos, Engajamento, Redes Sociais e Educação**. Acta Scientiarum Education. v. 42, 2020.

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. E. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporânea. **Sholos**. v. 6, p. 307-328, 2014.

SANTAELLA, L. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, E. **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec e Senac São Paulo, 2005.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação política**. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SCHAPIRO, M. **Impressionism: Reflections and perceptions**. New York: George Braziller, 1996.

SELIGMANN, M. "Fotografia é a destruição da história": Flusser e a vitória da memória sobre a história na era das imagens técnicas. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 21, n. 33, jan. abr. 2018, p. 1-15.

SERULLAZ, M. **O Impressionismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

SERULLAZ, M. **O Impressionismo: difusão Europeia do livro**. São Paulo: Saber Atual, 1965.

SILVA, E. A.; OLIVEIRA, F. R.; SCARABELLI, L.; COSTA, M. L. O.; OLIVEIRA, S. B. Fazendo arte para aprender: a importância das artes visuais no ato educativo. **Pedagogia em ação**, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2010.

SILVA, T. G.; LAMPERT, J. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. **Revista Matéria-Prima**. v. 5, n. 1, p. 88-95, 2016.

SILVA, C. C.; MARTINS, R. A. A teoria das cores de Newton: um exemplo do uso da história da ciência em sala de aula. **Ciência & Educação**, Bauru, SP, v. 9, n. 1, p. 53-65, 2003.

SILVEIRA, L. M. **Introdução à teoria da cor**. 2. ed. Curitiba: Editora UTFPR, 2015.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004. 287 p.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1973.

SOUZA, M. V.; GIGLIO, K. **Mídias digitais, redes sociais e educação em rede**. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2015.

SUMPTER, D. **Dominados pelos números**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

TONATO, E. **As redes sociais nos espaços escolares: mecanismos de socialização e construção do self**. 2015. 73 f. Monografia (Ciências Sociais) – Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Chapecó, 2015.

TOMKINS, C. **Duchamp: uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

VÁLIO, L. B. M. **Mapeando a complexidade da exposição de arte: é possível avaliá-la?** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008, 184 f.

VERMELHO, S. C.; VELHO, A; P; M.; BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, out./dez. 2015.

VILARINHO, L. R. G. **Didática: Temas Selecionados**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1985.

ZANCHETTA, L. Impressionismo: 230 anos de luz. **Ciência e Cultura**, São Paulo, SP, v. 56, n. 3, jul-set, 2004.

ZUIN, V. G.; ZUIN, A. A. S. O celular na escola e o fim pedagógico. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 39, n. 143, p.419-435, abr.-jun., 2018.